

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Carlos Bengio Neto

**As Distorções do Campo Cultural e o Acirramento das Ações Políticas
nas Mobilizações Estudantis**

Mestrado em Psicologia Clínica

São Paulo
2019

Carlos Bengio Neto

**As Distorções do Campo Cultural e o Acirramento das Ações
Políticas nas Mobilizações Estudantis**

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, pertinente ao núcleo Método Psicanalítico e Formação da Cultura. Área, prevenção e tratamento psicológico, sob a orientação do Prof. Dr. Alfredo Naffah

São Paulo

2019

Banca Examinadora

Para a honra dos meus pais.

E em especial para R'A'C,

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001" "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil"

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço à D'us, - o verdadeiro e único 'Mestre' do Universo -, pelas oportunidades de estudo, aos meus pais **Sr. Carlos Bengio Junior** e **Sra. Maria Cecilia Bengio** pelos suportes e incentivos, em especial pelas dedicações da **Sra. Yolanda Bengio** e **Sra. Evely bengio** sem as quais esse trabalho não seria possível.

Também agradeço pelas orientações do meu supervisor o **Prof. Alfredo Naffah Netto**, que com simplicidade soube conduzir minhas motivações ao grau de maturidade necessária para compreender das ideias de Winnicott, bem como a todos os colegas e professores da PUC-SP que ajudaram diretamente ou indiretamente; **Prof.^a Ida Kublikowski**, **Prof.^a Rosa Maria Tosta**, **Prof. Luiz Claudio Mendonça Figueiredo** e **Prof. Renato Mezan**. Obrigado aos demais membros da banca examinadora pelos auxílios e sugestões, **Prof. Oswaldo Henrique Duek Marques** e **Prof.^a Claudia Mazzini Perrotta**.

Agradeço também ao Sr. E'B, quem me ensinou a seguir em frente, a Sra. M'G'T e G'A que me possibilitaram contato íntimo com a psicanálise, também o **Sr. Leonardo Luiz** (professor Leo) e ao **Prof. João Paulo Barretta** pelos conhecimentos que me foram ministrados em supervisão e aula na graduação.

RESUMO

Este trabalho tem como propósito compreender alguns aspectos da “Mobilização Estudantil” ocorridas nas escolas secundaristas em 2016, com base em algumas ideias e discussões psicanalíticas de Donald Winnicott sobre a adolescência. Esse evento, de proporções nacionais, traz subjacentes motivações psíquicas que foram trabalhadas, na abordagem feita por nós, de modo a se relacionarem com a qualidade ambiental no âmbito escolar e com o futuro da qualidade do jogo político democrático. Para tal, metodologicamente, dispusemos do documentário *Escolas em Luta*, de Eduardo Consonni *et al*, que apresenta essa mobilização estudantil, que se tornou filme, contando com a presença e relatos dos líderes da movimentação no local da exibição. O conceito-chave utilizado nesta pesquisa é o de objeto e espaço transicional, entendidos como condições para a experiência cultural: o cinema e seus argumentos análogos à experiência do sonho; a escola e a sala de aula com sua qualidade ambiental humana; a internet como espaço virtual a ser, culturalmente, integrado à experiência. Buscamos, neste trabalho, analisar, também, as falhas ambientais entendidas no contexto da adolescência e que abrangem a problemática das tendências antissociais trabalhadas na psicanálise de Winnicott.

Palavras-chave: Psicanálise, Donald Winnicott, Adolescência, Espaço Transicional, Experiência Cultural.

ABSTRACT

The objective of this study is to understand some aspects of the “Student Mobilization” movement that occurred in secondary schools in 2016. This work uses some ideas and discussions of the psychoanalyst Donald Winnicott as a base to approach this event of national proportions. The research contains motivations that, by using Winnicott’s approach about adolescence, are related to the quality of school environments and the future of the democratic political game. For this, methodologically, we present the documentary “Escolas em Luta” (Schools in Struggle) by Eduardo Consonni et al, that captures, in a cinematographic production, this student mobilization and the presence and live reports of the leaders of the movement at the place of the exhibition. The key concept used in this research is the object and transitional space, understood as conditions for the cultural experience: the cinema and its arguments are analogous to the experience of a dream; the school and the classroom with its human environmental quality; the internet as a virtual space to be culturally integrated with experience. We also analyze environmental failures, understood here in the context of adolescence, that explore problematic antisocial tendencies identified in psychoanalysis by Winnicott.

Keywords: psychoanalysis, Donald Winnicott, adolescence, transitional space, cultural experience.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O LAR A ESCOLA E A DEMOCRACIA	13
3. PROBLEMA DE PESQUISA	24
3.1 OBJETOS DE PESQUISA, TRANSICIONALIDADE E RELEVÂNCIA.....	26
3.2 PERGUNTA DE PESQUISA	27
4. METODOLOGIA: DA ESCOLA AO CINEMA.....	28
4.1 PROCEDIMENTO	31
4.2 CAPÍTULO 5 – SOBRE A LÓGICA ADOLESCENTE.....	33
4.3 CAPÍTULO 6 – SOBRE O ESPAÇO VIRTUAL NO AMBIENTE ESCOLAR.....	34
4.4 CAPÍTULO 7 – SOBRE O JOVEM FREUD.....	35
4.5 CAPÍTULO 8 – SOBRE OS DESTINOS DA AGRESSIVIDADE ADOLESCENTE.....	36
4.6 CAPÍTULO 9 – SOBRE O CAMPO CULTURAL E A QUALIDADE DOS SEUS OBJETOS.....	37
4.7 CAPÍTULO 10 – SOBRE O MEDO DO COLAPSO E O COLAPSO REAL DO CAMPO CULTURAL.....	40
4.8 CAPÍTULO 11 – SOBRE O GESTO ESPONTÂNEO E A COMUNICAÇÃO NO CAMPO CULTURAL.....	43
5. A ADOLESCÊNCIA E SUA LÓGICA	47
6. O ESPAÇO VIRTUAL NO AMBIENTE ESCOLAR	50
7. O JOVEM FREUD	55
8. OS DESTINOS DA AGRESSIVIDADE ADOLESCENTE	59
9. O CAMPO CULTURAL E A QUALIDADE DE SEUS OBJETO.....	64

10. O MEDO DO COLAPSO E O COLAPSO REAL DO CAMPO CULTURAL.....	71
11. A COMUNICAÇÃO NO CAMPO CULTURAL - UM GESTO ESPONTÂNEO.....	81
12. ANÁLISE I: TEXTURA IMPLÍCITA DO ARGUMENTO FÍLMICO.....	92
13. ANÁLISE II: A TEXTURA SIMBÓLICA DO ARGUMENTO FÍLMICO.....	96
14. ANÁLISE III: TEXTURA EXPLÍCITA DO ARGUMENTO FÍLMICO.....	102
CONCLUSÃO	108
REFERÊNCIAS	111

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2007, meu último ano no ensino médio, eu estudava em uma escola de bairro, católica, relativamente antiga. Naquele período, mesmo passando por momentos turbulentos, em parte, pela idade 17-18 anos, em parte, por problemas pessoais, eu não pude deixar de notar que o conteúdo ministrado em aula, sobretudo, nas disciplinas de humanidades, mostrava-se muito diferente, também os materiais didáticos refletiam essas mudanças. À época, parecia que as respostas para os grandes enigmas da história e do pensamento humano tivessem sido encontradas; os culpados e as vítimas, ambos, eram apresentados com ideologia, cor, raça e classes sociais definidas, portanto, as soluções apresentavam-se tão óbvias quanto às respostas.

Logo notei que algo grande estava acontecendo. Eu era um adolescente peculiar, passava as tardes me aventurando no mundo da filosofia, por minha conta e risco sem ter consciência dos riscos. Sabia que se a história estava sendo contada de modo diferente, isto é, enaltecendo os ‘fracos’ e justificando ideias e políticas pela mobilização dos ‘ressentidos’, então, havia mudado ou parecia em processo de mudança. Lamentavelmente, eu não pude sustentar esse *insight*, pois os riscos dessa aventura filosófica não foram bem calculados por mim. Já a conta, esta foi paga ao psicanalista, muito cara por sinal! Esse foi o preço por buscar, precocemente, esse tipo de conhecimento em detrimento de questões infinitamente mais relevantes para a minha idade, como: onde encontrar um grupo de amigos e uma namorada.

Ao final dessa análise, que durou 6 meses, eu tive um sonho, do qual nem eu nem a analista conseguimos uma interpretação satisfatória. Ainda bem! Foi o que ocorreu, por exemplo, com uma correspondência que foi parcialmente aberta, permanecendo, por 11 anos, guardada e esquecida. Hoje, recentemente eu a encontrei, e seu conteúdo me inspirou a formular um problema, propor um método e confiar nele.

No meu sonho, eu estava sentado em uma poltrona, num cinema. Assistia, passivamente, a um filme sobre um navio que naufragava. Meus colegas espectadores eram mortos-vivos. Num dado momento, pouco antes do final do filme, eu me levantei da poltrona convencido da falsidade do que me estava sendo apresentado; dirigi-me, então, até porta de saída, quando, para meu espanto, eu estava, agora, vivendo o naufrágio do navio e, portanto, não mais assistia ao filme sobre o que acontecia dentro do navio; era, também, um personagem real.

Obviamente, esse sonho apresenta, em sua essência, uma estrutura ambígua. Eis, por isso, o dilema ético em que sou colocado: escolher viver verdadeiramente, a tragédia, ou permanecer um espectador passivo subjugado por uma imagem virtual diante de uma falsificação mortificante da vida. Nota-se, entretanto, que nenhuma das escolhas altera o curso da tragédia: de qualquer maneira, o navio está afundando e não há nada que se possa fazer quanto a isso. Isso o quê?

Estamos envelhecendo, isto é, a vida está passando, cada dia, vivemos e morremos mais, nossos sonhos morrem e o fim da ‘vida’ é absolutamente certo; é só uma questão de tempo. Como duas faces de uma mesma moeda, nesse sentido, trágico, quanto mais intensamente à vida se dispõe para mim e eu para ela, também a duplicidade que contém a morte apresenta-se em cores bem vivas, isto é, diferente do conforto anestésico da poltrona do cinema.

Semelhantemente ao que ocorreu no filme em que o navio naufragou, não estaria a nossa democracia submergindo? Merece análise e atenção o sistema educacional do nosso país. Isso não parece fazer parte de um trágico naufrágio que fingimos não estar acontecendo? Mas está! E eu devo lembrar, sem querer causar pânico, que, realmente, são as nossas ‘vidas’ que estão experimentando tudo. Do ponto de vista ético, podemos pensar em aceitar e amar os fatos da vida, entendendo que a tragédia é, sim, uma dimensão inerente à existência humana no mundo, mas não é tudo.

Esse imperativo ético, por mais bonito e encorajador que seja, está incompleto, pois ele não explica a ambiguidade da tragédia humana dentro de um paradoxo ainda maior, anterior à minha capacidade de julgar, isto é, de valorar minha experiência com o fluxo da vida, isto é, em termos de ‘bem’ e ‘mal’, ‘positivo’ ou ‘negativo’. O paradoxo maior advém da confiança de que tudo – absolutamente tudo – o que vem, vem para o bem, pois, do contrário, tratar-se-ia apenas dos meus juízos estabelecendo parâmetros.

Viver de verdade está além do que me organiza, portanto, além de mim e das minhas experiências organizadas pelo meu Ego; viver é, pois, temperar as reviravoltas da vida, dito de outra forma: viver de verdade é amadurecer.

Não é passivamente ‘dourar a pílula’, nem, destemperadamente, ater-se aos polos que caracterizam toda a ambiguidade da existência humana em sua tragédia, mas, sim, permitir, instintivamente, um gesto espontâneo, que justamente por ser espontâneo, sincero, não permite afirmar ser sua essência ‘de vida’ ou ‘de morte’; pois este é um juízo estabelecido a posteriori.

Sobre um gesto espontâneo, por ser imprevisível, nada se sabe, muito menos suas consequências, exceto a necessidade de coragem para sustentá-lo até o final. Podemos, a partir de um filme, sentir, brincar, discutir e, criativamente, tentar encontrar maneiras de impedir o “naufrágio”; quem sabe, posicionando-se assim, mantemo-nos bem, vivos de verdade, e, acordados, pelo menos, enquanto nos for dada essa oportunidade. Para que a percepção dor ‘de viver e de morrer’ não ofusque o brilho da criação autêntica.

2. REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O LAR A ESCOLA E A DEMOCRACIA

Os sentimentos inconscientes governam o corpo das pessoas em momentos críticos, e quem pode decidir se isso é bom ou mau? É apenas um fato, que deve ser levado em conta o tempo todo por políticos racionais para se evitarem choques desagradáveis. (D.W. Winnicott, 2005, p. 167)

Quando uma instituição responde à pergunta: “O que é o homem?”, a resposta é logo prefixada pela definição filosófico-conceitual e jurídico-política. Desse modo, ficamos sabendo que o homem é um “animal racional”, um “um animal político”, um “sujeito responsável juridicamente”, portador de Registro Geral (RG) e Cadastro de Pessoa Física (CPF). Todas as instituições estipulam alguma demarcação para o homem, determinam seu lugar, segundo a lei, na sociedade, como uma régua que predetermina as suas medidas.

Não é diferente em relação ao lar. Uma criança precisa viver em ambiente adequado para ela, nesse sentido, as relações com a mãe constitui a primeira “vivência institucional”, quando são fixadas demarcações importantíssimas para vida humana: a delimitação precisa e integrada da experiência no tempo, a noção de espacialidade adquirida pela criança que, por sua vez, depende também da integração psicossomática, ou seja, da constituição de uma “borda psíquica” que reveste o corpo e que provê parte do sentimento de ‘ser um’ indivíduo real.

Contudo, aqui, a resposta para a pergunta “O que é o homem?” não funciona como em outras instituições. Explico: a resposta do que venha a ser o homem depende primeiro, da permissão para que ele simplesmente ‘seja’, seja lá o que ele for. Um bebê tem um ritmo pessoal, próprio, e, as respostas prefixadas devem ser dadas respeitando esse ritmo.

Mutatis mutandis, é o que ocorre com a democracia, caracterizada pela participação ativa das pessoas, isto é, de seus cidadãos, que se tornam “responsáveis” ao fazerem parte das instituições. Participando de qualquer que seja a instituição, o homem não está pronto. Queremos dizer com isso que ele não está acabado. E do mesmo modo que uma mãe confia nos gestos de seu bebê, uma sociedade saudável permite, até certo ponto, expressões políticas.

É curioso, ninguém está autorizado a escolher o número do seu RG, mas as pessoas podem, na democracia, não só escolher seus líderes, como também, debater ideias, sugerir a criação de leis, divulgar todo tipo de informações vitais para a condução do país.

Nesse sentido, o ambiente escolar tem um papel fundamental, visto que ele pode e deve ser pensado como um ambiente facilitador do desenvolvimento emocional da criança. Isso é especialmente verdadeiro na adolescência, pois é quando a experiência cultural precisa ser integrada e também ampliada e desenvolvida a partir dos ambientes anteriores, condicionados ao que Winnicott chama de o “bom lar comum”.

Essa condição também se baseia na crença fundamental, por parte dos professores, de que os alunos que chegaram à escola se desenvolveram emocionalmente nas etapas anteriores. Isso é assim a despeito da veracidade da crença. (ARAÚJO, 2007), ou seja, nesse desdobramento, há uma dupla relação e condição de dependência ao primeiro ambiente maturacional: tanto em relação ao aluno, que precisa passar pela primeira etapa, quanto aos professores, que precisam de alguma dose de confiança em relação a esse primeiro ambiente. Mas o que é esse primeiro ambiente do qual as outras vivências vão se desdobrando?

Para Winnicott, qualquer experiência cultural é “(...) uma ampliação da ideia dos fenômenos transicionais e da brincadeira.” (WINNICOTT, 2000, p. 138). Dessa forma, é preciso que tanto os fenômenos transicionais, quanto as brincadeiras, estejam “potencialmente” garantidos no que o autor chama de “espaço potencial”.

Segundo Loparic, o espaço potencial é o bebê, ele mesmo, em seu próprio brincar. Trata-se, portanto, de uma primitiva experiência de ilusão que funde o espaço-tempo antes mesmo dos modelos representacionais e da separação do mundo instintual interno em relação ao mundo externo (LOPARIC, 1996, p.36).

Segundo Winnicott, “o espaço potencial acontece apenas em relação a um sentimento de confiança por parte do bebê, isto é, confiança relacionada à fidedignidade da figura materna ou dos elementos ambientais” (WINNICOTT, 2000, p. 139). Dessa forma, a cultura é entendida como tradição herdada, vinculada a um sofisticado processo saudável de maturação no qual parte da vida instintual é conservada. Nessa possibilidade de transmissão da experiência cultural é que a adolescência ocorre como uma repetição explosiva de questões da infância primitiva, agora objetivando vivências de confrontação ambiental, na busca por algo verdadeiro, bom e confiável porquanto sobreviva a certas investidas agressivas.

Acreditamos, portanto, que, para compreender a qualidade transicional dos ambientes escolares, nós devemos destacar a adolescência, especialmente suas tendências e necessidades em relação ao ambiente, pois há, nesse estágio, uma ressonância muito especial dos percursos anteriores do amadurecimento, e, por esse motivo, grande riqueza e intensidade em relação às ocorrências emocionais que demandam das escolas e professores.

Destacamos também que é nesse período do desenvolvimento que surgem importantes questionamentos políticos, filosóficos, religiosos e até existenciais, que podem contribuir em longo prazo, para o enriquecimento da cultura e dos processos democráticos. Tomando os escritos de Winnicott sobre a sociedade, não é possível encontrar uma teoria ou pensamento sistematizado.

Segundo Outeiral, Winnicott trabalha com sistemas abertos, verdadeiros rabiscos que convidam o leitor a “brincar” com os estímulos fornecidos: “Por isto é necessário que o leitor dos trabalhos deste notável clínico que foi Winnicott tenha disposição para “brincar”, para *play* (um brincar espontâneo criativo e prazeroso)”. Essa investigação deve seguir essa disposição (OUTEIRAL, 1996, p. 72).

Essas mesmas reflexões destacam a relevância dessa pesquisa em nosso contexto social e cultural, pois é possível pensar que a observação da deterioração dos fatores de saúde social (chamados de fator democrático inato) esteja comportada na qualidade dos ambientes maturacionais estendidos a partir do lar (WINNICOTT, 2010), os ambientes que sustentam o paradoxo que constitui o brincar e a experiência cultural até o final a vida do indivíduo.

Para o autor, uma sociedade em processo de democratização é essencialmente composta pela soma de indivíduos em processo de amadurecimento pessoal (WINNICOTT, 2005). Tudo depende da não interrupção desses processos de maturação no “bom lar comum” de onde “tudo procede” (WINNICOTT, 2005, p. 257). Com isso, pode-se indagar sobre a repercussão resultante de ambientes maturacionais danificados com a preponderância de personalidades antissociais/psicóticas de tipos explícitos e ocultos, incapazes de participarem e contribuírem em favor dos processos de democratização.

Winnicott, nessas reflexões, nunca esteve seriamente preocupado com aspectos sociológicos, nem com fatores da macroeconomia e da macropolítica em geral, mas, sim, com algumas reflexões instigantes, que ele nos deixou: a sociedade é vívida, e, portanto, pensada a partir de círculos concêntricos cujo núcleo central inicial é o lar. Daí, abrem-se todas as relações de confiabilidade entre pessoas nos vários círculos que se desenvolvem: comunidade, bairro cidade e em todas as instituições que participam e contribuem para o amadurecimento pessoal, do mesmo modo que o manejo clínico no *setting* analítico dos psicóticos considera como fundamental as relações de confiabilidade vivenciadas entre pessoas, como, por exemplo, no caso descrito no livro “Holding e Interpretação” (WINNICOTT, 2010).

Então, de forma análoga, os processos democráticos podem ser analisados aferindo a qualidade dos vínculos de confiança entre as pessoas em vários recortes possíveis: ambiente do lar, ambientes escolares, ambientes políticos, ambientes religiosos, ambientes comunitários; precisamente na experiência espontânea em que se constituem as relações de confiança entre as pessoas. Em suma, nos projetos institucionais que refletem as intenções políticas e suas influências na manutenção dos processos de democratização.

Nesse sentido, uma crise na democracia pode ser entendida como uma crise nas relações interpessoais e o crescente empobrecimento da possibilidade de compartilhar e integrar experiências, o que implica o próprio empobrecimento da vida cultural, na qual, segundo o autor, consiste o espaço potencial:

O espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo, a sociedade e o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que se experimenta o viver criativo. (WINNICOTT, 2005, p. 261).

Possivelmente, a “burocracia”¹, a “corrupção” e as manifestações exacerbadas e agressivas em vários âmbitos expressem e remetam a crises que já pré-configuram “cisões de espaços sociais”, que poderiam funcionar de modos mais coesos. A questão da confiabilidade entre pessoas também é um tema subsidiário relacionado aos processos eleitorais:

Poder-se-ia dizer que um sistema de votação é menos democrático, por ser menos maduro (em termos do desenvolvimento emocional do indivíduo), quando a ênfase é colocada no voto ao princípio ou partido, e não no voto à pessoa. (WINNICOTT, 2005, p. 261).

Além das considerações sobre o contexto desses escritos, essa perspectiva gera alguns questionamentos para o contexto brasileiro e latino-americano, onde líderes populistas e antidemocráticos são eleitos justamente enfatizando “pessoalidades”. Mais ainda, tal perspectiva não exclui a possibilidade de um uso intencionalmente mesclado de partido e ideologia à maquiagem de políticos criados para passarem-se por líderes democráticos maduros².

Em outras palavras, é possível pensar que os processos políticos e sociais dependem fundamentalmente das relações de confiança entre as pessoas. Mas, então, o que pode ser determinante no caso de um “mal desdobramento” nessas relações de confiança?

Para Winnicott, somente pessoas saudáveis, isto é, pessoas com um *self* suficientemente integrado podem desenvolver e aprimorar a confiabilidade, e com isso, escolher e aceitar, apropriadamente, seus representantes políticos, contribuindo, assim, para o amadurecimento da sociedade.

¹Cabe aqui ressaltar que o sentido do termo “democracia” no uso do autor compreende também “liberdade de empreendimento” em uma sociedade, como uma dádiva do poder governante (WINNICOTT, 1999), e que a Burocracia indiretamente inviabiliza isso, sendo um sinal de deterioração.

²Um chiste interessante foi usado pelo filósofo Slavoj Žižek no livro “A Visão em Paralaxe”. Justamente sobre esse texto de Winnicott, o filósofo ironicamente ressalta o apelo popular do ditador Nicolás Maduro.

As pessoas saudáveis estão percentualmente dispostas no resultado da seguinte fórmula: $100 - (X + Y + Z) = S$ (WINNICOTT, 2005, p. 257). Ocorre que os indivíduos saudáveis são aqueles que resultam da fórmula, já os definitivamente doentes são expressos como “X” e “Z”, sendo “X” os antissociais explícitos e “Z” aqueles que possuem uma identificação extrema com as normas, “funcionando” de modo a assumirem e favorecerem posições denominadas anti-individuais e “autoritárias” (WINNICOTT, 2005, p. 255).

Nesse ponto, estão fixadas duas classes de pessoas: as saudáveis e as doentes, as que contribuem definitivamente para o fator democrático inato, porque conseguem desenvolver confiabilidade de modo responsável, até ajudando outras pessoas a amadurecerem, e, as que definitivamente não contribuem.

Contudo, existem os indivíduos “Y” denominados “indeterminados”. Esses são, por assim dizer, influenciados pelas tendências preponderantes. Em resumo: se somados os indivíduos saudáveis (S), resultantes do percentual da fórmula $100 - (X + Y + Z)$, com o número de indivíduos “Y” e o resultado for mais de 50% do total de pessoas da sociedade. Então, nesse contexto, os “Y” são capazes de amadurecer individualmente devido à influência dos saudáveis no ambiente. Do contrário, se essa soma não passar de 50, o fator democrático está, muito provavelmente, nas palavras do autor: “submergindo” (WINNICOTT, 2005, p. 256).

Então, nessa primeira leitura, entre as pessoas saudáveis e as doentes (X e Z), nós temos os indeterminados (Y), e, hipoteticamente, tudo ocorre bem a partir de uma simples preponderância da soma Y + saudáveis. Entretanto, há um problema com vários desdobramentos possíveis: se os “Y” correspondem ao que Winnicott descreve no capítulo “Saúde e Doença” como os “intermediários”, então, eles merecem outro destaque. Acreditamos ser bastante razoável essa aproximação pelo fato de os “Y” serem implicitamente descritos como portadores de uma instabilidade inerente:

Existe, no entanto, um grupo intermediário. Numa exposição mais completa da psicomorfologia da saúde, poderíamos incluir aqueles que trazem consigo experiências de ansiedades impensáveis ou arcaicas [...]. Mesmo nesse caso parece persistir uma tendência para o desenvolvimento sadio; caso as pessoas dessa segunda categoria consigam agarrar-se, ainda que tardiamente, a essa tendência em direção ao desenvolvimento, elas poderão ser bem-sucedidas. (WINNICOTT, 2005, p. 15)

Também acreditamos ser bastante razoável conceber a parcela dos “Y” (indeterminados) e “Z” (antissociais ocultos funcionais) como aqueles indivíduos portadores de ansiedades, sentimentos de vazio e morte, comportamentos de risco, enfim, toda uma sintomatologia que, segundo o autor, são defesas e organizações contra o colapso. Contudo, são os “Y”, devido ao potencial de amadurecimento ainda presente, os possuidores de um caráter altamente criativo e produtivo, isso em relação às artes, ciências, filosofia, religião e política etc. (WINNICOTT, 2005, p. 255)

[...] há uma grande quantidade de pessoas que conseguem esconder, com sucesso, uma certa necessidade de se encaminharem para o colapso, mas que não sofrem o colapso de fato, a não ser que fatores ambientais detonem a situação. Isso pode tomar a forma de uma nova versão do trauma, ou pode ser que um ser humano confiável tenha aumentado às esperanças. (WINNICOTT, 2005, p. 16)

No fundo, feitas essas aproximações, mesmo indivíduos definitivamente imaturos e que não contribuem para o fator democrático (Z), ou aqueles indeterminados (Y), estão como que “no limiar”, seguindo tendências ou conjunturas pouco precisas, são portadores de uma instabilidade constituinte que os tornam potencialmente, se bem aproveitados, aptos à intensa produção/propagação científica, intelectual, artística, exatamente por, intelectualmente, terem acesso aos recursos culturais e os mobilizarem para tentativas de amadurecimento pessoal: suas obras podem ser lidas como expressões desses processos tardios de amadurecimento.

Tais indivíduos denominados “Y”, devido às tendências em curso, contribuem ou para as tendências democráticas ou para a degeneração dos processos democráticos. Eles podem ser, aqui, entendidos como a linha divisória, o limite, entre uma tendência ou outra na sociedade. Por isso, podem ser tomados como o epicentro da descrição de crises no processo democrático, Winnicott deixa claro que sempre há um processo em curso, não há “meio termo”.

Assim, o empobrecimento das relações de confiabilidade implica a interrupção do fator democrático, e o autor ressalta: “Segue-se uma tendência antidemocrática, uma tendência para a ditadura, caracterizada no início por um inchaço febril da fachada democrática (função encobridora do termo)”. (WINNICOTT, 2005, p. 256)

Se o “epicentro” do que se pode chamar de crise no processo democrático está fortemente vinculado a tendências expressas pelos indivíduos “Y”, pois, nessa leitura, eles são a linha divisória em que os processos de maturação da sociedade ocorrem, então, mais delicada e importante é a análise do fenômeno da adolescência desses indivíduos “Y” e os seus ambientes escolares correspondentes. Não é possível aferir, com precisão, quem é um indivíduo “Y”, mas, no ambiente escolar, estão dispostos objetos culturais, o caráter dos professores e as visões de mundo correlatas ao estágio da vida psíquica desses indivíduos.

Sobre a adolescência e puberdade dos indivíduos resultantes de um “bom lar comum”, Winnicott afirma: “as coisas se tornam explosivas e conflituosas nesse período, justamente porque tudo ocorreu bem nos processos de maturação anteriores.” (WINNICOTT, 2005, p. 151). “Na puberdade, reaparecem os mesmos problemas que estiveram presentes nos primeiros estágios, quando as crianças eram bebês ou criancinhas relativamente inofensivas” (WINNICOTT, 2005, p. 153).

Consideramos a adolescência como o momento em que se vive o conflito instintual, ligado ao assassinato inconsciente das figuras parentais. Em geral a puberdade pode funcionar como um gatilho para o conflito, mas, não necessariamente, há uma sobreposição precisa entre os dois fenômenos: biológico e emocional (WINNICOTT, 2005). Ainda, segundo o autor, é necessário que haja, por parte dos pais, professores, cuidadores, psicólogos e psicanalistas, maturidade suficiente, para, no sentido winnicottiano: a) sobreviverem aos ataques agressivos. b) confrontarem os adolescentes na condição de pessoas totais, tudo sem cederem em seus próprios princípios pessoais bem estabelecidos.

Ambas as coisas, necessariamente, pressupõem que profissionais da educação se constituam minimamente como “pessoas totais”, com um *self* suficientemente integrado, contribuindo para que o adolescente caminhe em direção à maturidade. Agora, se o adolescente, nas palavras do autor, “ganhar o jogo” (triunfar), então, se corrobora para o estabelecimento de traços de personalidade deformados, Winnicott reitera: “Essa é uma das muitas situações em que a sociedade ignora as motivações inconscientes, colocando-se em risco” (WINNICOTT, 2005, p. 156).

Adentrando, agora, no ambiente escolar, muitos desses aspectos autoritários, resultantes do triunfo dos adolescentes, ainda carregam consigo o que Winnicott chama de “sociedade ideal”, em outras palavras, “o idealismo dos jovens”. Por exemplo, Amaral (2012), em trabalho intitulado “Os Novos Críticos Niilistas e a Transvaloração dos Valores da Cultura Escolar na Escola Pública” descreve a seguinte situação em pesquisa de campo:

Assim que iniciamos a pesquisa, a escola, a única EMEF da região, construída durante a gestão de Mário Covas, encontrava-se à deriva, sem a presença de um diretor que exercesse minimamente uma função orientadora ou mesmo organizadora para aquela ampla comunidade escolar. E os professores encontravam-se desanimados e até mesmo desistindo de sua função de transmissão do saber, em qualquer sentido que se possa concebê-la. (AMARAL, 2012, p. 29)

Nessa situação descrita, os jovens reivindicam um verdadeiro saber cultural, em consonância com as suas origens étnicas e situações de “injustiça social”. Reivindicam aulas de *Hip-hop*, *black*, dito de outra forma: “vociferando contra as injustiças com tamanho realismo que, muitas vezes, suas músicas são confundidas com uma verdadeira incitação à violência e ao crime.” (AMARAL, 2012). E ainda:

Acredito que esta tenha sido a opção de nosso trabalho de reflexão: pensar um fenômeno atual como o hip-hop e o funk, através dos textos nietzschianos, ou conectá-los com estes fenômenos da cultura juvenil contemporânea, por meio dos quais faríamos passar seu pensamento, procurando assim elucidar o modo como os mesmos promovem “a transvaloração dos valores” vigentes em nossa sociedade.” (AMARAL, 2012, p. 36)

Como é possível ou concebível propor uma educação multicultural “transvalorativa”, quando o problema anterior à cisão entre “Erudito” e “Popular”, decorre de condições adversas permeadas por expressões emocionais fora da possibilidade de confronto com figuras responsáveis? E mais: “Quanto ao primeiro aspecto, referimo-nos a um ideal porque a formação dada aos alunos sequer se aproxima do que se pode conceber como cultura erudita.” (AMARAL, 2012, p. 37).

Em resumo, os aspectos antissociais e agressivos em amadurecimento constituem esperados elementos motivacionais para uma espontânea contestação política e cultural dos jovens, isso é saudável. Dessa forma, somente o choque proveniente desse embate, bem como a condução apropriada desse confronto, permite a tendência democrática de preencher corretamente a palavra “democracia”. Segundo Fulgencio:

No mesmo sentido, o superego pessoal que é fruto dos valores que o *self* pode constituir sem submeter-se, também não é fruto do medo do pai na relação edípica. O superego, na saúde, só será também um herdeiro do complexo de Édipo (enquanto expressa a aquisição de códigos morais fornecidos pelas relações com o casal parental) se esses códigos e valores morais puderem ser absorvidos pelo *self* como dizendo respeito a ele, paradoxalmente como valores também criados-encontrados (tal como na transicionalidade) ou introjetados, sem perda demasiada da sua espontaneidade. (FULGENCIO, 2013, p. 13)

Então, seguindo a lógica winnicottiana, todo o embate democrático é um desdobramento do embate entre pais e filhos (WINNICOTT, 2005), e isso está vinculado ao permanente processo de criação-encontro do superego pessoal: é o que ocorre intensamente nos processos adolescentes.

O embate e o confronto, aqui, se dão em várias “linhas” ou “frentes” de combate. Podem ter início com a figura paterna, culturalmente compartilhada, se estendendo para várias autoridades locais: professores, políticos, compreendendo também as autoridades religiosas, hierarquicamente dispostas, e a própria concepção de Divindade compartilhada.

A própria noção de hierarquia, em si, guarda, segundo Winnicott, um resquício dessa dinâmica conflituosa entre pais e filho, que vai sustentando o paradoxo que caracteriza esta sobre saudável da vida instintual infantil inconsciente (WINNICOTT, 2005). Winnicott enfatiza: “A confrontação refere-se à contenção que não é retaliadora, que não contém vingança, mas que tem força própria” (WINNICOTT, 2005, p. 162). O que, obviamente, não pode acontecer se as relações de confiabilidade já apresentarem sinais de deterioração no ambiente.

Agora, isso não pode ser confundido com uma finalidade puramente destrutiva destas contestações. Ao contrário, nos parece que os ataques e questionamentos visam justamente a “encontrar”, de modo espontâneo e experimental, o sentido da moralidade, aquilo que rege a ordem vigente. Essa busca apropriada depende do encontro com pessoas maduras, portanto, portadoras de valores reais.

Então, o confronto é possível e a contestação pode ocorrer de modo proveitoso, em teoria, sem precisar demandar um princípio ordenador autoritário que, no final das contas, pode acabar sufocando as expressões criativas essenciais à vitalidade do conjunto dos ambientes, pois para Winnicott: “A sociedade precisa ser chacoalhada por seus membros não responsáveis” (WINNICOTT, 2005, p. 158).

Em outras palavras, o fator democrático inato, que é uma tendência natural de uma sociedade em amadurecimento, depende, de que essa mesma sociedade possa comportar em “si-mesma” membros que, por um dado período ou toda a vida, expressam impulsos destrutivos e alguns episódios antissociais, contudo, sempre cuidando para que a situação se encaminhe para algum tipo de resolução responsável.

Portanto, o que nos parece essencial à articulação entre adolescência e democracia se expressa nos impasses que os adolescentes (Y) enfrentam para alcançarem a maturidade. Tal fato ocorre no limiar das tendências democráticas de toda a sociedade. Esse ponto sustenta a relevância de toda essa articulação introdutória, pois, assim, é esperado que essas tendências adolescentes se manifestem no ambiente escolar, para que sejam bem acolhidas pelo trabalho dos professores.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

A tragédia se instaura exatamente quando a típica luta do adolescente pela “sociedade ideal” encontra como resistência algo cujas relações de confiabilidade de fato estão muito deterioradas, propensas a reatividades imaturas: o ressentimento. Nesse caso, a lógica do triunfo e submissão podem estar anunciadas no ponto em que os instintos destrutivos encontram correspondência no pesadelo tornado real de, por exemplo, uma instituição/sociedade corrupta, um ambiente educacional descuidado, um governo com tendências autoritárias etc.

Sergio A. Belmont, em suas considerações sobre o superego afirma: “O falso *Self*, por outro lado, produto de um meio ambiente não empático, por meio da submissão, impõe estratégias de engano, como forma de sobrevivência.” Nesse capítulo, o autor discute a propagação epidêmica do roubo e da corrupção como parte das “estratégias de engano”: “São expressões de uma trágica realidade nacional, muito mais grave do que o conceito winnicottiano de delinquência, que a concebia como sinal ainda de esperança.” (BELMONT, 1996, p. 157).

Segundo esse autor, o ambiente que se constitui intrusivo faz o indivíduo ter de sacrificar o seu verdadeiro *self* conjuntamente ao seu senso de moralidade natural, estabelecendo uma estratégia que constitui a base funcional do falso *self* cindido; tudo a fim de garantir a sobrevivência social, financeira e afetiva, reeditando, assim, o trauma precoce caracterizado pela intrusão ambiental.

Essa definição está em conformidade com o pensamento de Winnicott, pois a força moral também é um traço da natureza humana desde a amamentação: “A moralidade mais ferrenha é a da mais tenra infância, que persiste como um traço da natureza humana que se pode verificar por toda a vida do indivíduo. Imoralidade para o lactante é se submeter à custa de seu modo pessoal de viver”. (WINNICOTT, 1983, p. 268); ou seja, a adoção do falso *self* cindido é, em si, imoralidade, porque está ancorada na submissão ao ambiente.

Isso também significa, nas palavras de Winnicott, uma “moralidade de baixo calão” ou moralidade falsa. Contudo, verificamos aqui a possibilidade de um duplo aspecto imoral do falso *self*, além da imoralidade constitutiva relativa à submissão ao ambiente.

Observamos a possibilidade de o indivíduo sacrificar o seu superego pessoal saudável, seu senso de moralidade, visando à adaptação e sobrevivência social ao ambiente onde imperam tendências patológicas. *Mutatis mutandis*, é o mesmo com o adolescente que se vê diante de um ambiente hostil³. Há a interrupção do processo de maturação normal e a manifestação das seguintes defesas: retrações esquizoides, delinquência e falso *self* dissociado, a fim de garantir um lugar de sobrevivência e socialização.

Tomamos alguns conceitos psicanalíticos como: “campo cultural”, “superego pessoal”, “falso *self*”, “adolescência e confronto”, “objetos e espaços transicionais”, “delinquência”, “Agressividade” colocando-os à prova dos dados coletados. Com isso, objetivamos enriquecer esses mesmos recursos, submetendo-os a desafios de compreensão da realidade e também afastar certa visão romântica, projetada nos adolescentes, que se refere às paixões e lutas ideológicas que podem surgir em detrimento da real compreensão de suas necessidades pessoais e ambientais. Araújo, sobre o ambiente facilitador, afirma:

Duas características são essenciais a esse ambiente. Uma é a adaptabilidade, ou seja, o ambiente vive um processo dinâmico de se adaptar, desadaptar e se readaptar às necessidades mutáveis da criança, à medida que esta se desenvolve. (ARAÚJO, 2007, p. 20)

Daí, a exigência de mais confrontação e maturidade por parte de indivíduos saudáveis, especialmente em situações em que os sentidos políticos se manifestam, muitas vezes, de modo intenso, como é o caso do ambiente escolar. Araújo afirma, sobre a qualidade humana do ambiente, que:

A outra característica do ambiente satisfatório é a sua qualidade humana, uma vez que, se não houver a presença do aspecto humano, as tendências herdadas por serem poderosas, podem até permitir o amadurecimento, ou seja, o desenvolvimento dos processos biológicos no ser, mas não permitem que este alcance uma “plenitude pessoal”. (ARAÚJO, 2007, p. 20)

³O dilema que se apresenta diante de um “ambiente hostil”, muito díspar ao do lar, pode encontrar algum paralelo antropológico. Roberto Da Matta descreve o espaço da casa como um “mundo à parte”, um local de supercompensação do reconhecimento pessoal em descontinuidade e oposição ao mundo da rua, frio e impessoal (MATTA, 1986, p 19).

3.1 OBJETOS DE PESQUISA, TRANSICIONALIDADE E RELEVÂNCIA.

As passagens ambientais só são possíveis mediante a boa qualidade dos objetos culturais dispostos; nos ambientes escolares, não é diferente. Isso é aferido, também através de seus conteúdos objetivos; aqui, não dispomos de competência para análise técnica. Por esse motivo, foge do escopo desta pesquisa empreender algum tipo de análise direta de um ou de vários desses materiais. Essa possibilidade de investigação dos materiais aos pode ser legada a pesquisadores da área de pedagogia munidos de conhecimento em psicanálise.

A transicionalidade e seus objetos são a base fundamental para as experiências culturais; inicia-se no lar comum a partir dos crescentes ritmos de ausência da mãe, quando o bebê toma para si um objeto transicional no qual mantém vivo certa experiência de onipotência e direitos vinculados à presença da mãe; quando, por fim, o objeto transicional “explode”, como uma “nuvem de elétrons”, difundindo-se gradativamente no campo cultural.

Não é esquecido e não é pranteado. Perde o significado, e isso se deve ao fato de que os fenômenos transicionais se tornaram difusos, se espalharam por todo território intermediário entre a ‘realidade psíquica interna’ e ‘o mundo externo tal como percebido por duas pessoas em comum’, isto é, por todo o campo cultural. (WINNICOTT, 1975 ,p.17)

Esse campo cultural é, portanto, uma área de incertezas e indeterminações; sua natureza é inacabada, dado que se mantém pelos esforços e contribuições dos indivíduos saudáveis e seus influenciados em amadurecimento. Tendo em vista que a diluição dos objetos transicionais apresenta dois destinos ou tendências, notamos, aqui também, o evidente paralelismo em relação à dupla tendência em curso na sociedade; fator democrático inato ou tendência à ditadura:

Nesse ponto, meu tema se amplia para o do brincar, da criatividade e apreciação artística, do sentimento religioso, do sonhar, e também do fetichismo, do mentir e do furto, a origem e a perda dos sentimentos afetuosos, o vício em drogas, o talismã dos rituais obsessivos, etc. (WINNICOTT, 1975 ,p.17)

3.2 PERGUNTA DE PESQUISA

Decidimos investigar essa questão complexa através do que entendemos como a manifestação ou culminação explícita desse “mal-estar”, isto é, a distorção e transformação do campo cultural no âmbito escolar; tomando os eventos que ficaram conhecidos como “Mobilização Estudantil” nas escolas secundaristas, ocorridos em 2016 e que abrangeram várias localidades do país. Importante ressaltar que a singularidade desse acontecimento é aplicável a outras situações envolvendo movimentos estudantis.

Com isso, não ficamos restritos a qualquer ambiente específico, justamente porque almejamos analisar um fenômeno que reflete uma série de rupturas e deteriorações presentes nos ambientes escolares e que transcendem as especificidades dos locais em que ocorrem. Em vista disso, perguntamos: Como a incompreensão dos fenômenos relativos à adolescência favorece situações de conflitos como as que ocorreram em 2016? Como a ausência de pessoas maduras para conduzir os conflitos adolescentes, bem como a ausência do valor da maturidade no campo cultural, degenera a destrutividade do adolescente transformando-a em tendências militantes violentas?

De qualquer forma, não temos a pretensão de responder à pergunta de modo abrangente e satisfatório, dada sua amplitude, mas, sim, iniciar uma investigação com lentes teóricas e métodos distintos, usando a psicanálise winnicottiana, de modo a tentar contribuir com respostas e compreensões diferentes.

4. METODOLOGIA: DA ESCOLA AO CINEMA

A metodologia para se coletar e estudar os dados relativos ao meu problema de pesquisa – a transicionalidade de vários elementos que constituem o campo cultural escolar – não cabe nos parâmetros que isolam esses elementos tomando-os como meros fatos isolados. É preciso, desde o início, tomá-los a partir das manifestações espontâneas no campo cultural, onde “brotam” esses dados, de maneira viva e orgânica, mais ainda, quando são produzidos e direcionados para grande público tornando a experiência ainda mais amplificada. Assim, o cinema cumpre esse requisito.

Não é possível, de outro modo, capturar a “fluidez” de um objeto localizado no campo cultural, isto é, sem correr o risco dessas especificações se tornarem fetiches metodológicos que satisfazem apenas noções intelectuais alheias à psicanálise. Logo, transcorrido pouco mais de um ano da “mobilização estudantil”, que ocorreu no dia 23 de setembro de 2016, no dia 2 de dezembro de 2017, estreou o documentário *Escolas em Luta*, de Eduardo Consonni et al., protagonizado pelos líderes e figuras expoentes do movimento: adolescentes que ocuparam as escolas e que, nesse dia, presentes na estreia de seus próprios filmes, dispuseram-se a interagir com o público por mediação do psicanalista Tales Ab’Saber .

No entanto, dadas certas circunstâncias, devido a problemas pessoais, Tales Ab’Sader não pôde mediar o evento. Sua ausência tornou carentes de análise todas as experiências condensadas no filme. Também as dúvidas do público – em relação aos produtores e aos adolescentes que, por vezes, ambos dirigiram suas vozes à sociedade – ficaram carentes de uma análise psicanalítica esperada e prometida. Desse modo, devido, sim, à minha presença, nesse dia e local, coube-me a realização desse trabalho. Machado Júnior, P.P a respeito das relações entre cinema e cultura, afirma o seguinte:

Em todos esses casos, o cinema é objeto de estudo da psicanálise como uma formação da cultura, isto é, como um artefato engendrado pela criatividade humana que expressa esteticamente valores e significados subjetivos de diferentes contextos psicossociais. Por Sua vez, os trabalhos de psicanalistas que tem o filme como objeto de estudo geralmente consistem em interpretações livres inspiradas pela experiência do analista como espectador do cinema. (MACHADO JUNIOR, 2014, p 16)

Christian Metz discorre a respeito das espécies de estudos psicanalíticos sobre o cinema, em especial, sobre a *psicanálise do argumento de filme*, em que o psicanalista analisa a sua experiência com o filme, distintamente de outras espécies nas quais se buscam, por exemplo, os motivos subjetivos do autor da obra.

Nesse caso especial, existem elementos denominados “escrita do filme”, que se constituem pelos significados, sejam eles explícitos ou implícitos: “argumento implícito, se necessário for, argumento definitivo após a montagem – na medida em que se tratar ainda de elementos que tem qualquer coisa a ver com a intriga, situações, personagens, paisagens, eventual estudo de costumes, etc.”(METZ.C, 1980, p34).

Portanto, essa terceira espécie de estudo fílmico inclui também os materiais colhidos após a apresentação do filme: os depoimentos dos diretores e dos adolescentes protagonistas do documentário, pois constituem os elementos da “intriga”, dos “personagens” e dos contextos. Em suma, a escrita fílmica contém elementos significativos relativos à objetividade da realidade compartilhada, por isso, mais fechados.

Cabe também ressaltar a característica essencial do estudo de argumento de filme, isto é, o aspecto onírico sustentado por Metz .C, que toma a textura implícita do filme como algo não propositalmente ocultado, embora ainda sem codificação precisa e expressas nas seguintes palavras do autor: “Os próprios sonhos não têm sentido latente, se o compreendermos desta maneira; não há segundo sonho sob o sonho, não há mais do que um, que é manifesto e dá acesso a uma série nunca concluída de significações inaparentes” (METZ.C, 1980, p34). Essa distinção é fundamental, pois não se trata de analisar um código implícito, como algo subliminar ou pertencente a uma camada ‘mais profunda’ do texto fílmico, mas, sim, entrar em contato com a dimensão argumentativa do filme que, em termos lacanianos, tal qual o conteúdo do sonho, pertence à ordem do significante /significado para interpretação:

Nesse aspecto o argumento assemelha-se ao sonho, tal como muitas produções humanas. O sonho manifesto, isto é, simplesmente, o sonho - « conteúdo do sonho » em Freud, em oposição aos « pensamentos do sonho » -, é um significado para a interpretação e, não obstante, ele próprio não pode estabelecer-se (ser contado, e, para começar, comunicar-se à percepção consciente do sonhador) a não ser como significado de diferentes códigos de expressão entre as quais a língua (não se sonha nas línguas que não se sabem).(MELTZ. C, 1980, p 37)

Dito de outro modo, esse argumento não codificado, característica fundamental da *psicanálise de argumento de filme*, encontra-se preestabelecido. Podemos dizer também que, em uma área viva da experiência do espectador, isto é, exatamente como pretende Winnicott em relação ao conceito de espaço potencial ou espaço transicional no qual a autêntica experiência cultural ocorre. Winnicott questiona o ‘pelo que’ nos motivamos a ir a um concerto. Acredito que o mesmo vale para o cinema:

Quando vou a um concerto e lá encontro um colega de psicanálise, fico às vezes pensando se conhecemos tanto quanto gostaríamos de conhecer a respeito da experiência que ambos estamos tendo. Há certamente uma diferença inerente entre ir a um concerto e sonhar; também não há dúvida de que nenhum de nós vai ao concerto simplesmente para sentar perto de alguém ou porque estamos apaixonados pela pianista. Achamo-nos em uma experiência viva que tem direito a ser considerada uma coisa em si. Podemos estender esta observação à pergunta: pelo que você vive?(WINNICOTT, 1994, p 160 – p 161)

Logo, não só essa textura do argumento filmico é o que torna a experiência do filme algo “vivo”, ou seja, pessoalmente codificável, analisável e relatável e, de modo satisfatório, quando perpassa a área da experiência cultural, como querendo dizer: o nível da experiência com o filme não se limita ao contato com um sistema de códigos cujos significados são fechados (sejam eles ocultos ou explícitos), mas, sim, ampliam-se no que o argumento de textura implícita toca pessoalmente o espectador, envolvendo-o em suas ilusões.

Mais ainda, também isso cria certa tensão e expectativa em relação ao outro, (parafraseando Winnicott) quando “lá se encontra”, (ou não se encontra), “um colega psicanalista” (...) “gostaríamos de conhecer a respeito da experiência que ambos estamos tendo” (WINNICOTT, 1994, p 160 e p161). Embora elementos do filme se constituam, sim, a partir de códigos universalmente aceitos, algo permanece incomunicável, e partindo daí, se pode experimentar, realmente, os elementos da cultura:

Para minha surpresa, descobri que o brinquedo e o brincar, bem como os fenômenos transicionais formam a base para a experiência cultural em geral, e que, portanto, aquilo que estava examinando referia-se à parte maior de nossas vidas. Mesmo aqui e agora, achamo-nos neste espaço potencial, e, sem uma maternagem suficientemente boa, devemos achar essa discussão alheia a nós (WINNICOTT, 1994, p162)

4.1 PROCEDIMENTO

Naffah Neto (2006) sustenta as implicações fundamentais entre pesquisa e psicanálise, sendo a atenção flutuante uma ferramenta intercambiável, isto é, passível de ser “transportada” da clínica psicanalítica para outros contextos. Por conseguinte, minha escuta deve estar apurada em relação ao conjunto de elementos do documentário *Escolas em Luta* no sentido manifesto: personagens, símbolos, contextualização, além das cenas e diálogos em si (MELTZ. C, 1948, p 37).

Para tal, eu adquiri o filme em formato de arquivo digital *MP3*, submeti o arquivo ao programa *Video Soft Free Studio*, que transformou o vídeo em uma sequência de imagens capturadas e multiplicadas pelo número de segundo que o filme se constituem o filme cronologicamente; obtive um total de 4629 imagens. Desse total, eu selecionei 24 imagens e realizei a transcrição de diálogos importantes do documentário, da apresentação dos líderes do movimento e do público no dia da estreia. Os critérios para seleção de diálogos obedecem à temática dessa pesquisa, especialmente, quando revelam aspectos do campo cultural que influenciam questões relativas à adolescência.

A seleção de imagens obedece aos seguintes critérios: as imagens 0445, 0567, 0900 e 1030 foram destacadas por representarem bem a textura implícita do argumento fílmico. Notem que esse mesmo padrão de imagens, (cujo conteúdo é discutido na análise dos dados), encontra-se tanto no final do documentário como em seu “início”. Esse ‘início’ não corresponde ao do tempo cronológico do filme. Isso ocorre porque, nos primeiros 07 minutos e 15 segundos, são apresentados fragmentos de acontecimentos banais mesclados às cenas futuras mais impactantes e que vão sendo apresentadas ao espectador de modo desconexo⁴.

Já as imagens 0848, 1800, 2150 e 3600 obedecem a outro critério: elas representam uma série de significados ocultos, endereçados ao público que, intelectualmente, pode entender esses sentidos por conhecê-los previamente.

⁴Esse padrão é análogo ao conceito freudiano de ‘lembrança encobridora’ em que cenas banais e desconexas entre si recebem forte carga de investimento afetivo, no entanto, também é cabível uma analogia com o turbilhão de pensamentos e imagens das primeiras fases do sono e que marcam o início de um sonho.

As imagens, 1003, 2445, 3276 e 4260 têm (ou possuem) significados bem explícitos que comunicam a estética dos protestos, das circunstâncias em que os acontecimentos se deram e que foram selecionadas em razão, também, de expressarem vivências adolescentes típicas e cabíveis às lentes teóricas deste trabalho.

As comunicações verbais que constituem o documentário incluem: discursos e motivações políticas, incluindo certos traços do campo cultural que precipitaram as ocupações e que fazem parte do próprio documentário, algumas palavras de ordem usadas durante os protestos nas ruas, relatos dos acontecimentos em conversas, muitas vezes informais, posições da mídia e do governo do Estado. As comunicações estão dispostas nos seguintes trechos: 18:00 min - 20:00 min, 25:30min – 27:25min, 28:00min – 29:20min, 31:00min – 36:00min, 42:30min – 48:00, 49:50min – 52:00min, 56:34min – 01:01:00h, 01:03:00h – 01:05:00h, 01:11:00h – 01:12:00h, 01:13:00h – 01:15:00h.

Sintetizando, essa escolha me coloca na direção de uma pesquisa-escuta, na qual deve predominar a atenção flutuante, isto é, minha capacidade de me colocar em silêncio. Segundo A. Naffah Neto;

A pesquisa-escuta implica, de forma análoga, uma atitude passiva de se deixar impregnar pelo outro, tanto corporal quanto espiritualmente, para depois destilar das marcas desse encontro os ingredientes necessários à formulação do conhecimento buscado. Nesses casos, por não poder contar com as informações dadas pela associação livre que a sessão analítica propicia, o trabalho torna-se ainda mais complexo, tendo que utilizar todos os signos/sinais disponíveis, centrais ou marginais (Naffah NETO, 2006, p. 281).

Eu devo me deixar impregnar das várias camadas do argumento fílmico, cujo acesso se dá através da minha experiência pessoal com esses elementos, aqui, elencados. Contudo, a categorização desses argumentos, expostos anteriormente, não deve suscitar análises isoladas a partir de cada categoria, ao contrário, cada argumento fílmico só faz sentido quando remetido ao seu conjunto, isto é, à experiência cultural que constitui o filme em sua totalidade.

4.2 CAPÍTULO 5 - SOBRE A LÓGICA ADOLESCENTE.

Neste capítulo, estão apresentadas algumas reflexões, tendências e sugestões para interessados em temas relativos à formação cultural e educacional de adolescentes. Muitos de nós já integramos grupos de amigos durante a juventude. Se nos recordarmos bem, podemos ser transportados para locais e tempos em que o diálogo grupal era permeado de idealizações e sonhos compartilhados conforme Lehman (2012) discorre. Felizmente, não poderíamos saber que esse aspecto da socialização é um verdadeiro exercício de inteligência que fornece certas bases para o uso espontâneo do pensamento lógico.

Eu também fico desejoso de tentar programar essas vivências em espaços públicos e tentar criar condições para ‘reproduzir’, em ampla escala, essas experiências tão importantes para o amadurecimento. Lamentavelmente, não há meios capazes de aferir todas as condições psíquicas, culturais e espaciais que levam os jovens a se socializar desse modo. É algo que simplesmente acontece; vive-se sem questionar, quando se questiona é porque essas condições ambientais já estão perdidas.

Não nos deixemos iludir, trata-se de uma fase permeada pela agressividade satírica, na melhor das hipóteses, com crueldade e sarcasmo. Deve ser assim sem grandes ambições de interferências salvo aquelas que puderem ser feitas em um consultório por excelentes psicanalistas. Sim, é preciso, de saída, jogar um ‘balde de água fria’ em cientistas sociais, pedagogos e psicólogos, enfim, em toda tendência obcecada por ‘engenharia comportamental’.

Agora, considerando o caráter espontâneo desses fenômenos, com sorte, espera-se que a socialização leve à vida cultural mais ampla, quando disponíveis livros, filmes e peças de teatro. Contudo, de novo, não há nenhuma garantia de que isso ocorra, pois a socialização, no caso dos adolescentes, pode, do que é descrito, seguir rumos totalmente diferentes ocasionando, em um mesmo grupo, destino totalmente imprevisível para cada um de seus membros.

Também, nem todas as pessoas vivem em bairros tranquilos, em cidades pequenas nas quais famílias e jovens se reúnem na praça central, às sextas-feiras, mas podemos, sim, aprender a valorizar e a ‘não atrapalhar’ e, quando muito, sustentar parte dessas vivências ocorrendo no espaço transferencial da clínica.

4.3 CAPÍTULO 6 - SOBRE O ESPAÇO VIRTUAL NO AMBIENTE ESCOLAR.

Os movimentos estudantis que precipitaram as ocupações escolares em 2016 foram organizados e representados por líderes, contudo, essas ocupações, que tiveram grande repercussão, começaram em pouco mais de 10 escolas ocupadas no Estado. No filme *Escolas em Luta*, muitos detalhes e motivações para as ocupações foram compartilhados *online*, especificamente pelo aplicativo denominado ‘*whats app*’. No dia seguinte a essas comunicações os líderes foram surpreendidos ao descobrirem que o movimento, via compartilhamento virtual, alastrou-se para mais 200 escolas ao todo.

A metáfora de Bachelard (1999) sobre o fogo de Prometeu nunca foi tão precisa, pois, nas mãos de um adolescente, um aparelho celular pode potencializar seus processos de socialização, como, também, provocar uma falsa sensação de conhecimento que exacerba, ainda mais, o sentimento de onipotência ancorado, agora, em uma suposta onisciência. Em suma, tudo depende do nível de amadurecimento dos indivíduos, do campo cultural, das circunstâncias políticas, – muito tensas no ano de 2016 – e de fatores que podem deteriorar o uso dos objetos dispostos em campo.

Em psicanálise, a discussão filosófica precisa ser tomada com cuidado, porquanto ela não considera, muitas vezes, o caráter “inacabado”, isto é, em amadurecimento, que, verdadeiramente, caracteriza os esforços humanos no mundo. Nesse sentido, sua obra ‘*Ser e Tempo*’ não impediu Heidegger de ser internado em um hospital psiquiátrico. Ao contrário de Freud, com a psicanálise, sua fenomenologia não o fez desconfiar que houvesse algo de errado na Alemanha antes e durante o nazismo.

Espero que esta discussão mostre que o ferramental psicanalítico é algo correlato à vida pessoal do psicanalista. Os esforços pessoais de Freud, em sua existência tão singular, é que tornaram possíveis as investigações do inconsciente. Em Winnicott ocorre exatamente o mesmo; os conceitos são revitalizados pela experiência viva na clínica e com o amadurecimento pessoal do próprio psicanalista. Não é apropriado pressupor, do ponto de vista filosófico, sobre os objetos; ao contrário, eles se fazem conhecidos nas relações de uso.

4.4 CAPÍTULO 7 - SOBRE O JOVEM FREUD.

Busco enfatizar neste trabalho e, especialmente neste capítulo, uma característica fundamental da clínica psicanalítica que constitui seu caráter essencialmente fronteiro, intermediário e potencial. Quando estamos em análise – aqui, eu me dirijo aos que já passaram por essa experiência – podemos, a partir do Divã, enxergar-nos a nós mesmos em outras situações, mais ou menos como se fôssemos duplicados.

Todo o psicanalista deve passar por isso. Sem entrar no aparato conceitual, que explica essa experiência, podemos nos perguntar: Como Freud, que não foi analisado por ninguém, pôde ser o iniciado e, ao mesmo tempo, o iniciador da psicanálise?

Vale destacar também que há, aqui, algo próprio da adolescência, pois também se trata um período que caracteriza uma área intermediária, uma área de transição que os gregos associavam à primavera Jean-Pierre Vernant (1999): estação que produz frutos não muito próprios para o consumo humano, os primeiros frutos; as conhecidas primícias, que eram as oferendas dos deuses, marcando o limite entre a inumanidade e a civilização Jean-Pierre Vernant (1999). Essa condição também nos remete a Édipo discursando em Colono, no bosque sagrado, entre Athenas, venerada como a *polis* grega e Tebas que era a reconhecida “antichidade”, permeada pelos excessos da tirania Jean-Pierre Vernant (1999).

Estar entre “duas culturas” permite uma perspectiva única a respeito delas, mais que uma visão diferente, eu diria que uma condição existencial que só se realiza como bênção, na medida em que tomamos coragem de falar e, com isso, fundar locais de mútuo entendimento, mútuo benefício e mútuo respeito como é a próprio espaço da clínica psicanalítica.

Foi, assim, com José em relação ao Egito, com Édipo em relação à Tebas, personagens e heróis com os quais Freud se identificou e que também dizem respeito à sua dupla formação cultural descrita por Mc. Grath (1988), judaica e alemã, e como essa origem dupla manifestou-se em sua juventude. Eu diria que, aos olhos dos ocidentais, o nariz étnico desponta como uma ereção facial, certamente, uma alusão aos duplos excessos da “adolescência” de um estrangeiro.

Vejam, contudo, que essa condição especial leva Freud a uma investigação pessoal do seu inconsciente a respeito dos materiais que o repertório linguístico da época podia descrever como recalque segundo Mc. Grath (1988), e que nós, hoje, poderíamos perguntar, também, se isso não caracterizava alguma cisão.

Em outras palavras, trata-se de uma investigação a respeito de como essas tendências inconscientes que se manifestam em períodos de efervescência política; forças que impulsionam a luta contra a tirania, mas que precisam, primeiro, amadurecer. Como ocorreu com Freud, que, quando jovem, insistia no tema da luta contra a tirania exterior através da identificação com seus heróis, e, quando mais velho, numa luta contra a tirania mental, exercida pelo Superego, que só se rende parcialmente e através de árduo trabalho analítico.

4.5 CAPÍTULO 8 - SOBRE OS DESTINOS DA AGRESSIVIDADE ADOLESCENTE.

O caráter fronteiro, transicional, da adolescência é tão radical que até mesmo as linhas que separam a normalidade adolescente da patologia não são tão claras. Várias tendências normais dessa fase do amadurecimento esboçam características psicopatológicas, muitas das quais podem predominar e, depois, se consolidarem durante a vida adulta. A tendência saudável à reclusão e a intransigência podem já se mostrar predominantes resultando em psicoses na vida adulta; o mesmo vale para a impulsividade e a agressividade, que, se não forem corretamente contidas, podem se degenerar na cristalização de tendências antissociais e na vida fora da lei conforme Winnicott (2012).

Mas, como é explanado no capítulo sobre a lógica adolescente, precisamos pensá-los em grupos. Eles não alcançaram a plenitude individual do adulto maduro. Convido o leitor a sobrepor o que foi dito a respeito da socialização dos jovens às suas tendências que beiram a patologia. Podemos admitir como saudável, em um grupo de adolescentes, que, pelo menos, um apresente traços patológicos fora da normalidade, e que é em detrimento deste não saudável que grande parte da socialização saudável ocorre em torno, Winnicott (2012).

Também é possível que o jovem retraído, preocupado com seu mundo interno, encontre, no líder impulsivo do seu grupo, um representante extrovertido de algo que ele só concebe em seus devaneios. Imaginem as conexões psíquicas possíveis entre o adolescente com tendências esquizoides e seu colega de grupo com tendências à extroversão *borderline*; ou ainda; o romance histórico que a jovem de “boa família”, pretensamente madura, inicia, com o garoto delinquente do bairro, um relacionamento tido como ‘inexplicável’, para o desespero dos pais, permeado pelo consumo de drogas.

Anos mais tarde, a jovem se torna uma executiva de sucesso, e seu antigo namorado vai preso ou morre em um acidente. Nesse sentido, os destinos da agressividade são imprevisíveis, do mesmo modo que o resultado da socialização temporária não se pode prever. Mas, certamente, a sustentação ambiental garante com que essas tendências-limite não se degenerem. Para Winnicott, a agressividade é algo inerente à própria vida; falar, pois, sobre os destinos da agressividade adolescente significa falar sobre os destinos de cada pessoa.

4.6 CAPÍTULO 9 - SOBRE O CAMPO CULTURAL E A QUALIDADE DOS SEUS OBJETOS.

Durante as discussões a respeito do problema de pesquisa, eu já mostrava interesse em algum assunto relacionado aos processos de amadurecimento na adolescência, vinculados à cultura e à política. Em razão disso, durante várias discussões em sala de aula, diante de colegas e professores, eu justificava a necessidade de os jovens encontrarem pessoas maduras em um ambiente saudável.

Tendo em vista o movimento de ocupação das Escolas, mas, ainda antes da exibição do documentário ‘Escolas em Luta’ e sem entrar no âmbito de suas causas e desdobramentos específicos, eu também não podia deixar de perceber que a situação política do país desafiava a delimitação do problema desta pesquisa. Explico: certamente, a crise do país, agravada em 2014, transbordou as delimitações do campo e suas problematizações, por exemplo, em relação aos protestos de 2016. Tratava-se de um dos gatilhos emocionais para que as próprias ocupações ocorressem.

Mais ainda. Durante as discussões nas disciplinas desse curso, a simples citação de Winnicott (2005) a respeito das necessidades de confrontação, e pensando como essas possibilidades ficam muito restritas a locais cujas tendências propagandísticas e ideológicas superam as preocupações filosóficas e pedagógicas, por exemplo, em salas de aula de ensino médio, por diversas vezes, eu fui abordado e questionado com indagações assim: “O MBL está financiando você?”. Em outros momentos, em disciplinas: “Você é aluno do Olavo de Carvalho?”. Este, pelo que pude pesquisar, não é psicanalista.

Em outros momentos, ao comentar meu trabalho com pessoas fora de qualquer convívio universitário: “há uma forte tendência marxista nessas ideias de Winnicott, não?”. A própria elaboração do projeto desta pesquisa – só pela escolha dos pressupostos teóricos formulados em relação à necessidade confrontação – colocou-me, de maneira inadvertida, como anteparo de projeções psíquicas que aludem à situação crítica em que o país se encontra; ao sentimento de desconfiança que, justamente, impede qualquer confrontação proveitosa.

Agora, não acredito que haja algo de errado com a saúde mental dos meus colegas de universidade, mas é preciso apontar que as sucessivas crises políticas, sobretudo, as últimas, causaram dano aos vários setores da vida cultural do país, muitos dos quais, até então, nunca estiveram diretamente relacionados a questões políticas e, tampouco, sensibilizados por elas.

Dada à impossibilidade de discutir certos temas sem, antes, considerar o caráter instável das bases para a própria discussão, eu me vi em um dilema: prosseguir com a pesquisa nesses termos ou não. Teria, então, que optar por tangenciar a amplitude real do problema e, com isso, apenas fixar-me na delimitação precisa um campo de pesquisa materialmente constatável, mas perigosamente irreal. Nessa opção, eu daria prosseguimento a uma peça academicamente correta, bem delimitada, certamente, visando agradar a todos; ou, considerando que a dificuldade do debate, até mesmo para o contexto da pós-graduação, teria que optar por uma segunda alternativa: expandir as delimitações do problema às distorções do campo cultural que nos atravessa.

Assim procedendo, posso contemplar vários âmbitos além de uma escola específica ou de um contexto educacional específico. Por quê? Porque é preciso, de saída, considerar o risco real que os jovens correm na conjuntura de deterioração do fator democrático, pois eles tendem a perceber e sofrer mais e antes do que os adultos, como os canários azuis nas minas de carvão...

Mais ainda. A opção por ‘tangenciar’ consiste em aderir a um posicionamento que, pessoalmente, me torna falso, e, portanto aquém dos parâmetros de saúde mental estabelecidos pelo autor escolhido, Winnicott. Nesse sentido, a submissão ao falso-*self* é uma aberração ético-moral, uma verdadeira praga que assola o país, pois tal coisa implica em um estado ‘psicótico coletivo’ em que todos atuam representando a normalidade de uma vida cultural e democrática que já não vai bem há muito tempo.

Tudo parece bem, exceto para os jovens e adolescentes mais saudáveis e, portanto, mais talentosos que, possuindo condições, saem do país, caso não, tendem ao adoecimento, aos vícios, ou pior: à militância político-ideológica que impede o pensamento. Dito desse modo, acredito que qualquer estudo sobre doenças mentais em adolescentes que não leve em consideração a deteriorações do fator democrático e do campo cultural, especialmente em circunstâncias de crise, correm o risco de revelarem-se, na melhor das hipóteses, apenas peças de ficção acadêmicas bem-intencionadas.

Se circunscrevermos o envolvimento da minha pesquisa a uma escola específica, por exemplo, a Escola Estadual Maria José (Mazé), local em que tiveram início as ocupações, restringindo o meu trabalho à materialidade desse local, então, o documentário e as interações, após exibição, não passam de meros registros dos fatos. Seriam necessárias, para compreender o que levou os estudantes a ocupar as escolas, só no estado de São Paulo, duzentas dissertações de mestrado e mil dissertações de mestrado em todo o país, pois esta é a cifra das ocupações que ocorreram durante o período entre 2015 e 2016.

Ora, tem-se o descaso dos sucessivos governos somado ao descaso do conjunto da sociedade em relação à educação do país; além disso, há o agravamento dessa situação com a ocorrência de sucessivas crises políticas e econômicas que obrigam os governos a cortar gastos deteriorando, ainda mais, o bem estar social prometido e protelado.

Sabemos também que o abandono suscita a prevalência intransigente de ideologias marxistas que corrompem, ainda mais, as relações de confiança no tecido social. No entanto, o absurdo desses elementos encontra-se, como em um sonho, condensado no documentário e, mais importante, possibilitando voz aos protagonistas dessas vivências, após a exibição.

Logo, a própria obsessão pela delimitação do problema em categorias previamente estabelecidas, submetendo o caráter transicional dos elementos do campo à rigidez dos enquadres predefinidos, corresponde a uma perigosa tendência esquizoide, pois abstrai e suprime a realidade em prol de categorias mentais multiplicando o problema em miríades de ‘não problemas’. Dito de outro modo, não adianta tapar o sol com a peneira metodológica...

Apesar dos pesares a palavra democracia continua, ao menos, formalmente, sendo o regime político do nosso país e, assim, deve continuar mesmo que as práticas políticas tornem-se autoritárias, numa palavra: ditadura! Não devemos ter dúvidas quanto a isso. Admitindo a gravidade da situação, com maturidade, isto é, sem catastrofília, desespero, paranoia ou “fuga” da realidade, talvez, seja possível começar a rastrear as origens do problema, isolá-las e, com isso, restaurar a confiança em políticas conciliatórias voltadas para a solução dos problemas reais, especialmente, a educação no Brasil, que, numa perspectiva de curto e longo, é nossa questão central a ser resolvida.

4.7 CAPÍTULO 10 - SOBRE O MEDO DO COLAPSO E O COLAPSO REAL DO CAMPO CULTURAL.

O que é ‘usar’ um objeto? É bastante comum, quando crianças, recebermos de presente um primeiro brinquedo; pode ser um primeiro Lego, um carrinho, a primeira bola de futebol, depois a primeira chuteira, ou, até mesmo, uma sucata velha. Não é preciso fazer um grande esforço para lembrarmos o quão especiais eram esses objetos para nós.

Nesse sentido, eles eram dotados de uma vitalidade extraordinária. Com o uso, no entanto, algo acontecia e, de repente, percebíamos a perda daquele brilho original. Não raro, essa sensação vinha acompanhada da empolgação em relação a um segundo novo objeto com que éramos presenteados.

Essa segunda empolgação já poderia vir com um sentimento de culpa, mas seguíamos em frente mostrando-nos felizes com o outro modelo, com o outro exemplar que o coleguinha também tinha, enfim, destruíamos a ilusão com que os primeiros objetos eram constituídos na área intermediária, mas e daí?

Com o passar do tempo, uma criança pode compreender uma gama de objetos; em cada ‘uso’, a destruição do caráter ilusório que abre a possibilidade de novas descobertas (novos brinquedos), em leque cada vez maior, e mais caras para os pais;. Pouco a pouco, a criança vai agregando valor pecuniário aos seus objetos. Agora, eles começam a fazer parte de uma realidade mais ampla, muitas vezes, não tão divertida quanto o brincar despreocupado.

De qualquer modo, a experiência de ‘uso’ é sempre permeada pelo instinto saudável de agressividade que nos coloca em uma relação direta com o mundo empírico. Após muito brincar, uma criança pode avaliar os brinquedos quanto à consistência dos materiais neles utilizados, o peso, a forma deles e como funcionam, entre os outros aspectos, muito antes de qualquer noção ou conhecimento teórico sobre a Lei da ou sobre a Equação de Bhaskara.

Conceituar, abstrair, deduzir, apesar de parecer aos olhos adultos coisas ‘limpinhas’, na verdade, elas constituem a integração máxima do instinto agressivo, isto é, da destrutividade, pois significam desnudar, chegar à essência, à ideia: lei. Pode ser lei da física, da química, da matemática e de outras ciências.

Todavia, não é assim para todos, quero dizer, existem indivíduos que apresentam uma grande capacidade para entender conceitos, demonstrando maior tendência para o trabalho que requer abstração, mas, ao mesmo tempo, certa inabilidade para lidar com a vida prática e com as situações reais nas quais os conceitos são aplicados, Winnicott (1975).

Devido aos traumas decorrentes do ambiente em que vivem, algumas crianças sofrem muito; suas áreas intermediárias apresentam algumas distorções dispostas em gradações, que podem variar ao longo da vida Naffah Neto (2010). Em muitos casos, elas são, em geral, retraídas, tendendo, por isso, para a introversão. As pessoas que apresentam essa “marca” em sua personalidade têm disposição para o trabalho ideativo, pois, nesse caso, a imaginação pode ser empregada como simulacro da realidade externa. Apresentam, por isso, suas “linhas” ligeiramente borradas, mas conseguem ir além da “régua comum”; demonstram certos talentos precocemente.

Ressalte-se que essa disposição referente à introversão, quando não se degenera em escapismo, pode propiciar uma antecipação dos fenômenos da realidade externa, por exemplo, quando fórmulas subjetivamente aplicadas, paradoxalmente, descrevem antecipadamente o comportamento do mundo exterior. Isso é assim, pois a área intermediária retraída ainda mantém sua constituição paradoxal, embora, vale lembrar, já distorcida.

É importante destacar que estou me referindo a indivíduos potencialmente talentosos, que, muitas vezes, beiram a genialidade, especialmente quando suas vidas são bem orientadas, por exemplo, por um bom psicanalista. Caso isso não ocorra, indico o documentário *Las Leyes de Lá Termodinámica* (2018), de Mateo Gil, para que o leitor compreenda, um pouco, o drama que essas personalidades vivem: ao longo do tempo, através do emprego subjetivo da dedução, os sentimentos de onipotência advindos dos sucessos na área retraída tendem a cristalizar-se, cada vez mais, e, esse processo nas relações e conflitos interpessoais manifestam-se nas enrijecidas defesas do ego.

Nesse ponto, as ideias adquirem proeminência, enquanto as experiências que têm a ver com o mundo empírico são deixadas de lado, 'esquecidas', especialmente, quando contradizem as cadeias ideativas.

Em decorrência disso, o pensamento tende a trabalhar de modo mais acelerado, pois o fluxo ideativo fica muito expandido o que, por sua vez, ocasiona mais deduções em relação ao mundo. Em última instância, desfaz-se o caráter criativo do espaço potencial em prol da arrogância que constitui a lógica esquizo-paranoide. Mas por quê? Porque o acesso ao mundo conceitual não se deu mediante a destruição/uso dos objetos, ou seja, a retração da área intermediária significa a dissociação do instinto agressivo em algum grau; logo, é essa agressividade dissociada que retorna como ideias persecutórias.

Mais ainda. Quando observamos notáveis pensadores preconizando o “fim da história”, a iminente tomada do Poder pelos nazistas, no Brasil atual; enfim, discursos que, de modo elucubrativo, dissociam o ‘bem’ e o ‘mal’ e sempre aludindo à iminência de um colapso social; Se a sociedade incorporar esses discursos, de fato, as relações de confiança tendem a deteriorar-se mais, conseqüentemente, é possível o agravamento das crises e, até mesmo, o colapso real da sociedade.

Isso é assim, pois o medo do descongelamento do colapso (que origina as defesas esquizoides) transita no campo cultural compartilhado. É, pois, absolutamente vital não confrontar essas personalidades, a não ser que se queira estrategicamente acentuar o caráter esquizoparanoide em seus discursos, mas é preferível, antes, que se atirem *Teasdy Bears* neles, em vez de pedras. Lamentavelmente, os adolescentes não sabem disso, e não podem lidar com professores assim.

4.8 CAPÍTULO 11 - SOBRE O GESTO ESPONTÂNEO E A COMUNICAÇÃO NO CAMPO CULTURAL.

Em psicanálise, mas, sobretudo, na clínica desenvolvida por D.W Winnicott, aprendemos que a nossa capacidade de doar não corresponde à capacidade dos nossos pacientes de ‘receber’ e aceitar a doação. Ainda bem! É essa diferença que delimita o ritmo pessoal, o estágio diferente de amadurecimento em que cada ser humano se encontra, e, até mesmo, as várias distorções na área intermediária ocasionadas pelos graus de imaturidade.

Contudo, nossa sociedade não enxerga nada disso. A esmagadora maioria dos nossos membros, mesmo aqueles com mais acesso à informação, pouco conseguem discernir a respeito do “recipiente humano”. Aqui, entra em cena uma perigosa inclinação da sociedade, já assinalada por Winnicott (2012) em outros contextos, para o sentimentalismo que as pessoas comuns demonstram diante de indivíduos considerados menos favorecidos ou necessitados, ou seja, daqueles membros que não dispõem das mesmas oportunidades culturais e ambientais que certa parcela da população tem.

Não é difícil notar, sobretudo, nos últimos tempos, o grande esforço intelectual voltado ao tema inclusão. Podemos enumerar diversas tendências intelectuais nesse sentido, que servem de base para reformas políticas em todas as instituições, mudanças jurídicas, pedagógicas; enfim, transformações visando abrir mais portas para aqueles que, tradicionalmente, encontraram-nas sempre fechadas.

Sem deixar de reconhecer esses bem-intencionados esforços, que, antes de tudo, apontam para preocupações menos autocentradas de membros mais favorecidos, nós sabemos, contudo, que, até mesmo, as ‘boas intenções’ devem ser passíveis de análises cuidadosas.

Não há dúvida de que, para alguns, essas transformações podem significar ‘portas abertas’, para outros, entretanto, podem representar uma leniência a ser explorada (não por eles mesmos), isto é, certas personalidades, dependendo do grau de amadurecimento, interpretam o desejo de dar como uma fraqueza do doador e, desse modo, algo intrusivo, mas, também, uma brecha para suas ambições. Isso ocorre em prejuízo do crescimento pessoal, portanto, com as intenções (as primeiras) dos doadores. Mas como isso ocorre?

Certos traumas ambientais severos, como sabemos, aniquilam a constituição dos objetos subjetivos Naffah Neto (2010). Nesses casos, a pobreza interior é compensada pela extroversão patológica que ocorre na borda da área intermediária. Nessa área, o objeto cultural tenta ser empregado de modo a constituir um mundo subjetivo, pois as esperanças de integração e o amadurecimento não estão perdidos nesses casos. O problema é que a “cultura” vigente, muitas vezes, não é a pertencente à tradição, mas, sim, uma distorção ocasionada pelo emprego das personalidades esquizoides.

Em geral, esse “alimento cultural” esquizoide não passa de uma confusão elucibrante a respeito do sentido da história, situando seus agentes a partir de categorias previamente estabelecidas, sem nunca considerar as pessoas reais. Nesse sentido, o termo ‘minorias’ é um conceito que é capaz de ser incorporado por indivíduos que recebem e aceitam todo o conjunto da perspectiva que os acompanha. Por exemplo: o ‘povo’, o ‘pobre’, as ‘minorias’, os ‘negros’, as ‘mulheres’, os ‘homossexuais’, o que essas categorias dizem a respeito das pessoas reais que tentam se encaixar neles?

Dizem algo na medida em que, muitas dessas pessoas, pelo seu próprio estado de fragilidade psíquica, tentam assumir o sentido da história, que sempre acompanha esses termos, como o sentido de suas próprias vidas e histórias pessoais. O problema é fazer isso de modo *prêt-à-porter*. Então, para que todos os sofrimentos e traumas dessas personalidades possam continuar fazendo sentido, é necessário que o mundo todo concorde com aqueles pressupostos do sentido da história propagado; começando pela “luta de classes” e seguindo com a opressão dos brancos sobre os negros, dos homens sobre as mulheres etc.

Então, seguindo essa lógica, é preciso convencer nada menos do que o mundo inteiro desse sentido! Cabe ressaltar que o convencimento é feito de modo extrovertido. Com o tempo, essas personalidades tornam-se hábeis na prática da propaganda... No entanto, muitas vezes, os discursos de convencimento não correspondem às descobertas históricas, muito menos ao ‘sentido da história’, se é que existe tal coisa. Quando um fato se mostra contraditório ao sentido almejado ele é rechaçado, pois representa uma ameaça para essas frágeis constituições psíquicas.

Agora, facilmente esses propagadores de ideologias são arregimentados por grupos, organizações, movimentos, enfim, tornam-se 'mobilizados politicamente' e subordinados a agendas obscuras na exata medida em que a alienação subjetiva persiste e se agrava, essas movimentações possuem como objetivo aproveitar-se das transformações, isto é, das “portas abertas” que foram idealizadas para ajudar pessoas consideradas frágeis.

Quando setores da sociedade, mais reacionários, passam a desconfiar dessas movimentações, falta-lhes o vocabulário claro para discernir os tipos psicológicos em questão, iniciam-se com isso processos de intimidação, ameaças, radicalizações do discurso, mas, ao mesmo tempo, o jogo político de defesa das ‘minorias’, mesmo que essas minorias só existam na imaginação bem-intencionada de certa parcela da população mais sentimentalista. Com isso, partes da sociedade são facilmente jogadas contras as outras, deteriorando, ainda mais, as relações de confiança e o fator democrático inato.

Tudo se passa do seguinte modo: a propaganda ideológica, entendida, aqui, como comunicação reativa, força uma situação de falso entendimento sobre as palavras que designam as pessoas reais. Nesse teatro, todos precisam fingir que compreendem de fato o que se quer designar; a mesma palavra - por exemplo, ‘minoria’ - designa, para uns, grupos criminosos que manipulam pessoas frágeis, para outros, designa as próprias pessoas frágeis idealizadas como capazes de receber a ajuda e terem portas abertas.

Nesse sentido, a paciente negra que estabelece relação transferencial com o psicanalista não tem nada, nenhuma relação com a palavra ‘negra’ compreendida como uma designação das minorias de algum movimento político. Se tal coisa fosse possível, penso que os psicanalistas poderiam fornecer, de antemão, como os oráculos antigos, o fim da história pessoal dos seus pacientes, isto é, se for aceita a premissa de que toda constituição subjetiva está vinculada a um suposto sentido maior da história: o que é absurdo.

No fundo, esses fenômenos propagandísticos e políticos, que refletem as tentativas de amadurecimento dos indivíduos, denominados, aqui, de *Y borderlines* extrovertidos, não podem ser tomados a partir da visão retroativa que os concebem como uma conspiração fascista, nazista ou comunista, ou ainda, como a velha disputa da esquerda contra a direita.

Mesmo porque, todos os regimes autoritários, entendidos, aqui, como ‘regimes imaturos’, quebraram as réguas e compassos que estabelecem os parâmetros sobre o que é direita e o que é esquerda, por isso, a disputa se o nazismo ou o comunismo são de direita ou de esquerda não faz sentido.

Portanto, toda a imaturidade do intelectual esquizoide (Y), do propagandista *borderline* (Y) e do criminoso ‘psicopata’ (X) e (Z) e todas as relações sinérgicas entre esses elementos no campo cultural e nas ações no mundo refletem, antes, um excesso situado próximo às bordas da ordem simbólica, ou fora dela. Ao contrário, a comunicação como um gesto espontâneo mantém a condição paradoxal na qual o emissor, voltado ao campo cultura, também é ao mesmo tempo o receptor porquanto a mensagem ressoa nos mundos subjetivos.

Por esse motivo, dá-se a dificuldade em situar os Movimentos Estudantis ocorridos em 2016, pois a dinâmica do amadurecimento dos adolescentes no campo cultural é passível de analogia com o Princípio da Incerteza de Heisenberg; ora parece situado próxima a uma tendência ora a outras. Não é possível saber com absoluta precisão, mas me preocupa o avanço desse acúmulo de resíduo imaturo na cultura, dessa propagação, que visa, agora, diretamente os nossos adolescentes.

Não sejamos ingênuos nesse ponto. Não é porque certo “material humano” deve manter-se em um estado de indeterminação, de imaturidade, como um inacabamento constitutivo saudável, presente em indivíduos plenamente adultos, que a sociedade deva simplesmente se descuidar e ignorar a interrupção do “fator democrático inato” e os processos descritos que desencaminham as pessoas e, com isso, toda a sociedade para a tirania, seja lá qual rótulo ou justificação filosófica que a tirania venha a se apresentar, inclusive fazendo suscitar reações que consistem em contrapontos igualmente imaturos e tirânicos.

5. A Adolescência e Sua Lógica

Talvez haja apenas um pecado capital: a impaciência. Devido à impaciência, fomos expulsos do Paraíso; devido à impaciência, não podemos voltar. (Frans Kafka)

A essência do adolescente pode ser descrita como sendo o próprio *fazer criativo*, caracterizado por ações dramáticas situadas entre o brincar (crianças) e os processos de simbolização em nível do pleno pensamento (adultos) (LEHMAN, 2012). Podemos dizer que essas ações dramáticas fundam teatros de expressão corporal e emocional, como protopensamentos⁵, isto é, expressões instintuais dotadas de sentido que transitam e fundam a possibilidade do pensamento abstrato.

Logo, a ênfase é em um “fazer” dotado de agressividade dirigida, como os gestos, sinais e toques com as mãos que ocorrem nesses contextos grupais. A respeito dessas funções grupais, Lehman afirma:

O adolescente busca o grupo como precursor do objeto transicional que vai lhe permitir a desidealização paulatina dos objetos transicionais (ideológicos) no qual estão os ídolos, o pensamento mágico e as palavras como jogo. Estes, às vezes, retêm a dependência que havia no grupo familiar – cria-se uma zona imaginária onde se maneja o real com fortes sentimentos de onipotência que se adquirem mediante a integração grupal – trata-se de um espaço entre a família e os grupos sociais mais amplos. (LEHMAN, 2012, p. 98)

Tudo se passa do seguinte modo: em um processo saudável de maturação, os adolescentes agrupam-se compartilhando certos objetos culturais. Esses são compostos por elementos sutis oriundos de seus entornos e vivências familiares. Já há, aqui, uma tendência à jocosidade que visa à sátira da “infantilidade” confessada, na melhor das vezes, espontaneamente.

Nesse movimento de desidealização, todos troçam das expressões de um a outro, riem em tom de onipotência e, assim, se protegem tanto do isolamento quanto das ameaças de despersonalização/fusão (totalitária) no grupo.

⁵O conceito de protopensamento usado por Lehman (2012) pertence ao psicanalista Wilfred Bion, e sua definição é, segundo Zimmermann: “Como elementos β (esse último termo pode ser tomado como sinônimo de protopensamento). Essas impressões e experiências não se prestam ainda para serem utilizadas como pensamentos propriamente ditos (ou seja, a partir de conceitos). Servem para serem evacuadas, tanto para fora (como nos *actings*), como para dentro do organismo (como nas psicossomatizações)” (ZIMMERMANN, 2008, p. 333).

Nesse sentido, o jogo teatral mais se assemelha à comédia, com ênfase no poder criativo/destrutivo do riso⁶. Então, nesse “fazer” grupal, os adolescentes trabalham criativamente com materiais formativos dos seus respectivos objetos culturais compartilhados, como que “esticando”, testando a linha da absurdidade desses elementos: tem-se, precisamente aí, o protótipo da argumentação lógica, o *Reductio ad absurdum*, e, com isso, um possível favorecimento emocional para o aprendizado da lógica.

Dito de outro modo. As crescentes formulações abstratas e contestações cheias de sarcasmo e ironia já estão potencialmente contidas em situações em que as ideias são trabalhadas em grupos. Por exemplo, o sonho verbalizado e expressado nos *actings* de ser jogador de futebol, modelo, bailarina, cantora que, pouco a pouco, vai sendo testados e ironizados pelos outros participantes do grupo.

Surgem, a partir dessas elaborações criativas, compreensões mais afinadas com a realidade circundante até, possivelmente, culminar na adoção de novos sonhos, agora mais condizentes com as escolhas de profissões e de estudo realizadas por adolescentes. Temos, então, que o processamento dessa lógica é gradual, cíclica, podendo tomar certa independência dos fatores biológicos (puberdade) que são propulsores no início, tudo depende de como o espaço potencial, assim configurado, pode se manter e se transformar.

Para Lehman, “O conceito de fenômeno transicional se refere a uma dimensão do viver que não pertence nem à realidade interna nem à realidade externa; ao contrário é o lugar em que ambos se conectam e se separam, o interno e o externo.” (LEHMAN, 2012, p. 94). Retomando, no espaço potencial, o riso de um, em relação ao outro, é incorporado, favorecendo a futura capacidade de o indivíduo rir de si mesmo, compondo, dessa forma, o superego pessoal flexível; é como diz o provérbio judaico: “O homem planeja e a Divindade ri”.

⁶Cabe trazer, aqui, o teorema bergsoniano para o qual “*O absurdo do cômico é de mesma natureza do absurdo dos sonhos*”. Em seu artigo intitulado “A Comicidade de Caráter”, Henri Bergson embasa o divertimento do *jogo de ideias* no que este tem de semelhante com alguns aspectos da lógica onírica (BERGSON, 2007).

Essa descrição sobre os ensaios grupais não exclui a confrontação do adolescente em relação à figura adulta como propõe Winnicott, especialmente, as de caráter paternal, que marcam rupturas mais bruscas com as ilusões (WINNICOTT, 2005). Aqui, verificamos certa reedição primitiva da necessidade do encontro com um anteparo apropriado para conter a sua agressividade: como quando o bebê pressiona seus membros em direção ao corpo da mãe (NAFFAH NETO, 2012).

Essa agressividade cíclica pode, em alguns casos, significar um verdadeiro “*Crepúsculo dos Ídolos*”, uma peculiar disposição iconoclasta. Aqui, vemos a possibilidade de a confrontação se aproximar do pensamento cultural, não ficando restrita ao caráter pessoal das figuras de autoridade do entorno.

Dessa forma, temos que a lógica da confrontação pode ser proveitosa, introduzindo o adolescente na vida cultural e possibilitando com que seu sentimento de onipotência se atenuie no encontro com seus “pares” da história do pensamento e da religião. Afinal, os temas da criação e da ruptura com as ilusões não permeiam toda a cultura ocidental?

Nesse sentido, é possível pensar o ensino de temas bíblicos e filosóficos em sala de aula, uma vez coloridos pelas motivações adolescentes, segundo a psicanálise winnicottiana, visto que, da lógica (socrática e aristotélica) à história do patriarca Abraão, que destrói os ídolos da casa de seu pai, seja pela fé ou pelo *logos*, encontramos a mesma disposição irônica em relação à ordem circundante, que precisa estar pronta para ser chacoalhada na incessante busca do adolescente por algo bom, verdadeiro e de valor.

6. O Espaço Virtual no Ambiente Escolar

Em Levisky, encontramos a expressão “espaço virtual” para designar algo como mundo interno, representações através das constelações simbólicas etc (LEVISKY, 2012). Nessa perspectiva, o espaço virtual interno, sustentado pelas relações de confiança básicas constituídas no lar, estão constantemente ameaçados e invadidos pela “rápida evolução tecnológica”, consequência do “irrefreável gozo” das sociedades modernas. Há aqui uma visão crítica de sociedade e os apontamentos de suas consequências negativas na concepção de lar de Winnicott: um lugar de sustentação.

Não é assim que pensa o psicanalista Outeiral ao, primeiramente, não fazer menção a qualquer concepção de mundo interno ou crítica ao funcionamento da sociedade. Para ele, o problema do espaço virtual é, de saída, ontológico. Referindo-se a Pierre Levy, ele afirma: “Ao seguir definindo o conceito de ‘virtual’ o autor opõe ao conceito de ‘dasein’, conceito de Heidegger do ‘ser-um-ser-humano’ ou, literalmente, ‘ser-aí’, ao ‘ser-lá’ do ‘virtual’: o virtual, ao contrário do ‘dasein’, é a ‘não presença’ (OUTEIRAL, 2001, p. 71). Nesse sentido filosófico, o virtual é algo que, em seu potencial, é desprovido de território, simplesmente ‘sem lar’.

Outeiral, de maneira implícita, apresenta esse conceito filosófico de “espaço virtual” contrapondo-o à noção de espaço potencial psíquico (espaço transicional) de Winnicott. Afinal, algo “desprovido de lar” é insustentável, insuficientemente bom, por definição (OUTEIRAL, 2001). Notamos, porém, algo crucial na aproximação desses conceitos filosóficos e psicanalíticos, pois, seguindo a ideia de Outeiral, “espaço virtual” não está atrelado à concepção proposta por Levisky a respeito das constelações simbólicas e às representações constituintes do mundo interno.

A metáfora da “representação” em Outeiral refere-se ao “palco”, isto é, à boa delimitação e separação da cena representada e o espectador. A linha de separação entre palco e plateia, segundo o autor, está ameaçada pelo excesso de interatividade tecnológica. O próprio espaço virtual borra esses limites desfazendo certa ilusão necessária à fundação da subjetividade (OUTEIRAL, 2001). Seguindo essa ideia, o aumento exponencial de interatividade virtual ameaça a própria condição de espectador. Desse modo, na visão do autor, ameaça também o espaço potencial crucial ao desenvolvimento emocional nos termos de Winnicott (OUTEIRAL, J, 2001).

Dito de outro modo. A “interatividade” do espaço virtual, *a priori*, pode ameaçar o desenvolvimento emocional na área intermediária que situa o paradoxo criativo fundamental:

Para Donald Winnicott esta experiência estética, fundamental para o desenvolvimento emocional, é dada pela “área de ilusão”, local de uma experiência paradoxal, onde o bebê cria e encontra a beleza, possibilitada pela mãe-suficientemente-bom. (OUTERIAL, 2011, p. 75)

Mas por que ficar preso à pergunta: um *dispositivo* tecnológico e seu “potencial de interação” pode, por si só, funcionar como uma mãe-insuficientemente boa? Afinal, o paradoxo fundamental consiste, justamente, em uma ilusão, um lugar entre a polaridade interior e exterior.

Não faz sentido perguntar se algo existe *a priori*, para, depois, filosoficamente conceituá-lo como “não presença”, julgando-o inconciliável com a noção de ambiente suficientemente bom. A questão verdadeira é: como ocorre a *apercepção* do dispositivo e, por conseguinte, do espaço virtual, no seu *uso criativo*? Sobre a ênfase dada à mera percepção em detrimento da *apercepção* criativa, o próprio Winnicott afirma que, somente “na doença”, a percepção prepondera sobre a *apercepção*:

A “percepção” dos objetos do mundo compartilhado é uma *apercepção*, isto é, salvo na doença, ela é sempre criativa, pois se dá no encontro do mundo interno pessoal do indivíduo com a realidade, esta entendida como exterioridade. A criança usa criativamente o objeto que está presente no mundo compartilhado. (SANTOS, 1996, p. 119).

Isso significa que “percepção” e “*apercepção*” não se excluem. Contudo, para Winnicott, a saúde reside na atuação criativa da segunda sobre a primeira. Também o corte estabelecido entre o espectador e a cena não é absoluto. O que Outerial realmente faz é reivindicar a preservação da *possibilidade* dessa separação (OUTEIRAL, 2001).

No espetáculo cômico, por exemplo, na apresentação *Snowshow*, do Clown Slava Polunin, no *entr’act* das apresentações, a interação dos atores com a plateia é direta e intensa, além de outros momentos em que esses e outros espetáculos permitem a ultrapassagem momentânea dessas separações, sem, contudo, desintegrá-la como teme Outerial.

Portanto, é possível pensar o espaço virtual acessado pelos dispositivos tecnológicos situados em um campo aperceptivo dos alunos que, podem, também, integrar-se ao espaço transicional se corretamente introduzidos em um projeto pedagógico e, por exemplo, serem manejados no “*entr’acte*” das aulas, por professores.

“A tela do computador não é um espelho, muito menos um espelho vivo como é o olhar da mãe...” (OUTERIAL, 2001, p. 74); uma sala de aula virtual acessada por um dispositivo (tela de computador), mas que está situada em um campo aperceptivo, como uma extensão direta do ambiente escolar suficientemente bom; pode permitir com que o espaço transicional seja estimulado pelos recursos virtuais.

As conclusões de Outeiral e Levisky sempre partem do pressuposto de que a tecnologia é intrusiva ou essencialmente desenraizada (não presença); ao contrário, porquanto as estruturas virtuais não substituam, mas se sustentem a partir das qualidades humanas devidamente aferidas do lar e do ambiente escolar, isto é, os pais e os professores que disponibilizam seus traços de caráter no lar e em salas de aula físicas; com isso pode-se até expandir o espaço transicional.

Existe uma *medida de valor*, cada vez maior, no que é dito e feito na *internet*, no contexto desta pesquisa, pensando o ambiente escolar com adolescentes. Esses espaços virtuais podem propiciar discussões políticas devidamente moderadas e avaliadas para que, posteriormente, essas mesmas ideias transitem para as atividades e avaliações na sala de aula física; do lar à sala de aula, essa estrutura de transição virtual podem facilitar o entendimento entre alunos e professores.

Mais ainda. A ausência de qualquer projeto pedagógico nesse sentido impede o estabelecimento de uma ética para o uso saudável das estruturas virtuais compartilhadas, incluindo os usos individuais das redes sociais e *internet* em geral; locais que, com toda a razão, preocupam pais e professores por oferecerem riscos ao aprendizado, por incitarem os adolescentes a ideologias e comportamentos antissociais. A metáfora de Outeiral é perfeita ao descrever o espaço virtual e seu uso inconsciente como sendo o do “fogo”. Segundo BACHELARD:

Eis, então, a verdadeira base do respeito diante da chama: se a criança aproxima sua mão do fogo, seu pai lhe dá um tapa nos dedos. O fogo castiga sem necessidade de queimar. Seja esse fogo chama ou calor, lâmpada ou fogão, a vigilância dos pais é a mesma. (BACHELARD, 1998, p. 16-17).

Pode-se afirmar que o adolescente pode, desde a infância, ser educado para usar as redes sociais em casa e também na escola, desde que haja um projeto pedagógico nesse sentido. Se “A sociedade precisa ser chacoalhada por seus membros não responsáveis” (WINNICOTT, 2005, p. 158), pode-se esperar o mesmo *online*. É como um “fogo” que tende a incendiar descontroladamente à medida que a tecnologia avança mais rapidamente do que capacidade de integrá-la ao campo aperceptivo, isto é, psíquico, emocional, pedagógico, poético, cultural, e, com isso, à política e às manifestações democráticas saudáveis.

Senão, vejamos. Bachelard descreve esse “incêndio” da seguinte forma: “Por conseguinte, visto que as inibições são à primeira vista interdições sociais, o problema do conhecimento pessoal do fogo é o problema da desobediência engenhosa” (BACHELARD, 1998, p. 19).

Dito de outro modo: “o complexo de prometeu”, que é o complexo de Édipo da vida intelectual, segundo Bachelard. A questão da apropriação indébita de um suposto conhecimento pode ser exemplificada em queixas frequentes que professores têm, quando seus alunos, geralmente exibindo conflitos adolescentes, mostram-se apáticos nas salas de aula, porque julgam que todo conhecimento pode ser absorvido gratuitamente via informações disponíveis na *web*, mantendo-se arrogantes *como se* já soubessem tudo e não precisassem dos professores.

Tal situação configura um dano no que, idealmente, pode-se entender como uma sala de aula suficientemente boa, pois favorece a permanência imatura de traços patológicos de personalidade, a problemática *borderline*, que Outeiral julga ser o problema do não espelhamento do espaço virtual. O problema, aqui, é a tendência de personalidades psicóticas se “apropriarem” de um suposto conhecimento muito rapidamente, com baixo nível de empenho, utilizando aí artifícios miméticos em relação ao ambiente externo, identificações com comportamentos, ideias, ideologias políticas, moralidade etc. Naffah descreve esse tipo de personalidade denominando-os “como se”:

Nesse caso, como tem de servir como o único eixo de sobrevivência do indivíduo, o falso *self* exibe uma formação muito mais sofisticada. Embora seja muito comum que o seu arcabouço principal seja também formado pela função intelectual hipertrofiada e cindida, ele se preenche de formas humanas: uma espécie de amálgama, formado através de múltiplas mimetizações, identificações e introjeções de traços recortados do seu ambiente originário: a mãe, a tia, a babá etc. (NAFFAH NETO, 2007, p. 77-78)

E deve-se acrescentar a introjeção de traços recortados dos ambientes *online*, os mecanismos de emulação do *borderline* adaptam-no bem ao seu entorno, pois, ao se retraírem os seus sentimentos, (retração afetiva) também as dificuldades (resistências), diante do que ele quer conhecer, diminuem quase que na mesma medida. Resta-lhe apenas o mero exercício de memorização e mimetização.

Essa colagem pode ter a forma exterior de uma verdadeira personalidade e, à primeira vista, enganar o observador externo, já que exibe uma capacidade de adaptação ambiental exemplar. Entretanto, pode-se dizer que se trata de uma personalidade sem alma, cuja característica maior é a aparência pura, destituída de sentido existencial: tudo parece ser, sem sê-lo verdadeiramente, daí o nome “como se”. (NAFFAH NETO, 2007, p. 77-78)

Portanto, essa dinâmica patológica mostra-se intelectualmente semelhante ao fogo roubado por Prometeu, que não se integra à base instintual e psíquica. O espaço virtual, se não contemplado por um projeto pedagógico e integrado ao espaço transicional, especialmente no ambiente escolar, durante a adolescência, pode fornecer um estoque incendiário de falsos conhecimentos, figuras de introjeção e identificação. Por essa razão, o espaço virtual pode ser incalculavelmente negativo para adolescentes “Y” com tendências psicóticas, mas, também, pode ser incalculavelmente positivo se for cuidadosamente manejado e implantado por profissionais da educação.

7. O Jovem Freud

Segundo Winnicott (1986), a adolescência acompanha algumas mudanças sociais relativas ao desenvolvimento das armas nucleares, o desenvolvimento de métodos contraceptivos eficazes e a contenção das doenças venéreas. Precisamente esses três fatores possibilitam o afrouxamento da disciplina militar, a minimização das consequências de comportamentos sexuais de risco que, em síntese, abrem a possibilidade de exploração das vivências e problemas existenciais.

É interessante, aqui, retomar a clássica afirmação: “A cura para a adolescência pertence à passagem do tempo e aos processos gradativos do amadurecimento [...]” (WINNICOTT, 1986, p. 98-99). Se a adolescência implica uma postura existencial-vivencial além de condições sociais (políticas) favoráveis, como a mera passagem do tempo cronológico pode garantir algum tipo de “cura” e amadurecimento? E cura do que exatamente?

Winnicott cita as experiências dos primeiros meses de vida e da infância, segundo cada adolescente: fixações pré-genitais, questões edipianas e pré-edipianas em aberto, heranças inconscientes desconhecidas que devem, agora, ser integradas ao Ego, Winnicott (1986). “É como pôr vinho novo em garrafa velha.” (WINNICOTT, 1986, p. 100). Em outras palavras: o adolescente é instável porque o recipiente antigo é frágil, precisa conter material “subatômico”; afinal, eles são consequência das tensões das guerras e bombas que nunca explodiram: “bastante parecido com o inconsciente reprimido do indivíduo, que não é tão bonito se for exposto ao mundo.” (WINNICOTT, 1986, p. 103).

Antes da década de 60, portanto, antes dessas transformações, podemos vislumbrar um conflito adolescente nas motivações pessoais de Sigmund Freud, segundo Mc.Grath W. J. O que se pode chamar “adolescência de Freud” foi marcada por certa rebeldia. Curiosamente, nesses períodos, o jovem Freud apresentava baixo rendimento escolar e nutria, sob pressão antissemita, intensos sentimentos em relação à política. Vale lembrar que, à época, imperava a rigidez dos costumes repressivos de uma educação alemã Mc. Grath (1988).

Nessa interpretação biográfica, o historiador também cita alguns heróis com os quais Freud simpatizou. Todos eles tinham em comum o interesse pela luta contra a tirania; Aníbal, Marcus Brutus, entre outros. A consequência emocional e intelectual dessas simpatias se deu no âmbito da fantasia como uma “válvula de escape”. Posteriormente, o próprio Freud analisa a sua “fantasia de Aníbal”, produto da “desilusão” em relação ao pai, considerando-a apenas expressão imatura de seus desejos edípicos não resolvidos Mc. Grath (1988).

Arrisco dizer que esse processo descrito por Mc.Grath assemelha-se aos dois aspectos que Winnicott descreve como a suavização dos conflitos adolescentes: identificação com figura paterna e o enriquecimento intelectual (WINNICOTT, 1986, p. 104). Contudo, em Freud, vemos prevalecer a identificação infantil e já adolescente, com o personagem bíblico José, o interpretador de sonhos:

Em adição aos fatores políticos externos mais amplos que tornavam história de José significativa para Freud, fatores mais específicos internos faziam-na também emocionalmente significativa. Em seu Estudo Autobiográfico, como já observei, Freud induziu sua referência à influência da Bíblia em seu pensamento pela menção das peregrinações de sua própria família e seus antepassados. O destino de José, que se desloca da atrasada campanha da Palestina para o esplendor da corte Egípcia (...) (MCGRATH, 1988, p. 28)

Vale lembrar que o acesso de Freud a esse tema religioso se deu pela Bíblia de Philipson, conhecida pela sua forte inspiração democrática Mc. Grath (1988). Em 1899, Freud publica *A Interpretação dos Sonhos* sugerindo o paralelo estreito entre sócio-política e o mundo instintual. Precisamente aqui, é importante ressaltar a relação entre censura e repressão em uma situação realmente instável:

Concorrentemente, no seu trabalho sobre os sonhos, voltou-se para a descrição da instância repressora mental responsável pela admissão das ideias à consciência, ou seja, o censor. A natureza repressora da autoridade política esteve à mostra no outono de 1897, não apenas no parlamento, através da Lex Falkenhaym, mas também na imprensa diária. (MC.GRATH, 1988, p. 22)

Nesse contexto, Freud vê-se em um entorno difícil: “um judeu entre católicos, republicano numa monarquia, um advogado do hipnotismo numa comunidade científica cética” (MC.GRATH, 1988, p. 214). Em razão disso, a saída que Freud encontrou para seus conflitos de adolescente se deu anos mais tarde, já beirando 50 anos, por via intelectual que resultou na publicação da obra referida como “a mais bela” – *A Interpretação dos Sonhos*.

Logo, a possibilidade de cura da adolescência, que Winnicott descreve pela simples “passagem do tempo”, só parece fazer sentido no contexto do pós-guerra, década de 60, em um país, politicamente, “à maneira inglesa”.

Mais ainda. O próprio Freud teve à disposição, tanto no lar como na educação escolar, acesso ao que Winnicott elenca como permitido estudar em uma democracia: “Etimologia da palavra”, “Histórias das instituições Sociais, gregos, romanos e etc” (WINNICOTT, 2005, p. 250). Ainda que em contexto totalmente adverso, ousou dizer que Freud recebeu uma educação que o ajudou a forjar, inconscientemente, um sentido pessoal à vida democrática – precisamente a luta contra a tirania –, começando pela tirania interna expressa pelo superego nos quadros neuróticos.

Todas essas motivações deram-lhe força psíquica para seguir em frente com suas ideias contrárias ao *establishment* intelectual de sua época, mas, também, continham seu germen na história de José da Bíblia de Philipson, na qual o temperamento semita contrastava com a apatia e passividade egípcias nos seus afazeres científicos Mc. Grath (1988).

Contudo, essa instabilidade temperamental tão essencial à democracia, caracterizada em Freud como a ambivalência emocional edipiana, também expressa a problemática do viver criativo e que corresponde à integração do elemento masculino puro ao *Self*. Segundo Winnicott:

Desejo dizer que o elemento que estou chamando de 'masculino' transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto. É no desenvolvimento dessa ideia que falamos de impulso instintivo na relação do bebê com o seio e com o amamentar, e, subsequentemente, em relação a todas as experiências que envolvem as principais zonas erógenas, e a impulsos e satisfações subsidiárias. (WINNICOTT, 1975, p. 129).

É óbvio que não se trata da identidade sexual, mas, sim, da possibilidade do viver criativo: o “fazer” integrado ao *Self* que implica uma atitude ativa, pessoal, em relação ao mundo.

Adolescentes que apresentam dificuldades nesse sentido, permeadas, ou não, pela sintomatologia neurótica, podem ser denominados (Y), dado que apresentam uma dificuldade no desenvolvimento emocional na passagem do “ser” ao “fazer”. Tudo isso vivido, intensamente, pelo jovem Freud e, posteriormente, no âmbito intelectual resultando nas investigações, processos e metodologias que caracterizam a psicanálise.

8. Os Destinos da Agressividade Adolescente

Como consequência disso o remédio não é a educação das crianças em termos de manejar e controlar sua agressividade, mas oferecer ao maior número possível de bebês e crianças condições (de ambiente emocional) tão estáveis e confiáveis que eles possam, cada um deles, vir a conhecer e a tolerar como parte de si mesmos o conjunto total de sua agressividade o avido amor primitivo, a destrutividade, a capacidade de odiar, etc. (D.W WINNICOTT, 1990, p 47)

Segundo o psicanalista D. W. Winnicott, “A criança de dois anos de idade que rouba moedas da bolsa de sua mãe está brincando de bebê faminto que pensa ter criado sua mãe e supõe ter direitos sobre ela e seus pertences” (WINNICOTT, 2012, p. 186). Assim, são explicadas as motivações inconscientes para comportamentos antissociais, tanto na primeira infância, como, posteriormente, na adolescência.

A ideia central subjacente é que há um processo gradual e sadio de desilusão que se inicia no desmame, quando a mãe assim procede respeitando os ritmos pessoais do seu bebê. Nesse processo, que se estende nas diversas passagens ambientais da vida humana, a agressividade tem um papel fundamental, muito embora suas origens sejam manifestadas antes da primeira mamada; a agressividade deve integrar-se ao verdadeiro Self:

Inicialmente o bebê não pode distinguir entre o “eu” e o “não-eu”, sendo que os objetos (ou seja, o ambiente) são percebidos subjetivamente – é o que se constitui na relação de objeto. Enquanto o bebê se desenvolve, dependendo do ambiente facilitador e da mãe suficientemente boa que se apresentar, ele passa objetivamente a perceber o mundo: é isso o uso do objeto (ABRAHAM. J, 2000, p18)

Dito de outro modo. Nos estados excitados, o bebê simplesmente toma a mãe como anteparo de sua agressividade primária. Isso antecede qualquer possibilidade de ele se preocupar com o que está fazendo, somente após a mãe ter “sobrevivido”, ou o ambiente ter tolerado a agressão, que se pode adquirir a capacidade para a preocupação e culpa em relação ao objeto em dessubjetivação. (Abraham. J, 2000). A integração ocorre no Self, vale lembrar; não ocorre pela experiência direta com a objetividade do objeto, mas mediada pela terceira área da experiência em que um objeto transicional se faz presente.

Com isso, o reconhecimento da agressividade só deve começar a ocorrer quando, minimamente, houver integração do instinto erótico capacitando sentimentos mais sofisticados de preocupação, culpa, reparação etc. Somente nos estágios mais avançados, envolvendo pessoas totais, surgem os conflitos emocionais triangulares que se estendem (ou se reeditam) nas relações interpessoais; as combinações instintuais atuam de modo a se integrar a experiências cada vez mais complexas e amplas com o mundo. Abraham. J (2000).

Segue que a criança em amadurecimento canaliza a agressividade para propósitos construtivos, por exemplo, os ensaios para a generosidade: brincando de cozinhar ou construindo algo, ela pode mostrar e oferecer sua criação aos outros ou destruí-la. Assim, suas tendências agressivas e sentimentos de culpa são atenuados pelos bons padrões ambientais que seu lar oferece, enfim: “A criança normal, ajudada nos estágios iniciais pelo seu próprio lar, desenvolve a capacidade para controlar-se. Desenvolve o que é denominado, por vezes, “ambiente interno”, com uma tendência para descobrir um bom meio.” (WINNICOTT, 2012 , p 131)

Agora, quais as implicações que uma perda ambiental tem em relação à agressão? Winnicott (2012) resume a existência de dois destinos para a agressividade, um como fonte de vitalidade e outro como reação à frustração. Aqui, encontramos o sentido da tendência antissocial, ou seja, uma reação dotada de propósito inconsciente ocasionada por uma falha ambiental, entendida pelo Ego como advinda de algo externo. É isso que determina a diferença entre a tendência antissocial e a doença psicótica:

O conhecimento correto de que a causa da depressão ou desintegração é externa, e não interna, é responsável pela distorção da personalidade e pelo impulso para buscar uma cura através de novos suprimentos ambientais. O estado de maturidade do Ego, possibilitando uma percepção desse tipo, determina o desenvolvimento de uma tendência anti-social, em vez de uma doença psicótica (WINNICOTT, 2012 , p 45)

Seguindo:

Quando uma criança rouba fora de casa, ainda está procurando a mãe, mas procura-a com maior sentimento de frustração e necessitando cada vez mais encontrar, ao mesmo tempo, a autoridade paterna que pode por e porá um limite ao efeito concreto de seu comportamento impulsivo e à atuação das ideias que lhe ocorrem quando está excitado (WINNICOTT, 2012, p 131)

É importante distinguirmos tendência antissocial de delinquência. O primeiro termo define uma situação de esperança e sinalização para correção ambiental e retomada imediata do amadurecimento, enquanto que o segundo trata da ocorrência de cristalizações dessa tendência que podem, em casos extremos, consolidar a psicopatia:

A menos que se veja em apuros, o delinquente só poderá tornar-se cada vez mais inibido no amor e, por conseguinte, cada vez mais deprimido e despersonalizado tornando-se por fim totalmente incapaz de sentir a realidade das coisas, exceto a realidade da violência” (WINNICOTT, 2012, p 131)

As ações antissociais são, portanto, buscas inconscientes pela “mãe perdida”, isto é, pelo ambiente suficientemente bom que falta e, por isso, é sentido como algo a ser reivindicado. Após a puberdade, se mudanças ambientais não ocorrerem, essas ações antissociais acabam desferidas com violência contra a sociedade e seus representantes, o que inclui não só Escola, mas, também, tudo que o que é compreendido no campo cultural:

(...) como que buscando uma moldura cada vez mais ampla, um círculo que teve como seu primeiro exemplo os braços da mãe, a relação parental, o lar, a família (incluindo primos e parentes próximos) a escola, a localidade com suas delegacias, policiais o país e suas leis. (WINNICOTT, 2012, p 131)

Os adolescentes que se engajam em atividades ilícitas, no exato instante em que assim procedem, agem (*acting-out*) como que reencontrando algo especial, algo sentido como desde sempre lhes faltando:

Também no padrão esboçado acima, Winnicott sistematiza a sua grande hipótese a respeito das crianças antissociais, qual seja, a de que elas, ao agirem de um modo antissocial, estão, na verdade, compelindo a sociedade a agir sobre elas, a estabelecer uma forma de contenção que de algum modo reorganize o seu ambiente e lhes possibilite se reestruturarem sem o uso de defesas antissociais.(SANTOS. M, 2013, p 79)

Agora, tendo em vista que a tendência antissocial pode estar atrelada a outras doenças, por exemplo, as psicoses, podemos concebê-las, originalmente, na primeira infância, mas suas expressões violentas podem ocorrer na adolescência. Essas comorbidades em que uma doença psicótica também acompanha tendências antissociais devem ser consideradas levando-se em conta a multiplicidade de traumas ambientais anteriores e posteriores à integração do Ego, ou seja, aos múltiplos modos como um ambiente pode falhar com uma criança.

Um adolescente é plenamente saudável porque pode expressar, em sua conduta, tendências relativas às várias doenças mentais; a adolescência patológica implica extremismo e fixação:

Aquilo que se mostra no adolescente normal está relacionado com o que se mostra em várias espécies de pessoas doentes. Por exemplo, a ideia do repúdio da solução falsa corresponde à incapacidade do paciente esquizofrênico para transigir; e, em contraste com isso, isto a ambivalência psiconeurótica e também o fingimento e auto-sugestão em pessoas saudáveis.(WINNICOTT, 2012, p 172)

E mais:

A necessidade de sentir-se real corresponde, por outro lado, aos sentimentos de irrealidade associados à depressão psicótica, à despersonalização e a necessidade de desafiar corresponde a um aspecto de tendência anti-social, tal como se manifesta na delinquência.(WINNICOTT, 2012, p 172)

Disso decorre que, segundo Winnicott, um grupo de adolescente é todo organizado em torno do seu membro mais doente; este possui grandes chances de ter suas tendências antissociais e psicóticas consolidadas por toda a vida: “Em cada caso, há um bando de adolescentes que se agrupam em torno do indivíduo doente, cujo sintoma extremo colide com a sociedade” (WINNICOTT, 2012, p 173).

É importante destacar que o adolescente é alguém que, não estando totalmente fundido ao núcleo de seu grupo, nas expressões mais exacerbadas dos instintos, ao mesmo tempo, também encontra adultos maduros, um por um, sem se identificar com eles; representantes da sociedade que toleram a adolescência, embora devam intervir quando necessário. É nesse sentido que o caráter de isolamento deve ser entendido:

O adolescente é essencialmente um isolado. É partir de uma posição de isolamento que ele se lança no que pode resultar em relações. São as relações individuais, uma por uma, que levam finalmente à socialização. O adolescente está repetindo uma fase essencial da infância, pois o bebê também é um isolado, pelo menos até que seja capaz de estabelecer a capacidade de relacionamento com objetos que estão fora de seu controle mágico. (WINNICOTT, 2012, p 172)

É um isolamento em grupo, mas que pode assumir características degenerativas imaturas quando reativas:

“Eles podem, é claro, estabelecer um grupo se forem atacados, como grupos, mas isso é apenas um agrupamento reativo e, finda a perseguição, o agrupamento cessa e se dissolve. Portanto, não é, satisfatório porque não tem uma dinâmica interna” (WINNICOTT, 2012, p 172)

9. O Campo Cultural e a Qualidade de Seus Objetos.

Winnicott discorre sobre a formação de grupos adolescentes e em um contexto político mais amplo; por exemplo, ele identifica o fascismo e o nazismo como um ideal pré-púbere e, sua efetivação na sociedade, como um “modo de vida” na faixa estaria errada (Winnicott, 2012).

É fato que a sociedade pode oscilar ou pode simplesmente falhar em optar pelo valor da maturidade, fazendo das tendências imaturas seus novos ideais. No caso do nazismo e do fascismo, encontra-se destacados o culto à mentalidade pré-púbere: a pureza e higiene do mundo das ideias abstratas.

Mas, igualmente, existem outras tendências imaturas presentes na sociedade, por exemplo, o que citamos neste trabalho sobre as “estratégias de engano” do psicanalista A. Belmont (1996), para quem a corrupção elevada a uma forma de “padrão nacional”, constituindo uma “tendência antissocial” extirpada de sua faceta positiva: a esperança. Ao contrário, conforme explicado por A. Belmont (1996), restam apenas os gestos de sobrevivência como padrões cristalizados na realidade externa.

Nesse sentido, segundo Winnicott, “O furto está no centro da tendência antissocial associada à mentira” (WINNICOTT, 2012, p 141). A mentira, no Brasil, segundo Sergio Belmont, é uma forma de estratégia de sobrevivência social, algo valorizado por, supostamente, garantir sucesso e ser a marca de líderes políticos. De qualquer modo, estamos falando de contextos nos quais o não ideal é elevado ao *status* de ideal, isto é, dando margem a uma pseudo tradição e, tornando impossível, de saída, os processos de desidealização inerentes à transmissão e transformação da cultura: numa palavra: ao amadurecimento. Segundo Winnicott;

Detive-me o suficiente, talvez, quanto ao significado da palavra 'cultura', deixando evidente o que sei e o que desconheço a esse respeito. Interessa-me, contudo, como tema paralelo, o fato de que em *nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição*. Inversamente, aqueles que nos oferecem uma contribuição cultural jamais se repetem, exceto como citação deliberada, sendo o plágio o pecado imperdoável do campo cultural. (WINNICOTT, 1975, p 158)

Em primeiro lugar, para que haja um objeto cultural com uma qualidade transicional, é necessária sua remissão ao campo cultural, mas que deve possuir ainda suas bases construídas a partir da tradição, em última instância, remetentes aos *mitos de fundação*:

Sem dúvida, muito se perdeu das primeiras civilizações, mas, nos mitos, que foram produto da tradição oral, é possível perceber a existência de um fundo cultural, estendendo-se por seis mil anos, e fazendo a história da cultura humana. Essa história através do mito persiste até a época atual, a despeito dos esforços dos historiadores na busca da objetividade, o que jamais conseguem, embora devam tentá-lo. (WINNICOTT, 1975, p158)

Isso significa que a manutenção do campo cultural, que engloba todos os objetos culturais, depende de uma base fundamental. No entanto, essa base, ao perpassar os caminhos da história humana, falha em ser objetiva, justamente por confundir-se com suas raízes: os mitos. Em suma, a compreensão total sobre a cultura e seus constituintes é impossível, sendo, desse modo, algo cujo mérito reside mais na tentativa do que na pretensão.

Desse modo e a título de exemplo, quando CELERI. E.I et. all comentam as relações entre originalidade e tradição, estabelecidas por Winnicott, sustentando sua remissão à “tradição freudiana”, é necessário entendero que Winnicott entende por tradição:

O “uso” da obra de Winnicott deve ser feito no sentido que ele próprio dá à palavra “uso”, ou seja, tomando-a não como uma obra *subjetivamente concebida*. Quando alguém toma os “rabiscos” de Winnicott, feitos à moda de um *squiggle game*, e em seguida produz outros rabiscos, devemos compreender e reconhecer que temos uma nova obra”, mas uma “nova obra” criada em uma tradição.(CELERI. E.I et. All, 2008)

Winnicott entende a psicanálise como uma *orientação*, embora, aqui, a entendamos como uma *metodologia*, que, evidentemente, tem origem na tradição ocidental, mais precisamente, na tradição judaico-cristã. Desse modo, não cabe à psicanálise a designação ‘tradição’, como Winnicott a entende. Ao contrário, a psicanálise, para Freud, busca certa objetividade para entender os mitos que fundam as tradições e, assim, como outras abordagens, deve também falhar nas suas tentativas.

Dito isso, agora, podemos entrar na problemática dos objetos culturais, também levantada por Celeri. E. I et. Al, nos seguintes termos:

Acreditamos que uma contribuição fundamental de Winnicott para o pensamento psicanalítico, advinda dessa teoria, tenha sido descrever esse “lugar nenhum, esse espaço utópico no qual um objeto se mantém graças à ilusão (não se trata de alucinação, pois o objeto está realmente presente). Um lugar potencial, lugar onde ocorre a experiência analítica, onde cada um dos protagonistas será, ao mesmo tempo, criado e encontrado pelo outro. (CELERI. E.I et. All, 2008)

Em primeiro lugar, o objeto não se mantém estritamente “graças à ilusão” em um “espaço utópico”, Tomemos, por exemplo, uma situação na qual crianças e adolescentes saudáveis jogam futebol. Como aferir o grau de transicionalidade do objeto cultural ‘bola’?

Em se tratando de indivíduos saudáveis, a ilusão já está garantida. Então, devemos perguntar: qual é o índice remissivo do objeto bola? Resposta: a chuteira, a camiseta, a bermuda e todos os outros objetos que existem maciçamente na realidade externa, levados ao espaço de seus usos: a uma quadra de futebol, à rua, entre outros espaços. Mais ainda. Em seus usos, esses objetos estão submetidos a certas regras compartilhadas por pessoas que também fazem uso e mostram interesse nos mesmos objetos.

Não se trata de descrever o uso do objeto como uma meta performática exigida externamente, mas, sim, o aspecto do brincar que precede o uso e, de fato, garante a criatividade na atividade esportiva. Logo, o objeto ‘bola’ tem sua qualidade transicional aumentada quando, a partir do seu uso mais pessoal e espontâneo, são descobertos seus objetos remissivos. Estes, por sua vez, estão compreendidos no campo cultural. É oportuno salientar que a qualidade transicional dos objetos é a própria relação de sinergia estabelecida com o campo cultural, mas isso ocorre desde que a descoberta do campo seja pessoal no processo de desilusão.

Durante uma partida de futebol, parte da agressividade é aproveitada pela própria motilidade presente no aspecto da brincadeira. Para Winnicott, isso se dá em relação às crianças, mas vale também para os adolescentes: “Por conseguinte existe em toda a criança essa tendência para movimentar-se e obter alguma espécie de prazer muscular no movimento, lucrando com a experiência de mover-se e dar de encontro com alguma coisa.”. (WINNICOTT, 2012, p 104).

Ao final da partida, os adolescentes e crianças reúnem-se em grupos e suas experiências são compartilhadas, comparadas às dos seus ídolos alocados na área ideativa do campo cultural. Por vezes, um membro do grupo exerce a atividade já como performática, tornando-se, ele mesmo, um 'ídolo local'. De qualquer modo, as experiências conjuntas e pessoais com os objetos, em relação às ideias presentes no campo, vão suscitando falas que também possuem qualidade transicional. Winnicott sustenta, no caso do bebê, que:

De tudo isso, também (se estudarmos qualquer bebê), pode surgir alguma coisa ou algum fenômeno — talvez uma bola de lã, a ponta de um cobertor ou edredão, uma palavra ou uma melodia, ou um maneirismo — que, para o bebê, se torna vitalmente importante para seu uso no momento de ir dormir, constituindo uma defesa contra a ansiedade, especialmente a ansiedade de tipo depressivo. (WINNICOTT, 1975, p 14)

Winnicott inclui palavras, sons, músicas e maneirismos como fenômenos transicionais, compreendendo já características mais sutis e abstratas ainda na fase da dependência relativa. Essa 'fala' com qualidade transicional contrapõe-se, fundamentalmente, à fala atribuída ao falso Self cindido e à mentira associada à tendência antissocial, porquanto a fala madura tem sua remissão nas experiências objetais que levam à integração dos elementos instintuais, corpóreos, e, depois, intelectuais.

Portanto, sendo a alocação ideativa do campo cultural expressa, principalmente, pelo uso das palavras, tem-se que a deterioração do campo cultural implica a corrupção das ideias e, ocorre paralelamente à interrupção do fator democrático inato, servindo-se sempre da negligência, ingenuidade e desconhecimento a respeito da natureza humana, mas, também, se constituindo de estratégias de poder utilizadas, politicamente, por grupos de interesse ideológico de diversas tendências e origens.

Um exemplo notável, reitero, é o próprio uso da palavra 'democracia' como um 'fetiche' para justificar ações, muitas vezes, antidemocráticas, quando imaturas no sentido do autoritarismo. Podemos perguntar: como uma palavra que representa tanto uma realidade política quanto um ideal saudável presente no campo cultural pode assumir um sentido invertido representando ações, comportamentos e tendências opostas? Nesses casos, sobre a perda de sentido dos fenômenos transicionais, Gurfinkel discorre:

De uma maneira mais geral, Winnicott propõe que no bebê, na ausência da mãe, há uma imagem mental dela que permanece viva até certo ponto, por um intervalo de tempo que varia de acordo com seu grau de maturidade; além desse ponto, a imagem esmaece e os fenômenos transicionais perdem sentido, ocorrendo um desinvestimento. Imediatamente antes disto, no entanto, observa-se um exagero no uso do objeto transicional, uma espécie de *hiperinvestimento, como tentativa de negação de que haja ameaça do objeto se tornar sem sentido*". (GURFINKEL, 2005, v.11 n.20)

Dito de outro modo. O emprego fetichista de certas palavras aponta para a negação da deterioração do campo cultural. Nesse caso, as justificações ideativas tornam-se engessadas, mesmo que sob a aparência de uma falsa espontaneidade. Nessa "negação", é o emprego do objeto que fica hiperinvestido; no caso de um bebê, pode ser exacerbação do levar o dedo à boca. Entretanto, o uso do objeto, para Winnicott, sempre conduz à objetivação: "Mas a destruição de um objeto que sobreviveu, que não reagiu nem desapareceu, conduz ao uso" (WINNICOTT, 1994 ,p 190)

Logo, como o objeto fetiche não pode ser destruído enquanto hiperinvestido também não pode ser 'usado' no sentido preciso que Winnicott confere ao termo; por exemplo, no contexto da interrupção da adolescência saudável, pode ocorrer a exacerbação de situações permeadas por riscos e comportamentos envolvendo amizades, vinculações e relacionamentos amorosos que, gravitam em torno dos objetos-fetiche Sem estes, tais relações *a priori* são totalmente desprovidas de sentido e esses grupos apresentam baixo nível de interação entre seus membros.

Existem muitos objetos-fetiche na realidade externa, porém, suas consistências, puramente objetivas, não bastam para conferir-lhes esse *status*: Um jovem pode usar um cigarro interpretando algum personagem de uma peça teatral; em uma roda de amigos alguém pode usá-lo para imitar um ator de cinema. Desse modo, nos casos em que é possível o uso pessoal do objeto 'cigarro', ele ainda é remetido ao campo cultural.

Em outras situações, por exemplo, envolvendo a tendência antissocial e delinquência, o empobrecimento da área intermediária impede a vivência do campo cultural. Tal fato, somado à situação de detenção, resulta em restrições ainda maiores da possibilidade de uso objetual. Nesses casos, para Winnicott, deve haver algum objeto cuja finalidade existe voltada a si mesma, provisoriamente, até a retomada do amadurecimento: "De um modo ou de outro, o fumo fornece algo que torna o indivíduo capaz de persistir e de protelar a vida até que existir volte a ter sentido." (WINNICOTT, 2012, p 210).

No campo cultural, porém, o emprego de objetos e palavras fetichizados aponta também para a falta de convergência de ideias vinculadas a um propósito como horizonte último. Nesse contexto, indivíduos saudáveis perdem valor e até podem ser vistos como uma ameaça, pois a presença deles denuncia a precariedade de um campo de relações fetichizadas. De qualquer modo, para Winnicott, o que é designado como ‘uso’ dos objetos mantém, desde sempre, a integração dos instintos de amor-conflito. Juntos, eles compõem o que é chamado de destrutividade:

Para chegar rapidamente à ideia que tenho em mente poder-se-ia usar com proveito a ideia do fogo que sai da boca do dragão. Cito Plínio, que (prestando tributo ao fogo) indaga: Quem pode dizer se, em essência, o fogo é construtivo ou destrutivo? Em verdade, a base fisiológica para o que estou me referindo é o primeiro hálito e os hálitos subseqüentes, a exalação. (WINNICOTT, 1994, p 185)

Jam Abraham comenta: “Isto é uma reminiscência da origem filológica da inspiração, que é a respiração: uma conspiração significa respirar em conjunto. O respirar (espírito) é sagrado para a cultura judaico-cristã” (ABRAHAM. J, 2000, p 19). Segundo Winnicott;

O tema da ilusão é vasto a ponto de exigir um estudo próprio. Descobrir-se-á que ele fornece a chave para a compreensão da curiosidade do bebê por bolhas, nuvens, arco-íris e tudo o que é misterioso, e também por coisas fofas, felpudas, curiosidade muito difícil de explicar em termos de instinto puro e simples. Em algum lugar dessa região encontra-se também o interesse pela respiração, que nunca decide se vem primariamente de dentro ou de fora, e que fornece a base para a concepção do que chamamos espírito, alma, *anima*. (WINNICOTT, 2000, p 229).

Entendendo, assim, a ‘cultura judaico-cristã’ também como tradição, pode-se dizer que a corrupção do campo cultural significa que há algo que conspira de modo a diminuir a vitalidade inerente aos processos de amadurecimento e, no limite envenenar a alma das pessoas. Nesse sentido, é interessante notar que a “teoria da conspiração” resulta da percepção distorcida do Ego diante do fenômeno da corrupção campo: as percepções paranoides ocorrem quando pessoas inseridas no campo empregam mecanismos de cisão e projeção dos elementos agressivos de suas personalidades.

Transpondo esses conceitos ao *setting* terapêutico, Winnicott elenca aspectos fundamentais do ambiente de holding; destacam-se dois relativos ao respirar e ao inspirar: “2. O Analista inspira confiança, é pontual, presente, respirando. 9. Na situação analítica, o analista inspira uma maior confiança do que outras pessoas da vida comum; de uma maneira geral, está livre de acessos de raiva, livre de apaixonar-se etc” (WINNICOTT, 2000, p 28)

10. O Medo do Colapso e o Colapso Real do Campo Cultural.

Se usarmos o *setting* terapêutico como metáfora para o campo cultural, ou seja, transpondo alguns de seus elementos comuns e destacando-os, por exemplo, o próprio analista também é um objeto disponível para uso no *setting*, mas, também, ele pode adquirir vinculação aos objetos do campo cultural ao seu entorno. Com relação a isso, encontramos em Winnicott o seguinte:

8. O analista (como também é sábio) mantém o julgamento moral afastado da relação, não entra em detalhes quanto a sua vida particular ou suas ideias, e não toma partido nos sistemas persecutórios, nem mesmo quando isso aparece na forma de situações compartilhadas reais, locais, políticas etc. Naturalmente, se uma guerra for deflagrada, ou ocorreu um terremoto, ou se o rei morrer, o analista não está desavisado” (WINNICOTT, 2000, p 28)

Especialmente no contexto cultural Inglês, um acontecimento drástico em termos políticos, mas, também, com implicações culturais consideráveis, pois muito do que se faz ou se tenta fazer em política é o reflexo de ideias presentes no campo cultural. Portanto, a situação de holding, transposta do *setting* para fora dele, consiste em se estar muito bem avisado sobre a “morte do rei” (leia: das crises políticas), contudo, sem se deixar levar pelas reações e empregos imaturos das ideias e pensamentos com tendências persecutórias.

Tal cuidado é ainda mais verdadeiro no contexto do campo cultural Escolar, no qual, vale lembrar, adolescentes vivem, naturalmente, o jogo do “eu sou o rei do castelo desça daí seu patife sujo”. Eles são ainda mais sensíveis a notícias sobre a morte do rei. Nessas situações de acirramento, vale ainda mais a seguinte afirmação de Winnicott:

Um adolescente que evita inteiramente conciliações, especialmente o uso de identificações e experiências vicariais, tem que começar da estaca zero, ignorando tudo o que foi realizado na história passada de nossa cultura. (WINNICOTT, 2012, p 171)

Dito de outro modo. Nessas situações, em que é dada a notícia real do “lugar vago do rei”, espera-se um aumento da intransigência adolescente que, em casos extremos, precisa ser sustentada de modo ainda mais cuidadoso. Mais ainda. Essa tendência ao isolamento e à intransigência encontra-se em adolescentes com personalidades inclinadas à esquizoidia.

Segundo Winnicott (1983), o ambiente viabiliza os processos de maturação que dão início à marcha da constituição do ‘Ego retificado’, que deve integrar o Self unitário. Esse processo ocorre reiniciando-se sempre quando novas capacidades e conflitos surgem para serem organizados pelo Ego. Contudo, caso o ambiente não consiga sustentar as situações inerentes ao desenvolvimento, especialmente no início, ocorrem falhas de integração cujas configurações variam. De qualquer modo, formam-se, na personalidade, núcleos psicóticos que desorganizam o Ego.

Assim, por exemplo, o Ego parte sempre de um estado de ‘não integração primária’ em direção à integração de uma unidade pessoal. Nesse caso, o constituinte ambiental necessário é o *holding* (sustentação do ambiente) Winnicott (1983) e Winnicott (2000). Falhas ambientais, aqui, resultam em dissociações, ansiedades psicóticas que, controladas pelo Ego através de mecanismo de defesas, ocasionam percepções distorcidas da realidade como, por exemplo, medo da morte iminente, pânico ou catástrofe iminente, entre outras.

Já falhas de *handling* (manejo) tendem a interromper ou inviabilizar a integração das funções corporais, isto é, a personalização e a apreciação do tempo e espaço (orientação), Winnicott (1983) Winnicott (2000). Nesses casos, as dissociações correspondem às ansiedades psicóticas relativas à perda da orientação, perda da conexão com o corpo e despersonalização, ocasionando defesas do Ego que mantém vivências corporais distorcidas como, por exemplo, distúrbios psicossomáticos, distúrbios de motilidade, desconexão com o corpo etc.

Portanto, o conceito de colapso implica a impossibilidade de alcance do Self unitário:

Notar-se-á que embora haja valor em pensar que, na área das psiconeuroses, é a ansiedade de castração que jaz por trás das defesas, nos fenômenos mais psicóticos que estamos examinando é um colapso do estabelecimento do Self unitário. O Ego organiza defesas contra o colapso da organização do Ego e é esta organização a ameaça. Mas o Ego não pode se organizar contra o fracasso ambiental na medida em que a dependência é um fato da vida. (WINNICOTT, 1994, p 71)

Segue que

O paciente precisa “lembrar” isto, mas não é possível lembrar algo que ainda não aconteceu, e esta coisa do passado não aconteceu ainda porque o paciente não estava lá para que lhe acontecesse. A única maneira de “lembrar”, neste caso, é o paciente experienciar esta coisa do passado pela primeira vez no presente, ou seja, na transferência. (WINNICOTT, 1994, p 74)

Winnicott destaca mais dois conceitos analisados sob a perspectiva do “colapso já ocorrido”. Importante ressaltar que esses conceitos são valiosos na medida em que estão implicados nas falhas ambientais, sendo, naturalmente, características das tendências psicóticas na personalidade; são elas: o vazio e a não existência. Winnicott (1994). A respeito do primeiro, Winnicott enfatiza o aspecto do ‘não acontecido’, algo fundamentalmente diferente do trauma que, em geral, é descrito como uma ocorrência intrusiva, nas palavras do autor:

Em alguns pacientes, o vazio precisa ser experienciado e este vazio pertence ao passado, ao tempo que precedeu o grau de maturidade que tornaria possível ao vazio ser experienciado. Para entender isto, é necessário pensar não em traumas, mas em nada acontecendo quando algo poderia proveitosamente ter acontecido. (WINNICOTT,1994 , p 75)

Nessa perspectiva, o “colapso” é o não acontecimento de algo bom; de algo esperado e proveitoso, de modo a tornar essa ausência intolerável pela precocidade com que ocorre. Aqui, o Ego se organiza de modo a manter a ilusão de onipotência a partir de um simulacro controlado desse vazio dentro de si, Winnicott (1994). Em virtude disso, podem surgir sintomas de inanição, problemas vinculados à voracidade compulsiva, dificuldades de aprendizado, apatia, ausência de desejo, entre outros.

Sobre a defesa designada ‘não existência’ Winnicott afirma:

Esta pode ser uma defesa relativamente refinada e o objetivo dela é evitar responsabilidade (na posição depressiva) ou perseguição (no que eu chamaria de estado de auto asserção, isto é, o estágio do Eu Sou, com a implicação inerente de que Eu repudio tudo o que não seja eu). É conveniente aqui utilizar como ilustração a brincadeira infantil do “Eu sou o rei do castelo; você é o patife sujo. (WINNICOTT,1994 , p 76)

Aqui, a falha ambiental ocorre de modo a fazer com que o Ego, posteriormente, construa defesas no sentido de negar radicalmente a existência de tudo o que é ‘não-eu’. É interessante notar a dupla implicação dessa defesa, pois, por um lado, ela pode ser erigida a partir de uma falha no estágio do Eu Sou, cuja problemática é a persecutoriedade dos objetos ‘não-eu’ no momento em que a mãe deixa de exercer a preocupação materna primária; por outro lado, podemos entender o “evitar da responsabilidade” dentro da problemática do estágio do concernimento ao qual:

Na ocasião em que isso se torna um fato no desenvolvimento da criança, o lactante se tornou capaz de experimentar ambivalência na fantasia, bem como nas funções corporais das quais a fantasia é, originalmente, uma elaboração. Além disso, o lactante está começando a se relacionar com objetos que são, cada vez menos, fenômenos objetivos e cada vez mais, percebidos como elementos “não-eu”.(WINNICOTT, 1990, p 72)

Nesse caso, se o ambiente externo for muito violento, no sentido de ser ameaçador, mantém-se cristalizada a persecutoriedade dos objetos “não-eu” Em suma, assim como nos outros conceitos elencados por Winnicott, o Ego distorce suas percepções tentando preservar certa ilusão de onipotência, isto é, busca sentir-se real empregando a defesa da ‘exploração do narcisismo primário’; o depreciar, no limite, negar a existência aos objetos ‘não-eu’, uma expressão oposta à capacidade de preocupação cuja definição implica valorização: “Preocupação indica o fato do indivíduo *se importar*, ou *valorizar*, e tanto sentir como aceitar a responsabilidade”(WINNICOTT, 1990, p 70)

Importante ressaltar que algumas dessas defesas psicóticas podem coexistir, por exemplo, em uma única personalidade, como explicaremos mais adiante. Mais ainda. Também as tendências antissociais podem coexistir em personalidades psicóticas. Tudo depende da distribuição dos múltiplos traumas ambientais externos ao longa da história de cada indivíduo: se posteriores ou anteriores à possibilidade de o Ego entender a falha como advinda do mundo externo.

Depois de feita essa exposição, podemos perguntar: como indivíduos que se defendem do colapso comportam-se em relação ao campo cultural? Ressaltando que, em muitos casos, o comprometimento é uma desorganização que não necessariamente inviabiliza a socialização, segundo as próprias palavras do psicanalista inglês:

Comumente se desenvolve um distúrbio da personalidade que depende do fato de um elemento esquizoide estar oculto em uma personalidade que é normal em outros aspectos. Elementos esquizoides sérios se tornam socializados desde que possam ser ocultos em um padrão de distúrbio esquizoide que seja aceito pela cultura e que pertença à pessoa. (WINNICOTT,1990, p 58)

Winnicott parece sugerir a aceitação social de certos padrões esquizoides que, ao permearem a vida cultural, ocultam-se até de seus próprios portadores. Portanto, deve haver algo no campo cultural que não é remetido, em última instância, ao uso proveitoso dos objetos transicionais. Seguindo essa ideia sobre a localização da experiência cultural, encontram-se:

Os pacientes psicóticos que pairam permanentemente entre o viver e o não viver, forçam-nos a encarar esse problema, problema que realmente é próprio, *não dos psiconeuróticos, mas de todos os seres humanos*. Afirmo que esses mesmos fenômenos, que constituem vida e morte para nossos pacientes esquizóides, ou fronteirços, aparecem em nossas experiências culturais. São essas experiências que fornecem a continuidade da raça humana que transcende a existência pessoal. (WINNICOTT, 1975, p 159)

Que problemas possuem os “pacientes esquizoides” que aparecem também nas experiências culturais? A respeito da esquizoidia, Winnicott descreve algo extremamente importante que nos aproxima da resposta:

Sabemos que eles, como pessoas, podem possuir valor numa comunidade e mesmo atingir certo grau de felicidade, mas percebemos a existência de certas desvantagens que os afetam, o que se torna verdadeiro também para aqueles com quem convivem. Sua percepção subjetiva do mundo pode levá-los facilmente a certas ilusões; ou à aceitação de um sistema delirante em determinadas áreas, ainda que possam estar firmemente baseados na maioria das áreas; ou, ainda, mal estruturados com respeito à parceria psicossomática, tornam-se incapazes de uma boa coordenação. (WINNICOTT, 1975, p 109)

A criação e incorporação de sistemas delirantes relacionam-se à forte tendência da personalidade esquizoide à introversão. Em outras palavras, a ilusão de onipotência é vivida em uma área mais subjetiva, em uma organização defensiva do Ego contra a perda de certa ilusão de onipotência alcançada, mas não sustentada na área intermediária, ocasionando, por conseguinte, um retraimento, como um “mundo secreto” onde se podem erigir, por exemplo, simulacros da realidade externa, imagens, abstrações, conceituações, isto é, onde ideias, palavras e sons do mundo cultural podem compor esse ‘mundo oculto’.

Mais precisamente, segundo Winnicott ocorre o seguinte:

Em relação ao conjunto total ambiente-indivíduo, a atividade de integração produz um indivíduo em estado bruto, um paranoico em potencial. Nesse novo fenômeno, o mundo externo, os perseguidores são neutralizados no desenvolvimento saudável normal pela presença da mãe devotada, que fisicamente pela sustentação e psicologicamente (pela compreensão ou empatia que possibilitam a adaptação) garante o isolamento primário do indivíduo. Uma falha ambiental precisamente aqui faz o indivíduo começar com um potencial paranoide. (WINNICOTT, 2000, p 313 e p 314)

Logo,

Como defesa contra as terríveis ansiedades do estado paranoide nos primeiros tempos de vida, não é raro surgir um estado organizado ao qual já foram dados diversos nomes, por exemplo, introversão defensiva patológica. (WINNICOTT, 2000, p 314)

Em síntese, a expressão ‘introversão defensiva patológica’ refere-se à esquizoidia e, muito provavelmente, também às várias gradações de dinâmicas introvertidas que podem compor uma personalidade com tendências esquizoides (manifestas ou ocultas por alguma participação social) no sentido emprestado do sistema junguiano, embora Winnicott tenha falecido sem concluir, de modo definitivo, esse conceito Naffah (2010). Mas, igual, tomando como verdadeiros os conceitos desse modo, encontramos em Winnicott algo que sustenta essa perspectiva também de modo a esclarecer alguns pontos:

Se um indivíduo reivindica uma indulgência especial em relação a essa área intermediária, reconhecemos ali a psicose em se tratando de um adulto, agregamo-lhe o epíteto de ‘louco’. Na observação de crianças vemos mais uma vez a gradação natural entre as fraquezas comuns da natureza humana e a doenças psicóticas. Essas doenças psicóticas representam não mais que um exagero aqui e ali, e não implicam numa diferença essencial entre a sanidade e a insanidade. (WINNICOTT, 2000, p 311)

Oportuno dizer que esses ‘exageros aqui e ali’ referem-se a nada mais nada menos do que a distorções nos ‘usos’ socializados dos objetos culturais da área intermediária. No caso da dinâmica esquizoide, encontramos a tendência ao que podemos chamar de *emprego introvertido* dos objetos culturais do campo em uma área intermediária mais retraída. Mais ainda. Não deve existir, aqui, ‘preconceito’ ou ‘patologização’; ao contrário, o próprio Winnicott afirma:

No entanto, muito do que chamamos sanidade é, de fato, um sintoma, carregando dentro de si o medo ou a negação da loucura, o medo ou a negação da capacidade inata de todo indivíduo de estar não-integrado, despersonalizado e sentindo que o mundo não é real. A falta de sono em quantidade suficiente produz tais efeitos em qualquer pessoa. (WINNICOTT, 2000, 225)

Portanto, não é possível transformações no campo cultural excluindo o problema das personalidades esquizoides agora no *emprego introvertido* dos objetos do campo:

Através da expressão artística esperamos manter-nos em contato com nossos selves primitivos, de onde provêm os mais intensos sentimentos e as sensações mais intensamente assustadoras, e de fato quando apenas são, somos decididamente pobres. (WINNICOTT, 2000, p 225)

Dito de outro modo. Os indivíduos designados por Winnicott como (Y) portadores de certa instabilidade, como é o caso dos esquizoides, ao buscarem seus verdadeiros selfs, no sentido de superarem as dissociações, amadurecem e movimentam ideias. Segundo Winnicott: “A criação artística aos poucos vai tomando o lugar do sonho, ou suplementando-o, sendo de importância vital para o bem-estar do indivíduo e, portanto, da humanidade”(Winnicott, 2000, p 226), ou seja, um indivíduo esquizoide em amadurecimento pode reconectar sua produção cultural à tradição à qual ele pertence; pode, também, disponibilizar ideias para outros indivíduos, por exemplo, desenvolverem materiais pedagógicos.

Contudo, esse processo somente leva ao amadurecimento da própria pessoa e, conseqüentemente, do campo cultural, quando influenciado por indivíduos maduros que *sustentam* o processo. Isso também, paradoxalmente, depende da maturidade ser, de saída, um *valor* presente no próprio campo cultural, na medida em que as produções vão se somando e se retransmitindo umas às outras ao longo de décadas. É importante constatar que os processos de criação artística, filosófica, intelectual e cultural são análogos à função dos sonhos:

Quando um sonho é não apenas sonhado mas também lembrado, ocorre uma experiência de grande valor exatamente pelo fato de que assim a dissociação perde mais um pedaço. Por mais complexa que seja a dissociação numa criança ou num adulto, permanece o fato de que ela pode originar-se na alternância natural entre os estados de sono e vigília, iniciados no nascimento. (WINNICOTT, 2000, p 226)

A movimentação de ideias em um estado de imaturidade, *sem sustentação*, apenas amplia e propaga a confusão psicótica, marcando os objetos culturais com “resíduos comunicacionais” dessas personalidades imaturas. Elas, então, projetam e impõem, para o campo cultural, seus sonhos, suas próprias instabilidades psicóticas. Fazem isso crendo estarem contribuindo para a compreensão do mundo compartilhado e produzindo ideias que acreditam descrever a realidade externa em sua essência. Dito de modo cômico: semelhante à descrição feita por Henri Bergson:

São eles também corredores que caem e ingênuos que são mistificados, corredores do ideal que tropeçam nas realidades, sonhadores cândidos que a vida espreita maliciosamente. Mas são sobretudo grandes distraídos, superiores aos outros porque sua distração é sistemática, organizada em torno de uma ideia central, porque suas desditas também são bem conexas, conexas pela inexorável lógica que a realidade aplica para corrigir o sonho, e porque assim provocam em torno de si, por meio de feitos capazes de sempre somar-se uns aos outros, um riso indefinidamente crescente. (BERGSON.H, 2007, p 10 -11)

Tal tendência se amplia, mais ainda, quando o material empregado subjetivamente já passou por um processo de deformação análogo por outra personalidade esquizoide, inscrevendo, nesses objetos culturais, o acúmulo de deformações desse tipo. Pode-se chegar ao cúmulo, por exemplo, de certo sistema de ideias esquizoide, presentes no campo cultural, refletir o medo do colapso e vazio das personalidades que o movimentaram mesmo que não haja nada fundamentado na experiência. Segundo Bergson .H,:

Um filósofo contemporâneo, argumentador extremado, a quem alguém lembrava que seus argumentos irreprensivelmente deduzidos tinham contra si a experiência, pôs fim à discussão com esta simples frase: “A experiência está errada.”. É que a ideia de reger administrativamente a vida é mais difundida do que se pensa; ela é natural à sua maneira, embora tenhamos acabado de obtê-la por um procedimento de reconstituição. Poderíamos dizer que ela nos apresenta a quintessência mesma do pedantismo, que no fundo outra coisa não é senão a arte que pretende dar lições à natureza.(BERGSON.H, 2007, p 36)

Assim, no campo educacional, indivíduos podem justificar todo tipo de ações porque creem na iminência do “colapso do sistema capitalista”, seguido de todas as ideias paranoides a esse respeito ou, por exemplo, sustentarem uma visão de mundo ultraliberal com base na ideia do “colapso iminente do Estado” com todas as ideias paranoides que podem surgir a esse respeito. Segundo LOBACZEWSKI,

Os caracteres esquizoides ajudam a impor o seu próprio mundo conceitual sobre as outras pessoas ou grupos sociais, usando um egotismo patológico relativamente controlado e uma tenacidade excepcional, derivada de sua natureza persistente. Por isso, eventualmente, eles são capazes de dominar personalidades de outro indivíduo, o que faz com que o comportamento dessa pessoa dominada se torne desesperadamente ilógico. Eles podem também manifestar uma influência similar sobre um grupo de pessoas, ao qual se juntaram. (LOBACZEWSKI, 2014, p 163)

Portanto, a deterioração do fator democrático inato, sentido através dos extremismos ideológicos, advém do fato de aceitarmos ideias que refletem o medo do colapso de cada personalidade psicótica que as produz e as dissemina.

A tentativa de integração da experiência congelada do colapso interno (do colapso que, factualmente, já ocorreu nos primórdios da vida do lactante) é tão insuportável, que o Ego do esquizoide a distorce, traduz e imprime, para as áreas compartilhadas culturais, como o vazio, ou a iminência da destruição de tudo e, por conseguinte, quando implantadas e tidas como reais, essas ideias podem atuar na sociedade como uma profecia autorrealizável.

Sem dúvida, os objetos culturais são essenciais para o desenvolvimento do caráter dos membros mais imaturos de uma sociedade, especialmente, para os adolescentes, em conformidade com a afirmação de Winnicott: “Elementos esquizoides sérios se tornam socializados desde que possam ser ocultos em um padrão de distúrbio esquizoide que seja aceito pela cultura e que pertença à pessoa” (WINNICOTT, 1990, p 58).

Encontramos em Lobaczewski: “Contudo, se eles conseguem encobrir sua própria personalidade atrás da palavra escrita, sua influência pode envenenar as mentes da sociedade em grande escala e por um longo período.” (LOBACZEWSKI, 2014, p 163) De novo, sobre o *emprego introvertido* dos objetos culturais, podemos trazer Winnicott quando ele afirma exatamente o seguinte:

É interessante examinar a relação do indivíduo com os objetos existentes no mundo da fantasia por ele criado. De fato, há toda uma gama de desenvolvimento e sofisticação nesse mundo criado, de acordo com a ilusão experimentada, e portanto de acordo com o quanto esse mundo criado pelo próprio indivíduo foi ou não capaz de usar objetos percebidos no mundo externo como matéria prima. Esta ideia requer, obviamente, um estudo bem mais detalhado em outro contexto. (Winnicott, 2000, p 228)

Aqui, agora, estamos tratando desse ‘outro contexto’. O que eu estou afirmando é que a interrupção do fator democrático inato implica responsabilidade de disseminação de ideias que alimentam o campo cultural. A questão, portanto, não se resume a *como* um objeto é “usado”. Não é pretensão de higienizar a cultura, mesmo porque amadurecer implica “fazer sujeira”. Por isso, todo resíduo psicótico tem seu valor criativo. O problema está na dosagem. Quanto uma sociedade pode suportar e por quanto tempo?

11. A Comunicação No Campo Cultural - Um Gesto Espontâneo.

Em 10 de novembro de 1938, através de uma carta, Winnicott comunica-se com a Sra. Chamberlain, então, esposa do primeiro-ministro britânico, o Sr. Neville Chamberlain. Eis o conteúdo da correspondência:

Cara Sra. Chamberlain,
10 de novembro de 1938

Acho que o primeiro-ministro não tem tempo para responder a perguntas, mas desejo de fato saber duas coisas. Poderia a senhora respondê-las, já que muitos de nós precisamos urgentemente de respostas que não conseguem obter? Na verdade, o primeiro-ministro acredita realmente que uma administração não tão boa de alguém que representa o voto majoritário dos cidadãos é preferível a uma administração melhor de alguém que mantém o poder através de supressão do livre pensamento? A segunda é: por que o primeiro-ministro nunca menciona os judeus? Será que ele os despreza secretamente? Na Inglaterra, quando dizemos nós, estamos incluindo os judeus, que são pessoas como todos. Não estou pedindo a ele que seja a favor dos judeus, mas quero saber com certeza se ele é ou não é secretamente antisemita... no momento, parece que estamos compartilhando secretamente a insanidade antisemita dos alemães, e não é a isso que queremos que nossos líderes nos conduzam. (WINNICOTT, 1990, p. 4)

Impressiona-nos logo em um primeiro momento a escolha do destinatário, afinal, trata-se de um psicanalista correspondendo-se com a esposa do primeiro-ministro, cujo cargo político, na Inglaterra, equivale ao de chefe do governo. Impressiona-nos, mais ainda, por ser um assunto que revela a posição de uma nação capaz alterar o cenário político mundial que precede a Segunda Grande Guerra.

O conteúdo da carta não soa pretensioso. A princípio, não há posições claras assumidas por parte do autor, tão somente as perguntas é que dão o tom da carta, algo, como uma inquietação e incômodo, que, somente ao final, revela, contundentemente, suas intenções: “não é a isso que queremos que nossos líderes nos conduzam”. Também, enviá-la à esposa do primeiro-ministro, e não a ele, mostra-nos uma maneira sutil de se comunicar com a “parte feminina” implicada no problema político.

Podemos ainda indagar: será que Winnicott, no momento em que escrevia, tinha a intenção clara de influenciar o Chefe de Estado? Tinha ele a “ilusão de onipotência” para assim proceder? E se, de fato, essa carta ocasionou alguma influência nos seus “alvos”, sua estratégia de comunicação condiz, de algum modo, com a sua “teoria da comunicação”?

Longe de responder essas perguntas, certamente, podemos sentir o gesto espontâneo na comunicação como algo que vem do coração. Para tal, são necessários saúde, maturidade e capacidade para executar o gesto com precisão, isto é, aceitando, de antemão, os riscos e o total desconhecimento de suas consequências. Ao fim, a correspondência particular foi enviada e não sabemos nem se o destinatário abriu o envelope. Segundo Winnicott, a teoria da comunicação está conceituada nos temas das relações objetais:

Estes temas, embora os tenha conceituado em termos de relações objetais, parecem-me afetar o estudo da comunicação, porque naturalmente ocorre uma mudança no propósito e nos meios da comunicação, à medida que o objeto muda de ser subjetivo a ser percebido objetivamente, enquanto a criança gradualmente deixa para trás a área de 'onipotência como uma experiência de vida. Na medida que o objeto é subjetivo é desnecessário que a comunicação com ele seja explícita. (WINNICOTT, 1990, p. 166)

Disso, decorre que os caracteres implícito e explícito da comunicação não são mutuamente, excludentes; ao contrário, os modos de comunicação que vão sendo usados pelo lactante preservam medidas subjetivas estratificadas, mesmo com o advento da percepção objetiva dos objetos, Winnicott (1990). Em última instância, deve manter-se um núcleo pessoal isolado que nunca se comunica, segundo Winnicott (1990).

A lógica não excludente dos processos comunicativos está fundada na essência dupla e paradoxal daquilo que Winnicott entende por mãe, a saber, a mãe-ambiente que garante os estados de relaxamento e a mãe-objeto que é apresentada de modo a manter a ilusão criativa do bebê em relação aos objetos parciais (partes do corpo da mãe), ambas sendo, cada vez mais, integradas pelo bebê à percepção de que se trata de uma única pessoa, Winnicott (1990)

Em suma, a não comunicação simples é o estado comunicativo de repouso, sustentado pela mãe ambiente, ao qual o bebê parte de base e passa a se comunicar. Portanto, a espontaneidade do gesto comunicativo, que também é criativo, depende da sobrevivência desse núcleo isolado e de um estado de relaxamento de base. Do contrário, nos estados patológicos, Winnicott descreve:

Na psicopatologia de que necessito para minha discussão aqui, a facilitação falhou em algum aspecto e em algum grau, e o tema das relações objetais da criança desenvolveu um *split*. Através de uma metade do *split* o lactante se relacionou com o objeto como este se apresenta e para este propósito desenvolve o que chamei de falso self ou submisso. (WINNICOTT, 1990, p. 167)

Vale destacar que o termo “*split*” pode ser traduzido por “divisão”, ou seja, Winnicott está dizendo que há uma divisão desenvolvida na temática das relações objetais, na qual uma das metades pode, em graus variados, relacionar-se com um objeto que adquire um *status* intrusivo, dado que se apresenta como algo puramente externo. A outra metade, no entanto, pode, em algum grau, manter-se em relação ao objeto subjetivo agora dissociado da realidade externa:

Com a outra metade do *split* o lactante se relaciona com o objeto subjetivo, ou com fenômenos simples baseados em experiências corporais, sendo estes dificilmente influenciados pelo mundo percebido objetivamente. (WINNICOTT, 1990, p. 167).

De qualquer modo, o gesto espontâneo comunicativo, além de depender da sobrevivência de um núcleo isolado e intocado, deve partir de um estado de relaxamento que caracteriza a não comunicação simples; também implica algum grau necessário de não comunicação ativa com objeto externo e a manutenção de uma comunicação com o objeto subjetivo, Winnicott (1990). Em outras palavras. Mesmo em uma comunicação com o objeto há um elemento nessa comunicação que se recusa, ativamente, em “não querer se comunicar” com o objeto externo, ao passo que se mantém ligado ao objeto subjetivo.

É importante ressaltar o uso, por Winnicott,, de expressões como “em algum grau”, porque, realmente, as possíveis falhas do ambiente facilitador ocasionam distorções no funcionamento do Ego, não necessariamente o comprometimento e a interrupção total dos processos subsequentes da formação da personalidade e da cognição, o que inclui, também, a não exclusão de alguma problemática edípica.

Winnicott, inclusive, descreve casos clínicos nos quais essas distorções revelam-se como alternâncias, ora, apenas relações falsas e submissas com objetos puramente externos, ora, preponderando relações sentidas como reais com objetos subjetivos:

É fácil de ver que no caso de doenças mais leves, em que há alguma patologia e alguma normalidade, pode-se esperar uma não-comunicação ativa (reclusão clínica) por causa do fato da comunicação se ligar tão facilmente com algum grau de relações objetais falsas ou submissas; a comunicação silenciosa ou secreta com objetos subjetivos, tendo-se uma sensação de ser real, precisa sobressair, periodicamente para restaurar o equilíbrio. (WINNICOTT, 1990, p. 167-168)

Decorre daí um conceito importante sobre a normalidade: a não comunicação com objeto externo não é um resíduo, não pode ser caracterizada como uma “sobra” que constitui alguma medida de doença ou imperfeição no contato com o mundo externo, mas, sim, um elemento positivo e de saúde, Winnicott (1990). Ocorre a não comunicação ativa quando, usada na área paradoxal (área intermediária), possibilita a transição entre os mundos subjetivo e objetivo ocorrendo, na saúde, de modo harmonioso e criativo. Nesse sentido é o que Winnicott descreve como sendo a comunicação no campo cultural:

Pode ser necessário, para assim fazê-lo, falar em termos de vida cultural do homem, que é o equivalente adulto dos fenômenos transitórios na infância e na meninice, em cuja área a comunicação é feita sem referência ao estado do objeto, de ser ou subjetivo ou percebido objetivamente. (WINNICOTT, 1990, p. 168)

Por exemplo, no campo artístico:

No artista podemos detectar, acho eu, um dilema inerente, que pertence à coexistência de duas tendências, a necessidade urgente de se comunicar e a necessidade ainda mais urgente de não ser decifrado. Isso nos faz contar com o fato de não podermos conceber o artista chegando ao fim da tarefa que ocupa a sua natureza total. (WINNICOTT, 1990, p. 168).

Nem o próprio Winnicott escapou ao seu dilema, acho eu, dado que muitos de seus pensamentos e conceitos não foram totalmente concluídos ou sistematizados. Também a psicanálise falha e, acho eu, *precisa* falhar na compreensão total da tradição, dos fenômenos humanos e dos pacientes em análise, para que algo desse núcleo sagrado, incomunicável, não seja violado e exposto, Winnicott(1990).

Segundo Winnicott, as organizações defensivas primitivas, as quais geram organizações responsáveis pelas distorções no Ego, são ocasionadas pelas falhas ambientais que ameaçam esse núcleo incomunicável do *self*. Assim, por exemplo, clinicamente, pode-se observar a prevalência exacerbada da não comunicação reativa que se expressa por um silêncio quase autístico ou através de conversas vazias que indicam alto grau de dissociação do falso-self, Dethiville (2010).

Em um grau extremo de distorção no funcionamento do Ego, Winnicott descreve a dissociação do falso-*self*:

Em um extremo: o falso-*self* se implanta como real e é isso que os observadores tendem a pensar que é a pessoa real. Nos relacionamentos de convivência, de trabalho e amizade, contudo, o falso-*self* começa a falhar. Em situações em que o que se espera é uma pessoa integral, o falso-*self* tem algumas carências essenciais. Neste extremo o *self* verdadeiro permanece oculto. (WINNICOTT, 1990, p. 130-131)

Portanto, nesses casos extremos, a própria não comunicação reativa é confundida como uma comunicação sincera oriunda da pessoa real, por isso, os observadores externos são enganados. Contudo, a pretexto de estabelecermos parâmetros corretos, é preciso reiterar a dissociação e as subseqüentes distorções no Ego e na área intermediária. Não seria, por exemplo, correto contrapor esse caso com o que Winnicott descreve a respeito da psicologia do misticismo:

Talvez não se tenha prestado atenção suficiente à reclusão mística a uma posição em que se pode comunicar secretamente com fenômenos e objetos subjetivos, a perda do contato com o mundo da realidade compartilhada sendo contrabalançada por um ganho em termos de se sentir real. (WINNICOTT, 1990, p. 169).

A diferença *essencial* não reside na constatação óbvia e meramente tipológica de que, no primeiro caso, prevalece a submissão frente à realidade externa em detrimento da realidade interna, enquanto no segundo caso, se supõe o exato oposto. A reclusão mística encontra-se angariada e sustentada por pessoas de uma tradição, constituindo, portanto, um trabalho cultural criativo que preenche a ordem simbólica com experiências subjetivas, contribuindo com o enriquecimento do campo cultural. Nesse caso, a área intermediária é sustentada de modo a sofrer um processo de *interiorização*, não de retração patológica que ocorre, justamente, por falta de sustentação.

Portanto, a diferença fundamental, nesses dois casos, não é a prevalência entre subjetividade e objetividade, mas, sim, a dissociação dos *splits* ocasionada pelo trauma ambiental que, dentre outras coisas, mobiliza de modo a distorcer a área intermediária (retração ou extroversão). Assim, um esquizoide não se confunde com um místico recluso tal como o ‘focinho de porco’ não se confunde com a tomada a despeito das semelhanças. No esquizoide, o mundo interno (secreto) constitui-se de elementos que configuram o que Winnicott chama de comunicação fechada, abstrata, residual e, ainda, *pré-simbólica* com o objeto subjetivo.

Outra situação peculiar descrita por Winnicott é o chamado *split of intellect* na personalidade *borderline* com falso-*self* dissociado para ocultar o verdadeiro *self*:

Um risco particular se origina da não rara ligação entre abordagem intelectual e o falso *self*. Quando um falso *self* se torna organizado em um indivíduo que tem um grande potencial intelectual, há uma forte tendência para a mente se tornar o lugar do falso *self*, e neste caso se desenvolve uma dissociação entre a atividade intelectual e a existência psicossomática. (No indivíduo sadio, presume-se, a mente não é para o indivíduo algo para ser usado para escapar de ser psicossomático. Desenvolvi este tema com certa extensão em “Mind and its Relation to the psyche-Soma”, 1949c). (WINNICOTT, 1990, p. 132)

É importante ressaltar que tanto personalidades *borderlines* do tipo esquizoide e do tipo “como se” podem desenvolver tal hipertrofia intelectual patológica. Ambas, na verdade, formam-se de acordo com o grau de constituição do objeto subjetivo segundo Naffah Neto:

A diferença da esquizoide, a personalidade “como se” não conseguiu atingir, minimamente, a constituição de um objeto subjetivo, nem de uma ilusão de onipotência. Nesse caso, as deficiências ambientais foram muito mais incisivas, levando a formação de um único tipo de relacionamento: o do falso *self* com o ambiente, funcionando como uma barreira que protege, através de uma cisão bastante radical, o isolamento do *self* verdadeiro. (NAFFAH, 2007, p. 82)

É nesse sentido que Winnicott descreve o caráter teatral das personalidades psicóticas, como inclusive capazes de representar papéis de como seriam se o verdadeiro *self* pudesse existir integrado Winnicott (1990). Nesse caso, prevalece muito a não comunicação reativa, também o emprego *extrovertido* dos objetos culturais, de modo a ocasionar outro nível de distorção no campo cultural; a transformação do campo cultural em uma não comunicação reativa caracterizada pela atividade propagandística e ideológica.

Segue a lógica de que certos elementos do campo cultural, quando distorcidos por personalidades esquizoides, tornam-se suas próprias expressões subjetivas. Esse material, marcado por resíduos, seduz personalidades “como se” a tentarem constituir um mundo subjetivo próprio, pessoal.

Contudo, na ausência de um suporte do Ego, de alguém mais maduro e de objetos culturais saudáveis, essa tentativa de construção do objeto subjetivo deve falhar, fazendo erguer apenas um amálgama cultural intelectualizado, ou seja, um “sistema de ideias” empregado como uma prótese subjetiva e, portanto, constitutivo do sistema defensivo. Segundo Andrew Lobaczewski;

O propagandista é caracterizado por um egotismo patológico. Tal pessoa é forçada por algumas causas internas a fazer uma escolha prematura entre duas possibilidades: a primeira é forçar as outras pessoas a pensar e experimentar as coisas do mesmo modo que ela mesma; a segunda é um sentimento de ser sozinha e diferente, um desencaixe patológico na vida social. Algumas vezes, a escolha se resume a ser um encantador de serpente ou um suicida. (LOBACZWESKI, 2014, p. 134)

E mais:

Contudo ele fica chocado (ou mesmo paramoralmente indignado) quando acontece de sua influência se estender somente a uma minoria limitada, enquanto a atitude da maioria das pessoas em relação às suas atividades permanece crítica, penosa e perturbada. O propagandista é então confrontado com a escolha: ou retrocede para o seu vazio ou fortalece sua posição desenvolvendo a *afetividade de suas atividades*. O propagandista coloca num plano moral elevado qualquer pessoa que tenha sucumbido à sua influência e incorporado os métodos experimentais impostos por ele. Ele trata essas pessoas com atenção e propriedade, se possível. Os críticos encontram insultos “morais”. (LOBACZWESKI, 2014, p. 135).

Dito de outro modo. A confrontação, a discordância ou a mera posição de neutralidade frente à ideologia incorporada e propagada podem representar uma ameaça para todo o sistema defensivo dessas personalidades psicóticas, mais ou menos, como o efeito de uma interpretação prematura em análise: significa destruir o direito à “subjetividade” recém-adquirida, implicando um “retroceder ao vazio”, sem o *holding* e um *setting* adequados para que a “regressão” seja aproveitada terapêuticamente.

Ao contrário, o que sucede é a ameaça da revivescência do desamparo e a irrupção de uma possível depressão psicótica cuja manifestação, por ser insuportável, faz erguer novas defesas e, até mesmo o *acting out*. Assim, deve ser esperado algum tipo de “ataque” ou “discriminação”, violenta ou sutil, contra qualquer posicionamento dissonante às reivindicações ideológicas praticadas por personalidades “como se”.

Na prática, essa não comunicação reativa, transformada em propagação ideológica, isto é, construída para seduzir e impor alterações radicais de novas coordenadas simbólicas, polariza e resume todo o campo cultural ao gosto histórico impregnado pelos pares dialéticos de “opostos novelísticos”: vilões e vítimas, ricos e pobres, homossexuais e heterossexuais, brancos e negros etc.

Contudo, nesse caso, a problemática edípica, motriz dos conflitos interpessoais dos neuróticos, é coletivizada pelos propagandistas, confundindo a intimidade do neurótico com a rede êxtima da cultura e da história, como se todos os acontecimentos históricos e culturais estivessem subordinados aos pares dialéticos conflituosos impostos nas novas coordenadas ideológicas.

O resultado desse parasitismo é o domínio externo do “motor edípico pessoal”, isto é, a implantação de um sistema ideativo capaz de mobilizar grupos, induzindo-os a agir de acordo com o suposto “sentido da história”, que é a resolução-síntese do par dialético.

O fato de a realidade externa, muitas vezes, coincidir com as distorções culturais propagadas só agrava o problema, bem como as inabilidades e os problemas sociais reais que, tragicamente, se somam à falta de posicionamento de pessoas supostamente responsáveis, isto é, a possibilidade de expressão do verdadeiro *self* em pessoas capazes de resolver os problemas reais com sensibilidade. Segundo Winnicott,

O equivalente ao *self* verdadeiro no desenvolvimento normal é aquele que se pode desenvolver na criança, no sentimento das boas maneiras sociais, algo que é adaptável. Na normalidade essas boas maneiras sociais representam uma conciliação. Ao mesmo tempo, na normalidade, a conciliação deixa de ser aceitável quando as questões se tornam cruciais. Quando isso acontece o *self* verdadeiro é capaz de se sobrepor ao *self* conciliador. (WINNICOTT, 1990, p. 137)

Voltando ao contexto da carta enviada à Sra. Chamberlain, vale destacar o contexto histórico muito bem exposto no filme *O Destino de Uma Nação* (2018), de Joe Wright: diplomatas alemães são enviados à Inglaterra com o objetivo de suscitar afetações pedantes e difamatórias contra qualquer um contrário às políticas de Hitler. Insinuavam, nesses posicionamentos a “vulgaridade” e o “espírito incivilizado” dos discordantes. Nesse ínterim, a mesma Alemanha armava-se e destruía seus países vizinhos. Havia, no campo cultural, uma rede discursiva que valorizava o fingimento.

Não é diferente do que está ocorrendo, hoje, no mundo, variando apenas no grau de expressão. Quando, na Venezuela, o regime socialista subiu ao poder, a máquina propagandista difamava todos os opositores atacando-os (ou ofendendo-os) com termos pejorativos como: 'fascistas' e 'nazistas'. Ao mesmo tempo, sinagogas eram invadidas pelas forças do regime, que justificava mais medidas contra a oposição atribuindo-lhes os crimes que ele cometia, resultando na destruição da comunidade judaica daquele país. “Os fascistas do futuro chamarão a si mesmos de antifascistas” - Winston Churchill.

A ação das personalidades propagandistas consiste em, através do silêncio constrangedor, ou de discursos marcados pelo pedantismo intelectual, induzir à negação da realidade e fazer soar incivilizado, tolo e vulgar o posicionamento direto e corajoso, isto é, posicionamento condizente com as “questões cruciais” que fazem sobrepor o *self* verdadeiro ao *self* conciliador.

Nisso, reside o valor incomparável da comunicação como um gesto espontâneo, proveniente da vitalidade de uma pessoa real, que respira, suspira e cujo coração pode compreender e comunicar, silenciosamente, com outra pessoa, rompendo, assim, com a intelectualização, com as categorias abstratas do discurso ideológico incorporadas nas reações históricas à psicose implantada do campo cultural. Desse modo,

O *self* verdadeiro provém da vitalidade dos tecidos corporais e da atuação, das funções do corpo, incluindo a ação do coração e a respiração. Está intimamente ligada à ideia de processo primário e é, de início, essencialmente não-reativa, aos estímulos externos, mas primários. (WINNICOTT, 1990, p. 136)

Por essa perspectiva, podemos entender que o nível da comunicação pessoal, espontânea e verdadeira incluiu todos na categoria dos judeus da carta de Winnicott: “pessoas como todos”, Winnicott (1990). Poder encontrá-las, assim como na clínica encontramos, não requer categorias previamente estabelecidas, ideias paranoicas de interesses políticos e ideológicos; basta rastrear a essência tragicômica do caráter mimético do propagandista e da histeria:

Portanto, só começamos a ser imitáveis quando deixamos de ser nós mesmos. Quero dizer que de nossos gestos só podem ser imitados o que eles têm de mecanicamente uniforme e, por isso mesmo, de estranho à nossa personalidade viva. Imitar uma pessoa é depreender a parcela de automatismo que esta deixou introduzir-se em si. Logo, por definição mesmo, é torná-la cômica, e não é de surpreender que a imitação provoque o riso. (BERGSON. H, 2007, p 24)

Por fim eu quero perguntar: Não são os adolescentes das escolas brasileiras “pessoas como todos”? Com que direito diretrizes políticas podem mentir, deformar e falsificar a cultura, concebendo pessoas em um estado sensível e crucial do amadurecimento como meros militantes políticos, fazendo-os assumir uma responsabilidade que desde início não lhes cabe?

Como que uma sociedade inteira e seus respectivos governos desinvestiram-se, afetivamente e financeiramente, dos projetos escolares e do campo cultural, isto é, das instituições responsáveis pelo amadurecimento do caráter dos adolescentes? Em sum, quero deixar minha contribuição pessoal ao pensamento de Winnicott sobre a democracia e a fórmula $S = 100 - (X + Y + Z)$.

Os indivíduos (Y) são *borderlines* esquizoides e *borderlines* “como se” em amadurecimento; eles ainda possuem alguma esperança e, de fato, podem amadurecer. Sozinhos, porém, seus Egos defendem-se de revivescências do trauma produzindo distorções no campo cultural. Assim, a propagação dessas ideias será o legado das próximas gerações.

Já os indivíduos (X) perderam esperança do amadurecimento. Eles são indivíduos totalmente cristalizados em ganhos secundários da vida criminoso. Eles se sustentam nas confusões e distorções propagadas, atuando contra a ordem social aproveitando-se do caos instalado para receber apoio e justificação política para seus crimes. Indivíduos (Z) perderam a esperança no amadurecimento e são desejados para restauração da ordem social quando o caos atinge certo limite, porque podem atuar, de modo criminoso, em favor da ordem social, por se identificarem totalmente com ela.

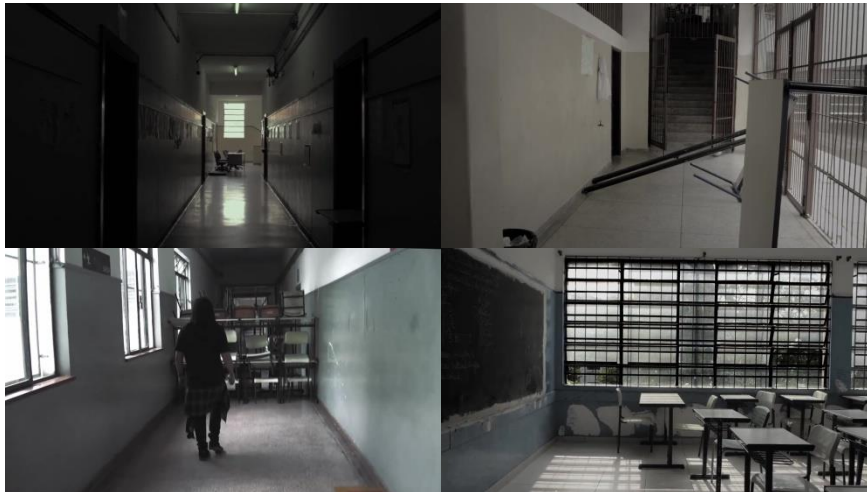
Por fim, os indivíduos (S) são saudáveis; eles alcançaram a capacidade para que o *self* verdadeiro se faça presente em suas intimidades e para expressá-lo/ocultá-lo, simultaneamente, nos momentos cruciais.

Podemos dizer que as reflexões de Winnicott sobre as tendências democráticas, em uma sociedade, levam-nos à concepção de que esses processos são, na verdade, modulações da ocultação e revelação parcial do *self*, considerando seus vários graus encarnados em cada pessoa que compõe o todo de uma sociedade.

Assim, a dissociação do *self* e suas tentativas de reintegração pela confusão do trabalho cultural e intelectual, passando pela total ocultação e falsificação propagandística até a capacidade madura de comunicá-lo criativamente, ainda que por um instante. Não poderia ser assim: “Assim, a associação do *self* e suas tentativas [...] passam pela total ocultação e falsificação...”?

12. Análise I : Textura Implícita do Argumento Fílmico.

Imagens - 0445, 0567, 0900 e 1030.



Fonte: Escolas em Luta (2017)

Essa sequência de imagens constitui, juntamente com seus elementos sonoros associados, o argumento fílmico central para esta análise. Elas marcam o “início” e o “fim da história”, isto é, dos relatos conforme os participantes das ocupações vão lembrando e organizando os acontecimentos a partir de (00:07:15) até (01:00:15). Efeitos sonoros terríficos acompanham essas sequências fílmicas que aludem ao vazio, ao inóspito, ao abandono. Experimenta-se, com isso, a desconfiança de algo brutal e inumano que se aproxima; algo que subjaz a toda a temática do filme.

A essência desse argumento visa tocar precisamente o âmbito emocional mais vivo, profundo e imediato, portanto, a experiência mais pessoal com o conjunto dos argumentos. Contudo, não se deve afirmar que essas intenções são previamente conscientes e planejadas por parte dos idealizadores do documentário. Ao contrário. Pode ter sido uma impressão que foi também capturada pela equipe de filmagem nas visitas às escolas ocupadas.

Temos, aqui, um paradoxo: o que é mais pessoalmente experimentado com essa matéria bruta parece atravessar e capturar as individualidades de todos os que com ela envolvem-se. Porém, depois, o filme deve oferecer conjecturas e visões de mundo mais precisas, resultando em uma espécie de amálgama no qual cada pessoa pode sentir e conceber essa textura mais bruta que se torna “politizável”, ou seja, ela ganha algum significado compartilhável, ganha algum senso de mensuração e oferece, retroativamente, recursos para colonizar a textura terrível e inominável que reaparece também no fim do documentário.

Antes de analisar as camadas mais precisas de significado do filme, torna-se necessário perguntar: Ao que remete essa camada bruta mais precisamente? Por que a experiência é de um medo inominável?

Segue o discurso de um dos líderes do movimento, que pode nos oferecer uma pista:

Tudo é gerado pelo medo, a gente tem medo dos professores; os professores têm medo da direção, a direção tem medo dos policiais, os policiais têm medo do Estado: é tudo gerado pelo medo! – E o Estado tem medo da gente ! Bem... não tinha... agora começou a ter... ehh... nunca teve, né? até porque foram 20 anos de... de... de imposição, agora está começando a ter. (ESCOLAS EM LUTA, 2017, 49:50 – 50:16)

Esse “vazio de significado”, após a exibição dos “fatos”, deve ser retroativamente alimentado com algum sentido ou discussão, mas, por enquanto, temos apenas o enigma em si, enfrentado não por espectadores passivos, mas, sim, com os que têm uma pergunta a fazer: O que confere essa impressão “mal-assombrada” e “inabitável” à Escola no contexto dessas imagens apresentadas do documentário? No dia da apresentação do documentário, em resposta à plateia, um dos diretores do filme diz o seguinte:

Porque eu sou formado em uma outra geração política, eu acho que carregava justamente esse anacronismo, dessa maneira de se fazer política que talvez a gente foi forjado a partir dessa maneira; ela em si, ela também é carregada de contradições, não é? Ela não, hoje em dia, a gente não consegue a partir dessa política que a gente consegue, dessa maneira tradicional; ela não alcança mais a relação com a sociedade, porque justamente ela se isolou no poder. E eu acho que o grande erro do PT, especificamente, foi de abandonar as ruas e de achar que vai resolver a política no gabinete e eu acho que isso foi um grande equívoco, porque ela deixou justamente para trás uma geração inteira, não é? E que teve que, obviamente, encontrar um espaço para sua próprias feras, né? Então, eu acho que a gente é isso que eu quero ressaltar a ideia. Quem teve a ideia de fazer o filme foi o Eduardo, o Rodrigo e eu. Fui o diretor do “20 centavos” de 2013. A gente se conheceu e foi juntos no 20 centavos e, isso é uma coisa que está tão latente na sociedade, é tão óbvio você enxergar o que está acontecendo, eu acho que a grande sacada enxergar o óbvio e enxergar o óbvio não é uma coisa simples, não é? Então, há uma contradição, um paradoxo a ser enfrentado hoje em dia, não é? Eu acho que a gente é empurrado por caminhos políticos que são orquestrados em quatro paredes, há um distanciamento enorme entre a sociedade e a política e eu acho que esse filme justamente ele aproxima, não é? (DIRETOR, 02/12/2017, CineSesc)

Contudo, esse distanciamento não se resume ao fato de um único partido ocupar o poder por 20 anos. Obviamente, esse fato deve ser considerado, mas devemos levar em consideração que também ocorreram problemas em outras esferas políticas, ao que o diretor se refere às manifestações de 2013:

Mas, essas pessoas, eu lembro muito bem, nitidamente, de estarem na ocupação e essas pessoas aparecerem assim falando tipo: “é estou em 2013, mano, vocês estão dando esperança para a gente de novo, vocês que estão fazendo esse negócio! (PARTICIPANTE DO MOVIMENTO, 02/12/2017, CineSesc)

Há um mal-estar na democracia que se espalha: os embates democráticos, do modo como ocorrem, como foi dito, “orquestradamente”, sem espontaneidade, não despertam a confiança dos eleitores comuns, estes se veem abandonados e perplexos, eles receiam o retorno da sociedade ao caos, especialmente os adolescentes, o que se mostra pelo relato de um dos líderes do movimento:

E eu acho que a ocupação das Etecs, na questão do sectarismo, mas era muito mais por uma questão do saldo da outra luta, tipo de ter tido muita, muita treta, muita coisa que não ficou clara, assim, entre os professores e muito medo também, acho que estava todo mundo meio arisco nessa época, e estava muito arisco por causa disso, porque a PM estava mais forte, porque a gente estava passando um período de muita instabilidade no país, que era por aquele negócio... não sei se vocês lembram, mas as Escolas estavam ocupadas justamente quando estava tendo aquele negócio do Temer, vem Temer, vai Dilma, ela estava caindo e estava ali, e estava todo mundo ali e ninguém entendia nada... (PARTICIPANTE DO MOVIMENTO, 02/12/2017, CineSesc)

Logo, dentre os vários elementos que podemos elencar e que antecedem a argumentação do filme, certamente, o contexto de instabilidade política, que culminou no *Impeachment* de Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016, é um dos 'gatilhos' indiretos que criaram um clima psicológico favorável à explosão do movimento de ocupações das Escolas. Obviamente, o “gatilho” direto foi uma reação à Medida Provisória (MP) 746 e à Reorganização Escolar no estado de São Paulo. Em outros estados, as ocupações ocorreram como reação a outras medidas, todas elas implicando restrições a disciplinas de humanidades e ao fechamento/deslocamento de unidades escolares, segundo uma das participantes do movimento:

Huumm, o que eu vou falar se encaixa na resposta da pergunta para ela, é que assim no sistema econômico que a gente está... Gente, eu vou ler porque eu não tenho o costume de falar para muita gente, mais de cinco eu já travo então eu estou tremendo aqui: nesse sistema econômico a nossa simples luta, para não fechar a escola, para a gente ela é uma luta contra a rotina, porque o desmonte da educação não começou com a reorganização! Já está aí há décadas! Então no capitalismo quanto mais fatiada a educação, mais sinal de lucro, então mais difícil para quem ocupou e seguiu uma rotina que lutou, lutou por algo que foi contra aquilo: aonde a gente, jovens, agora a gente tem que se encaixar profissionalmente, economicamente, em um sistema econômico que vai contra o que a gente lutou, então a gente fica confuso, a gente não sabe por onde continuar lutando. (PARTICIPANTE DO MOVIMENTO, 02/12/2017, CineSesc)

Importante ressaltar que os líderes do movimento sentem na pele se arrepiam e, só depois, procuram se conscientizar do grau de precariedade em que as escolas se encontram. Dito isso, podemos prosseguir a respeito dos 'gatilhos' emocionais, vinculados, de alguma forma, à militância política, isto é, à ideologia que permite ao movimento uma expressão própria, um engajamento político e um tipo de organização.

A partir disso, podemos discernir elementos com significados precisos que surgem até mesmo pela cobrança que a sociedade faz ao movimento, no sentido deste precisar prestar contas à “sociedade adulta”, à mídia e aos juízes sobre as razões de sua existência. Óbvio que essa resposta tem que estar de acordo com o *status quo* da cultura vigente, não raro, perpassada por ideias 'indiscutíveis', 'onipresentes' nas disciplinas de humanidades ministradas, “ensinadas” aos adolescentes.

13. Análise II: A Textura Simbólica do Argumento Fílmico.

Imagens – 0848, 1800, 2150, 3600.



Fonte: Escolas em Luta (2017)

Como podemos observar, inúmeras são as referências a 1964, à repressão, ao ideal revolucionário de cunho marxista. A imagem 3600 refere-se à cena em que líderes do movimento festejam a ocupação ao som de uma conhecida música da MPB; na imagem 0848, lê-se no cartaz colado na entrada Escola ocupada: “juventude que ousa lutar constrói poder popular”; na imagem 2150, o lema da Revolução Cubana “Viva la Revolucion” em frente ao símbolo do comunismo: a foice e o martelo.

Assim se expressa muito do campo cultural nacional e que compõe parte da opinião pública, da mídia, dos professores, enfim, dos que incentivaram e permitiram a ocupação e de movimentos políticos que ajudaram a organizar as ocupações distribuindo panfletos entre outras contribuições. Nesse sentido, a culpa pelas dificuldades e precariedades das instituições é de uma “elite conservadora” que precisa ser derrubada por meio de um “poder popular” revolucionário, nos moldes das revoluções socialistas mundo afora e que remetem a 1964, marco do início da repressão. Eis o depoimento de um estudante:

Quem frequentou as manifestações dos secundaristas viram que nada mudou de 64 para cá, nada! Repressão... eles estavam batendo em gente que está lutando pelas Escolas dos filhos deles, porque eu tenho certeza que a maioria dos policiais militares tem filhos em Escolas públicas (PARTICIPANTE DO MOVIMENTO, 2017, 56:00 – 56:45)

Apesar da repressão, observamos que essas referências simbólicas seguem enaltecendo uma “revolução popular” para quem povo é: mulher, indígena, negro, homossexual, dito de outro modo: as chamadas minorias. Como um integrante da plateia expressa:

E aí, eu queria perguntar para esses três cidadãos, e para a produção que sacada foi essa? De perceber que ali tinha um germe revolucionário, no Estado mais fascista do país! Que é bem verdade que é vanguarda, mas aqui é gestado o ovo da serpente: o Michel Temer, Miguel Raeli Júnior... né? É o golpe do golpe do golpe, não é? Daqui saiu a operação OBAN... Do Estado de São Paulo. Eu sou paulistano, nasci aqui no hospital 9 de Julho, carcamano do Bexiga. Então daqui saiu a operação OBAN que foi matar Lamarca lá na Bahia! Daqui morreu Marighela na Avenida Casa Branca, daqui também saiu os bandeirantes que mataram os indígenas no começo da colonização, saiu daqui de São Paulo. E o nosso governador, excelentíssimo, fica fazendo a gestão dele no Palácio dos Bandeirantes. Então, sinceramente, esse filme ele enobrece a nossa alma, dá um bril. (PLATEIA, 02/12/2017, CineSesc)

O governador de São Paulo, tido como o “rei” mas que, de seu palácio* ordena perseguição aos estudantes, não toma medidas que venham, de fato, ao encontro das necessidades do ensino público, além disso, reprime uma minoria que luta pelos “seus direitos” e que se organiza de modo “horizontal”. Mas o que é organizar-se de modo horizontal? Inúmeros são os discursos que reivindicam horizontalidade, igualdade, e, ao mesmo tempo, punição feroz aos “machistas” e “racistas” etc. Depoimentos a respeito da luta do movimento:

Pensamos no quão grande foi a força, a união, a história e, por isso sabemos, foi ganha a batalha, mas não a guerra: o movimento é horizontal, a Escola é horizontal, a Escola é nossa” (ESCOLAS EM LUTA, 2017, 01:13:05 – 01:13:34).

E também:

Isso é o básico do ranking, a igualdade entre os seres, entendeu? E a gente ainda está “tipo lutando”, a nossa história ainda está muito para trás, entendeu? Quer dizer, igual, eu trabalho em um sebo né? Tipo meu, quase todas as pessoas lá são racistas ou machistas meu, entendeu? É fogo isso, velho, parece que você precisa se blindar. (ECOLAS EM LUTA, 2017, 00:28:24 – 00:28:41)

Quando analisamos essas referências com olhares Winnicottianos, esbarramos em um problema, pois, segundo esse autor, os adolescentes buscam ocupar o lugar do rei matando-o, mas quando se reivindica algo como horizontalidade, igualdade e direitos... significa que os “mais iguais” devem ser coroados “reis do castelo” extrapolando a esfera da fantasia, ou seja; a mulher, o negro, o pobre devem, segundo essa lógica, por direito, exercer o poder: “A liderança aqui é feminina toda! A liderança do Mazé é feminina e não só do Mazé cara! Em todas as Escolas que eu fui...” (ESCOLAS EM LUTA, 2017, 01:01:08 – 01:01:17).

Mais ainda. Justamente, essas ideias é que compõem muito do material didático do que é ensinado em universidades, no que, enfim, muitos “adultos”, pais de jovens, acreditam, ao contrário do que se possa pensa; como se as coordenadas discursivas dessa “revolução” fosse implantadas previamente, mas pelos próprios adultos!

A indignação, sim, a indignação, os ímpetos e os “excessos” dos jovens, diante da realidade que enfrentam todos os dias, são compreensíveis e necessários, mas o discurso empregado já é o do *establishment* cultural: no Brasil, o marxismo é o ópio do povo...

Em suma, adolescentes secundaristas “lutam contra o sistema”, muitos são presos, outros estão feridos devido aos confrontos com a polícia, que cumpre o dever de manter a ordem para os “brasileiros trabalhadores”. Contudo, as coordenadas simbólicas do campo cultural e que dão significado à luta estão nas agendas dos governos através das Secretarias de Educação, do material didático e dos cursos de Pedagogia, muitos dos quais mantidos pelos estados – universidades estaduais; e pelo governo federal – universidades federais; todas elas favoráveis às ocupações.

Muitos professores, formados nessas universidades, incentivam as ocupações, sem, contudo, orientar os adolescentes, que se sentem sozinhos; outros, ligados a movimentos políticos de cunho marxista, distribuem panfletos políticos ensinando como organizar e fazer ocupações. Sem entrar no mérito da legalidade das ocupações, segundo Winnicott:

É tarefa de pais e professores cuidar para que as crianças nunca se vejam diante de uma autoridade tão fraca a ponto de ficarem livres de qualquer controle ou, por medo, assumirem elas próprias a autoridade. A assunção de autoridade provocada por ansiedade significa ditadura, e aqueles que tiveram a experiência de deixar as crianças controlarem seus próprios destinos sabem que o adulto tranquilo é menos cruel, enquanto autoridade, do que uma criança poderá se tornar se for sobrecarregada com responsabilidade. (WINNICOTT, 2012, p 101)

Segundo a fala de um participante do movimento:

A gente já levou vários enquadres muito pesados de coisas ficarem marcadas na cabeça e eu já estava vendo ali o filme, saca? Passou na parte da polícia e eu já estava tipo com muito medo, sabe? O movimento secundarista, tipo, causou ataques de ansiedade nas pessoas, causou ataques de pânico, saca? Querendo me esconder assim, porque foi uma pressão psicológica muito pesada, e tipo é... Eu estava comentando aqui com o pessoal, que eu não curto muito essa ideia de que “aí de que a gente é esperança não sei o que assim”...porque vocês colocam, não vocês, a galera coloca um peso, saca? Um peso muito grande nas nossas costas, de que a gente tem que mudar...de que a gente... Sabe não é bem assim! (PARTICIPANTE DO MOVIMENTO, 02/12/2017, CineSesc)

Segundo Winnicott, “Tudo Começa em Casa”, mas “não termina em casa”. Muitas crianças e adolescentes não possuem um “bom lar comum”; precisam direcionar suas esperanças para fora de suas casas. Assim, muitas vezes, a Escola é a última referência de estabilidade que eles têm, como afirma Winnicott:

Ao constatar que o quadro de referência de sua vida se desfz, ela deixa de se sentir livre. Torna-se angustiada e se tem alguma esperança, trata de procurar um outro quadro de referências fora do lar. A criança cujo lar não lhe ofereceu sentimento de segurança busca fora de casa as quatro paredes: ainda tem esperança e recorre aos avós, tios e tias, amigos da família, Escola. (WINNICOTT, 2012, p 30)

A grande questão não são os recursos financeiros destinados à educação, mesmo porque nem os governos, nem a iniciativa privada devem confiar em projetos educacionais quando estes servem aos interesses de quem “leva vantagem” exacerbando as tensões sociais e canalizando, por isso, os ímpetos dos professores e dos alunos à militância política e à “luta de classes” ou à reivindicação de direitos de minorias.

Vale lembrar que se a experiência cultural é análoga ao sonho, semelhantemente, a deterioração do campo cultural, por meio da atividade subversiva, o é em relação ao pesadelo, sendo suas maiores vítimas os jovens mais fragilizados que recorrem à Escola na esperança de encontrar estabilidade. Eis o depoimento de uma mãe a respeito:

Essa escola foi ocupada durante 10 dias, no final da ocupação foi de muita agressão como em todas as escolas e nós fomos surpreendidos que a polícia fez depois das ocupações: um álbum com fotos dos meninos, que perseguia secundaristas de forma horrorosa; teve menino apanhando quando saía do metrô, meu filho apanhou saindo na Doutor Arnaldo e só pararam de bater porque ele tinha morrido e isso causou uma tentativa de suicídio... Então, depois ele continuou com muito apoio dessa galera maravilhosa, que ia, falava, dos professores que apoiam, mas aí depois ele foi participar do primeiro ato “Fora Temer”, e ele é um dos 18 detidos na frente do centro cultural, que se conheceram em um grupo de facebook...é era um grupo de pessoas que não se conheciam e que eles acabaram se encontrando, marcaram um encontro e ‘Bum!’, coisas do destino, né? Temer e Alexandre tinham infiltrado a inteligência do exército nesse grupo, foram 23 detidos, 23 que se reuniram, 22 detidos. Essa pessoa do exército foi promovido para Major por honra ao mérito, pelo ato que ele fez de prender estudantes, os meninos hoje respondem processo, como ameaça... a juíza pede 15 anos de detenção, eles foram presos às duas horas da tarde e o ato só sairia às seis, a perseguição para mim e, eu já falei para essa galera, não foi outra se não por ele ter sido secundarista, por ele ter participado da perseguição no Paula Souza e pela perseguição, porque logo após ocupação da ETEC, quando meu filho voltou, ele foi expulso da escola, ele não conseguiu vaga em nenhuma escola do Estado. Esse ano eu consegui uma bolsa em uma escola particular, justamente pelo desequilíbrio emocional ele ficou três meses em casa, não conseguia sair e perdeu a bolsa também... então a pressão psicológica à qual eles se referem, foi à moça lá na frente estava perguntando, realmente é muito grande a perseguição continua, a gente...as pessoas tratam... eu perdi meu emprego essa semana também, então muitos perderam emprego, muitos perderam escola, muitas famílias desestruturadas. Existe um grupo de psicólogas que dão apoio sim para nós e de forma ativista, eles atendem os meninos e muitos são atendidos, né gente? A gente tem que aplaudir essa galera em pé, porque o que eles passaram, o que eles passam até hoje só quem viveu para saber” (PLATEIA, 02/12/2017, CineSesc)

O pesadelo da degeneração do campo cultural pode ser equiparado à tragédia de Édipo, pois a cultura suaviza as relações permitindo confrontos saudáveis, isto é, não extrapolando certas medidas do caráter de cada um dos envolvidos, propiciando, assim, o embate democrático que motiva o aprendizado. Já a subversão ideológica visa suprimir a cultura, retirando desta o seu caráter universal desde sua base, relativizando-a através de noções estritamente temporais e históricas, supostamente fundadas no “antagonismo social” ou “antagonismo de classes”.

Em vista disso, o adolescente é levado a carregar todo o peso e responsabilidade do mundo em suas próprias costas. Já, os “culpados” pela situação insuportável precisam ser as autoridades ou quaisquer adversários discordantes, que, nessa circunstância explosiva, recebem o rótulo de “fascistas!”.

Mas existe uma violência necessária para organizar uma ocupação escolar para lidar com os ímpetos de todos os desfavoráveis ao movimento – alunos, pais, professores e diretores, enfim, o que demanda intimidá-los e coagi-los suprimindo seus direitos. Em tudo isso, não há algo também... fascista?

No fundo, o processo consiste em assumir o papel de detetive e tentar desvendar um crime “histórico” sublinhado e explicitado com toda ferocidade de professores-militantes. Tem-se, assim a investigação dos “culpados”, a peça de acusação, depois o julgamento e o estabelecimento da punição; o ataque impiedoso e, somente no final, a tragédia. Descobrir-se ocupando exatamente o mesmo lugar do criminoso tanto procurado! Fazendo com que as acusações proferidas recaiam sobre o acusador “medida por medida”, fazendo da escola que segue o velho modelo prisão algo próximo a uma prisão de fato.

O que se obtém, com isso, é a exacerbação da fantasia de assassinato da autoridade remetida ao pai. Assim, a ação da propaganda ideológica ocasiona uma mudança paradoxal (gestalt) especialmente em adolescentes mais fragilizados, transformando a configuração do jogo do “eu sou o rei do castelo” em algo como “eu sou o rei Édipo”; ou seja, essa fantasia cria uma abertura para a sedução da organização militante, que direciona os envolvidos a atuações que visam, realmente, atacar figuras de autoridade e locais que adquirem significados dessa ordem.

Ironicamente, essas movimentações adolescentes são feitas em nome da filosofia, da sociologia e da história, em suma, em defesa de seus professores de humanidades, mas que, em verdade, nunca lhes deram nada disso desde o início.

14. Análise III : Textura Explícita do Argumento Fílmico.

Imagens – 4260, 3276, 1003, 2445



Fonte: Escolas em Luta (2017)

Cada herói, fechado no universo que lhe é próprio, dá á palavra um sentido e um só. A essa unilateralidade choca-se violentamente uma outra unilateralidade. A ironia trágica poderá consistir em mostrar como, no decorrer da ação, o herói se encontra literalmente “pego na palavra”, uma palavra que se volta contra ele, trazendo-lhe a amarga experiência do sentido que ele se obstinava em não reconhecer. (JEAN-PIERRE VERNANT, 1999, p 74)

O sentido da palavra democracia está, em uma democracia, em permanente debate, seu sentido pleno não pode ser captado porque as forças, em disputa no jogo democrático, impregnam-na de seus próprios valores. Os vários sentidos da palavra ‘democracia’ devem coexistir; precisam ser sustentados paradoxalmente.

Winnicott, em junho de 1950, no texto *Algumas Reflexões Sobre o Significado da Palavra “Democracia”*, elenca alguns desses sentidos. No quinto item, ele revela o que entende por democracia: “Um sistema social que, existindo num período de sorte, pode permitir que os indivíduos gozem de liberdade de ação”, Winnicott (2005). Mais ainda. Nesse sistema, é possível estudar o uso das palavras em geral, sua etimologia, enfim, pode-se estudar a história das instituições gregas e romanas e comparar como palavras-chaves da vida política são empregadas de maneiras distintas em outros países.

Obviamente, em países de regimes políticos autoritários, os cidadãos não desfrutam de liberdade de ação, por isso, a ênfase que esse autor dá ao sentido da liberdade individual, como ocorreno documentário, explicitamente, o uso dessas palavras e a liberdade de ação de que gozam os alunos durante as ocupações, como se pode constatar nesta fala:

Sabe o que está mais bonito ainda ? É que é uma luta horizontal, onde todos os alunos têm o poder de falar o que quiser, ou seja, não há uma liderança, isso está doendo neles. Porra! A gente é o país que derrubou a ditadura. Certo? Da maneira tal qual derrubou... a gente derrubou o governo fascista do Fernando Collor de Mello. Só que, quando eu nasci, eu não vi uma luta desse tamanho. Segundo os historiadores políticos, a luta desse tamanho é agora ! É os estudantes que estão fazendo, 171. Escolas ocupadas, certo? Estudantes indo para luta, indo para rua, tipo: nós estamos indo para cima! E tipo: sabe o que mais dói neles ? É que os caras que eles falaram que eram os manifestantes que estavam depredando a escola, os caras que eles falaram que eram os vândalos têm o argumento para ser tocado. Entendem sobre a política, sabe? Sabem que estão sendo explorados e isso dói neles. Sabe por quê? Porque quando chegar a próxima eleição, eu tenho certeza que a população não vai querer votar no mesmo governo fascista que está há 25 anos! É um governo que está há 25 anos, isso é uma vergonha! (ESCOLAS EM LUTA, 2017, 00:31:07 – 00:32:12)

Devemos considerar o fato de que, nesses movimentos, existem lideranças implícitas, embora as motivações que suscitaram as ocupações documentadas dão vazão, também, a expressões de indignação espontâneas e individuais. Tais fatos, entretanto, não excluíram o emprego de adjetivos que circulam no campo cultural, como, por exemplo, o emprego da palavra ‘fascista’, entre outras que foram incorporadas ao movimento.

Desse modo, também se pode fazer uma crítica explícita e legítima ao sentido vigente da palavra democracia. Como é possível conciliar um regime caracterizado pela alternância de poder com o fato de o “mesmo governo” (referência ao governo do Estado de São Paulo) estar no Poder há 25 anos? Mesmo que existissem “boas” ações com o objetivo de melhorar a qualidade da educação, o que, obviamente, também não é o caso, o governador do Estado, referindo-se à ocupação das escolas, diz:

O que eu quero deixar claro é o seguinte: não é uma manifestação espontânea para discutir o mérito; é um movimento político cheio de gente que não é da educação: MTST; você tem entidades sindicais, você tem alunos de universidade que nem são da escola e um pouco intolerante, porque quatro pessoas entram lá, trancam, põem um cadeado e deixam mil sem estudar. Não é razoável essa própria questão da Faria Lima, quer dizer, fecha o trânsito, prejudica o trabalhador e a trabalhadora que precisam trabalhar; não é a forma adequada, não é? (ESCOLAS EM LUTA, 2017, 00:32:13 – 00:32:12)

Sem dúvida, não se pode negar que há mérito e espontaneidade em relação às manifestações e que estas não se restringem a “quatro pessoas e um cadeado”, embora seja verdadeira a existência da influência ideológica nessas manifestações em uma camada de organização simbólica. Cabe ressaltar que os próprios adolescentes incorporam isso para utilizar, depois, como referência histórica, para dar sentido, ainda que provisório, ao que estão fazendo.

As distorções do jogo político no campo cultural exacerbam as fantasias de assassinato, como, também, muitos discursos encobrem aspectos da realidade, especialmente quando se constata que essas distorções ameaçam as partes envolvidas nela, politicamente. Em outras palavras, as forças políticas em disputas capturam as indignações, mas apenas para tentar encaixá-las em narrativas pré-fabricadas. Essa tendência cínica piora quando a imaturidade, no campo cultural, prevalece, porque sufoca os verdadeiros elementos da luta adolescente e que estão presentes no documentário. Segundo fala de uma participante do movimento:

O movimento estudantil ser uma coisa política é uma coisa maravilhosa, até porque os alunos, os estudantes, estão criando consciência política! É porque os planos da educação estadual seriam criar alunos mecanizados né? que se tornam adultos dizendo: “política e religião não se discutem”. E o que a gente está fazendo aqui hoje, diferente disso, é dizer: “se discute sim, a gente está fazendo, a gente está discutindo, a gente está gritando, a gente está falando sobre política a todo o momento e a toda hora.” Acho que isso nunca aconteceu, sempre mantiveram os alunos anestesiados, né? (ESCOLAS EM LUTA, 2017, 00:32:59 – 00:33:41)

Termos como ‘consciência política’ e ‘discussão política’ são ideológicos na media em que, retomando Winnicott, não há planos educacionais que, satisfatoriamente, contemplem o estudo das instituições gregas e romanas. Portanto, de saída, não há possibilidade de ganho de “consciência política” nos termos pensados pelo psicanalista inglês, ainda que esse trecho citado vislumbre, corretamente, uma dimensão política uma dimensão política que se constata, que se flagra “a todo momento e a toda hora, e que precisa ser pensada e repensada, sobretudo, por quem cultiva ilusões tecnicistas e neutras em relação à educação.

Sendo assim, a textura explícita do filme, por si mesma, sem requerer análises profundas, mostra, diretamente, impulsos criativos e agressivos adolescentes contra esse aspecto opressivo e descuidado que a escola carrega e que, quando somadas às ilusões de um ensino mecânico e tecnicista, estas despertam um verdadeiro ímpeto de luta, de esperança e de sonho. Afinal, por que as coisas não podem ser melhores? Por que um adolescente saudável deveria sempre aceitar a prisão psicológica a que é submetido?

Tragicamente, corre-se o risco de, durante as ocupações, esse aspecto de prisão se concretizar perigosamente devido à impossibilidade de sustentação correta dessas motivações, em razão direta da própria imaturidade saudável adolescente e também da inabilidade que as autoridades têm em lidar com esses tipos manifestações. Em suma, a escola e a sociedade podem melhorar, podem ampliar sua democracia começando por não tomarem os alunos como prisioneiros, como passivos no processo, como organismos que precisam ser anestesiados.

Segundo Winnicott, o uso abusivo das palavras referentes à política caracteriza práticas ditatoriais na medida em que engana o povo. Podemos perguntar: Há alguma relação entre tirania e o sentido unilateral de algumas palavras empregadas tanto pelo governador quanto pelos movimentos estudantis? Será que o sentido dado às palavras “política”, “democracia”, “luta”, “horizontalidade”, “consciência política” quando os adolescentes reivindicam “direitos” não é unilateral? Ou ainda, podemos perguntar: Unilateral com relação ao descaso e ao cinismo com que as forças políticas (se) buscam compreender os ímpetos dos adolescentes para lhes fornecerem ambientes maturacionais com qualidades humanas e culturais além das exigências curriculares?

Há algo, nessas questões, que torna propício o surgimento de ‘pequenos-grandes tiranos’ criados por velhas tendências políticas deterioradas, nessas relações, em que mesmo indivíduos adultos saudáveis guardam resquício da fantasia de assassinato das figuras paternas, justamente isto leva a condição expiatória que o tirano Édipo:

Venerado como um deus, incontestemente senhor da justiça, tendo nas mãos a salvação de toda cidade, colocado acima dos outros homens, tal é a personagem de Édipo, o Sábio, que no fim do drama, se inverte, para projetar-se em uma figura contrária: no último degrau da decadência aparece Édipo – Pé inchado, abominável poluição, concentrando sobre si toda a poluição do mundo. O rei divino, purificador e salvador de seu povo, encontra o criminoso impuro que é preciso expulsar como um *pharmakós*, um bode expiatório, para que a cidade, de novo pura, seja salva. (JEAN-PIERRE VERNANT, 1999, p 85)

Ressalte-se que os rituais gregos de expiação ocorrem nas festas realizadas na primavera, quando as primícias eram oferecidas aos deuses, e as procissões de jovens faziam parte do trabalho religioso: a *eiresióne* J. Vernant (1999). Vale lembrar que a primavera é uma estação de transição; seus frutos constituem um excesso das árvores e dos arbustos; não são como os frutos encontrados na plenitude do verão.

É impossível não perceber as correlações entre o desabrochar das flores na primavera e a adolescência que, numa perspectiva psicanalítica, marca a reedição do complexo de Édipo. Trata-se de uma motivação florescente e desmesurada, quase inumana, ainda incapaz de ser compartilhada, satisfatoriamente, como nas relações interpessoais adultas; e ao próprio sujeito, lhe parece algo inassimilável.

É correto afirmar que esse excesso, marca imatura dessa etapa do amadurecimento, representa uma ameaça real e um teste para as escolas e para os governos que tentam estabelecer uma medida para o homem. Ainda sobre a tragédia edípica:

Pois, na prática e na teoria social, a estrutura polar do sobre-humano e do sub-humano se encontram e se confundem na mesma personagem. E como essa personagem é o modelo do homem, todo o limite que permitiria delimitar a vida humana, fixar sem equívoco seu estatuto, se apaga. Quando ele quer, como Édipo, levar até o fim a pesquisa sobre o que ele é, o homem se descobre enigmático, sem consistência nem domínio que lhe sejam próprios, sem ponto de apoio fixo, sem essência definida, oscilando entre o igual ao deus e igual ao nada” (JEAN-PIERRE VERNANT, 1999, p 99)

O governador e o adolescente se assemelham, um pelo excesso com relação ao Poder que encarna e o outro, pela sua imaturidade. Contudo, a “cidade” só suporta expressões desmedidas de apenas um desses elementos. Nesse sentido, pode ser trágica a busca do adolescente pela verdade, pela *sua* verdade, a verdade que ele encarna, do ponto de vista político, e, especialmente, pelas consequências, isto é, pelo que ele pode se tornar depois: tirano ou bode expiatório.

Logo, embora a dimensão trágica da vida humana reclame, na adolescência, certa proeminência, a fragilidade dessa condição obriga-nos a “adoçar” a oscilação do “pêndulo existencial”, interincluindo um “contrário” na vivência de um dos polos. Desse modo, o adolescente que vive com os “pés descalços”, hostilizado e ignorado pelo governo, dilacerado pela sua própria condição, como o herói: quanto mais cheio de si e de suas certezas, mais violentamente o sentido oposto que ele ignora deve cobrar o preço e o arrastar.

É preciso que o ambiente cultural sustente o paradoxo da ambiguidade no uso das palavras fazendo da oscilação do pêndulo algo como o “balanço do berço” por uma mãe devotada. Esse também é o papel da experiência fílmica, aqui tomada como uma experiência legítima no campo cultural, sem dúvida, capaz de devolver à sociedade as suas obrigações, e com isso, purificando os “heróis” de suas cargas excessivas; recolocando-os nas suas medidas humanas cabíveis.

Nesse sentido, a própria elaboração do documentário confunde-se com a elaboração psíquica dos protagonistas; a própria presença de quem faz as perguntas, de quem filma, já deve implicar algum tipo de presença adulta saudável que, pela escuta, mostra-se inclinada aos jovens. Mas essa não é a situação ideal. Quero dizer que a sociedade precisa debater ideias dos mais diversos matizes políticos (e não a hegemonia de uma única vertente), as quais, como já analisamos, resumem-se, no Brasil, às tendências marxistas. Para isso, no entanto, é necessário que a sociedade estabeleça um pacto pela educação, o qual, em última instância, constitui um pacto pela manutenção do fogo que mantém a sociedade reinventando-se e sobrevivendo.

Conclusão

O campo cultural é constituído também por um aspecto ideativo, aonde as abstrações dissolvem-se nas linhas do horizonte para as quais os propósitos do amadurecimento convergem, mas é esse aspecto abstrato é que se manifestam as distorções subsequentes do campo e que ocasionam os acirramentos que afetam seus dependentes em amadurecimento. O arcabouço conceitual filosófico, apesar da natureza formal, também manifesta intencionalidade. Entretanto, esse caráter intencional é inconsciente até mesmo para os intelectuais que os formulam; nesse sentido, eles não sabem que não sabem.

Isso é assim, pois o acesso aos conceitos se dá por analogia ao polimento da pedra bruta. Raspam-se as impurezas da superfície, depois, se eliminam as saliências, os desniveis e os riscos. Somente no final, o material disforme é totalmente transformado, sendo possível, assim, distinguir os ângulos retos e as formas geométricas que delimitam os acabamentos. Precisamente nesse ponto é que se pode deduzir a pureza da forma, isto é, a abstração. Não são, então, necessárias motivações emocionais, ou seja, violência, agressividade, sangue, suor e tenacidade nas etapas iniciais do processo?

Uma ideia, a despeito da sua pureza, já contém em si toda a violência que permitiu sua concepção enquanto abstração. Essa motivação emocional é estritamente pessoal e compõe parte do método empregado. Nas psicoses-limites, frequentemente, a agressividade não está integrada corretamente à personalidade. A partir de processos patológicos, as ideias brilham com uma falsa pureza, como soluções fáceis.

Quando propagadas, essas ideias carregam consigo uma dupla violência: não apenas a agressividade original correlata, mas, também, o esforço dissociativo que as defesas mobilizam. Conseqüentemente, a implementação de certas ideias em projetos traz à tona, na realidade, toda a destruição negada, todo o descompasso hermenêutico que caracterizam os extremismos. Se, contudo, o trabalho intelectual conduz ao amadurecimento, então, as ideias tornam-se padrões flexíveis e inteligentes, reaquecidos, constantemente, pela conjugalidade da plena união com o mundo empírico.

Quantas vezes, Winnicott não viu modificada sua teoria à luz das observações clínicas. Além de não perder a possibilidade de uma visão processual da realidade humana, ele soube sustentar, sem descartar a espontaneidade, um parâmetro inteligente e flexível; trata-se, na verdade, de uma concepção clara de saúde mental fundada na verdadeira criatividade, no amadurecimento que conduz à confiança, desde o lar até a política, ou seja, desde o bebê, em relação à mãe, até o primeiro ministro, em relação ao Divino.

Diante de momentos turbulentos, crises de confiança, faz-se imprescindível estabelecer parâmetros civilizacionais universais, contudo, flexíveis e inteligentes no sentido de protegermos as escolas das disputas ideológicas e das experimentações de engenharia social.

Por exemplo, tomemos princípios que foram legados pela tradição judaico-cristã, tradição, aliás, que muito influenciou o pensamento de Winnicott, porquanto toda a narrativa bíblica trata da história da confiança dos homens em relação ao Criador e, paradoxalmente, do Criador em relação aos homens; o homem bíblico não padece do *pathos* que o homem trágico.

É um dever moral estabelecer a educação como uma obrigação de todos, como um compromisso, eu quero tomar como exemplo e, também como sugestão em caráter de urgência, o que foi estabelecido nos Estados Unidos com o *Education Day*⁷:

⁷ “Begun and held at the City of Washington on Thursday, the third day of January, one thousand nine hundred and ninety-one Joint Resolution To designate March 26, 1991, as ‘Education Day, U.S.A.’. Whereas Congress recognizes the historical tradition of ethical values and principles which are the basis of civilized society and upon which our great Nation was founded; Whereas these ethical values and principles have been the bedrock of society from the dawn of civilization, when they were known as the Seven Noahide Laws; Whereas without these ethical values and principles the edifice of civilization stands in serious peril of returning to chaos; Whereas society is profoundly concerned with the recent weakening of these principles that has resulted in crises that beleaguer and threaten the fabric of civilized society; Whereas the justified preoccupation with these crises must not let the citizens of this Nation lose sight of their responsibility to transmit these historical ethical values from our distinguished past to the generations of the future; Whereas the Lubavitch movement has fostered and promoted these ethical values and principles throughout the world; Whereas Rabbi Menachem Mendel Schneerson, leader of the Lubavitch movement, is universally respected and revered and his eighty-ninth birthday falls on March 26, 1991; Whereas in tribute to this great spiritual leader, ‘the rebbe’, this, his ninetieth year will be seen as one of ‘education and giving’, the year in which we turn to education and charity to return the world to the moral and ethical values contained in the Seven Noahide Laws; and Whereas this will be reflected in an international scroll of honor signed by the President of the United States and other heads of state: Now, therefore, be it Resolved by the Senate and House of Representatives of the United States of America in Congress assembled, That March 26, 1991, the start of the ninetieth year of Rabbi Menachem Schneerson, leader of the worldwide Lubavitch movement, is designated as ‘Education Day, U.S.A.’. The President is requested to issue a proclamation calling upon the people of the United States to observe such day with appropriate ceremonies and activities. Speaker of the House of Representatives. Vice President of the United States and President of the Senate.” (Rep. Michel, Robert H, House, Post Office and Civil Service 1991-1992)

Começou e teve lugar na cidade de Washington na quinta-feira, terceiro dia de janeiro, mil novecentos e noventa e uma resolução conjunta para designar 26 de março de 1991, como 'Dia da Educação dos EUA'. Considerando que o Congresso reconhece a tradição histórica de valores e princípios éticos que são a base da sociedade civilizada e sobre a qual nossa grande nação foi fundada; Considerando que esses valores e princípios éticos têm sido a base da sociedade desde os primórdios da civilização, quando eles eram conhecidos como as Sete Leis de Noé; Considerando que, sem estes valores e princípios éticos, o edifício da civilização está em sério risco de retornar ao caos; Considerando que a sociedade está profundamente preocupada com o recente enfraquecimento destes princípios que resultou em crises que afetam e ameaçam o tecido da sociedade civilizada; Considerando que a preocupação justificada com essas crises não deve permitir aos cidadãos desta nação perder de vista sua responsabilidade de transmitir esses valores éticos históricos de nosso passado distinto para as gerações do futuro; Considerando que o movimento Lubavitch fomentou e promoveu esses valores e princípios éticos em todo o mundo; Considerando que Rabi Menachem Mendel Schneerson, líder do movimento Lubavitch, é universalmente respeitado e reverenciado e seu octogésimo nono aniversário cai em 26 de março de 1991; Ao passo que, em homenagem a esse grande líder espiritual, "o rebe", este, seu nonagésimo ano, será visto como "educação e doação", o ano em que nos voltamos para a educação e a caridade para devolver o mundo à moral e à ética. valores contidos nas Sete Leis de Noé; e Considerando que isso será refletido em um pergaminho de honra internacional assinado pelo Presidente dos Estados Unidos e outros chefes de Estado: Agora, portanto, seja Resolvido pelo Senado e pela Câmara dos Representantes dos Estados Unidos da América no Congresso reunidos, Em 26 de março de 1991, o início do nonagésimo ano do rabino Menachem Schneerson, líder do movimento mundial Lubavitch, foi designado como 'Dia da Educação dos EUA'. Solicita-se ao Presidente que emita uma proclamação chamando o povo dos Estados Unidos a observar tal dia com cerimônias e atividades apropriadas. Presidente da Câmara dos Representantes. Vice-Presidente dos Estados Unidos e Presidente do Senado. (Dep. Michel, Robert H. House, Post Office and Civil Service 1991-1992)

Referências

- ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**. Tradução de Silva, M.G.D Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- AMARAL, Monica G. T. do. **Os novos críticos niilistas e a transvaloração dos valores da cultura escolar na escola pública**. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 12, n. 23, p. 27-40, jan. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2012000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 4 de abril de 2017.
- ARAÚJO, Conceição Aparecida Serralha de. **Uma Abordagem Teórica e Clínica do Ambiente a Partir de Winnicott**. 2007. 176 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2007.
- BACHELARD, G. **A Água e os Sonhos Ensaio Sobre a Imaginação da Matéria**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. Martins fontes, 1988.
- _____. **A Psicanálise do Fogo**. Trad: Paulo Neves São Paulo: Martins Fontes, 1999. p 16 -17 e p 19.
- _____. **A Terra e os Devaneios da Vontade Ensaio Sobre a Imaginação das Forças**. In: Trad Maria Entin Galvão Martins Fontes, 2001.
- _____. **O Ar e os Sonhos Ensaio Sobre a Imaginação do Movimento**. Trad: Antonio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio Sobre a Significação da Comicidade**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.p 10 -11, p 24 e p36.
- CELERI, Eloisa Helena Rubello Valler; OUTEIRAL, José; MELLO FILHO, Julio de e GOLDSTEIN, Raquel Z. de. Paradoxo, objeto transicional e fetiche. *Rev. bras. psicanál*[online]. 2008, vol.42, n.1 [citado 2018-05-14], pp. 60-73 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000100007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0486-641X.
- COELHO, Daniel Menezes; SANTOS, Marcus Vinicius Oliveira. **Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica**. Analytica, São João del Rei, v. 1, n. 1, p. 90-105, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 6 de maio de 2017.
- DETHIVILLE, Laura. **O direito ao segredo do self. Winnicott e-prints**, São Paulo , v. 5, n. 2, p. 55-68, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2010000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 jun. 2018.

ESCOLAS EM LUTA: Eduardo Consonni, Rodrigo T. Marques, Tiago Tambelli Et Al. Produção: Rodrigo T. Marques, Tiago Tambelli, Fernanda Lomba Et Al. Compositor: Gustavo Monteiro. São Paulo: Lente Viva Filmes, Complô, Encouraçado Filmes, Taturana Mobilização Social, 2017. 1 DVD 1h 17 min. Trechos: 18:00 min - 20:00 min, 25:30min – 27:25min, 28:00min – 29:20min, 31:00min – 36:00min, 42:30min – 48:00, 49:50min – 52:00min, 56:34min – 01:01:00h, 01:03:00h – 01:05:00h, 01:11:00h – 01:12:00h, 01:13:00h – 01:15:00h. Imagens: 07:25 min, 09:27min, 15:00 min, 17:10 min, 14:08 min, 30:00 min, 35:50 min, 60:00 min, 01h 11:00 min, 54:36 min, 16: 43 min, 40:45 min.

FULGENCIO, L. **A Redescritção da Noção de Superego na Obra de Winnicott**. Revista Rabisco. Revista de Psicanálise, volume 3, p. 153-168, 2013.

_____. Um mal-estar na cultura para Freud e para Winnicott. In: OLIVEIRA, Cláudio (Org.). **Filosofia, psicanálise e sociedade**. Rio de Janeiro: Azougue, 2011.

GARCIA, Roseana Moraes. O uso da consulta terapêutica na clínica da tendência anti-social. **Nat. hum.**, São Paulo , v. 7, n. 1, p. 209-234, jun. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302005000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 set. 2017.

GURFINKEL, Decio. Adições: da perversão da pulsão à patologia dos objetos transicionais. **Psyche (Sao Paulo)**, São Paulo , v. 11, n. 20, p. 13-28, jun. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 set. 2017.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAS LEYES DE LA TERMODINÁMICA. Direção: Mateo Gil. Zeta Cinema, Netflix, 2018, 01h 40min.

LEHMAN, P. Y.; NAFFAH, N.; LEVISKY, L. D.; AÇÚCAR, I. (org.); RAMOS, H. (coorg.). **Winnicott Ressonâncias**. A Construção do Psiquismo: A Singularidade da perspectiva Winnicottiana, Contribuições de Winnicott sobre a Adolescência, Tendências Antissociais: Teoria e Práticas Preventivas a partir do Conceito de Espaço Transicional. 1ª ed. São Paulo: Primavera Editorial, 2012. p 94 e p 98.

LOBACZEWSKI, A. **PONEROLOGIA: PSICOPATAS NO PODER**. Tradução de Adelice Godoy, Campinas: Videeditorial, 2014.p 134- 135 e p 163.

LOPARIC, Z; LINS, M.; OUTEIRAL, J.; BELMONT, S.; CATAFESTA, I.F.M. (org). W. Winnicott na universidade de São Paulo: o verdadeiro e o falso: a tradição independente na psicanálise contemporânea. In: **Winnicott e o “Pensamento Pós-Metafísico”, A Ilusão e o Uso Criativo dos Objetos, Algumas Considerações a Partir de “O Uso de Um Objeto”, perspectivas de pesquisa na abordagem winnicottiana, verdadeiro e falso self: considerações sobre o superego a partir de Winnicott.** Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Cidade Universitária, São Paulo. 1996. p. 36 – 72– 119 – 157.

MACHADO JUNIOR, Péricles Pinheiro. Psicanálise, cinema e fantasia: a análise de filmes pela perspectiva de Melanie Klein e autores pós-kleinianos. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Doi: 10.11606/D.47.2014.tdee – 19112014-154551. Acesso em: 2018-02-27.

MATTA, Roberto da. O Que faz o Brasil, Brazil? In: **A Casa a Rua e o Trabalho.** Rio de Janeiro: Editora Rocco LTDA, 1986. p 19.

METZ, Christian. **O Significante Imaginário: Psicanálise e Cinema.** Trad: António Durão. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1980. p 34 - 37.

MC.GRATH, W. J. **Política e Histeria a Descoberta da Psicanálise por Freud.** Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. p 22, p 28 e p 214.

MIURA, Paula Orchiucci et al. A constituição do self a partir das relações familiares abusivas: um enfoque winnicottiano. *Psicologia Revista*, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 43-66, ago. 2011. ISSN 2594-3871. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/6792/4915>>. Acesso em: 02 maio 2018

MUYLAERT, C. J.; JÚNIOR., V. S.; GALLO, P. R.; NETO, M. L. R.; REIS, A. O. A. **Entrevistas Narrativas: Um Importante Recurso em Pesquisa Qualitativa.** *Revista Escola Enfermagem USP*, São Paulo, Volume 48, ESP2, 193-199, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf>. Acesso em 6 de maio de 2017.

NAFFAH, Neto. **A pesquisa psicanalítica.** *J. psicanal.*, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 279-288, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 4 de abril de 2017.

NAFFAH, Neto. Falso self e patologia borderline no pensamento de Winnicott: antecedentes históricos e desenvolvimentos subsequentes. *Nat. hum.* [online]. 2010, vol.12, n.2 [citado 2018-05-11], pp. 1-18 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000200004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1517-2430.

O DESTINO DE UMA NAÇÃO. Direção: Joel Wright. Produção: Anthony McCarten et al. Working Title Films, Univesal Pictures, 2018, 2h 06min.

ONOCKO, C. R. T. **O Planejamento no Labirinto Uma Viagem Hermenêutica**. 2001. 210 f. Tese. Departamento de Medicina Preventiva e Social, Universidade de Campinas, São Paulo. 2001.

OUTERIAL, J.; HISADA, S. (org). **Winnicott Seminários paulistas**. 1ª ed. São Paulo: Editora Anna Eliza de Villemor Amaral Guntert. 2001. p. 71-76.

REP. MICHEL; ROBERT H. **H.J.Res.104 One Hundred Second Congress of the United States of America**. Tradução de Gaetano Rafael Iaccarino. Disponível na Internet via <<https://www.congress.gov/bill/102nd-congress/house-joint-resolution/104/text>>. Acesso em: 16 de Novembro de 2018.

SANTOS, M. Maria Josefina. . **Sob o véu da psicopatia: contribuições psicanalíticas**. RESPONSABILIDADES, 2013. p 79.

VERNANT, J.; NAQUET, P.V. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. Tradução de Anna Lia A. de Almeida Prado Et al. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999. p 74 e p 85.

WINNICOTT, D.W. **A Família e o Desenvolvimento do Indivíduo**. In: Tradução de Jane Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1986. p 98 – 99 - 100 e p 103 – 104.

_____, D. W. **O Ambiente Os Processos de Maturação: Estudo Sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional**. Tradução de Irineu Constantino Schuch Ortis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p 268.

_____, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.p 14, p 17, p 109, p 129 e p 158 – 159, .

_____, D. W. **Tudo Começa em Casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 2005.p 15- 16 p 151, p 153, p 156, p 158, p 162, p 250, p 214, p 255- 256-257, e p 261.

_____, D. W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davy Bogolometz.Rio de Janeiro: Imago, 2000.p 28, p 138 - 139,p 225 - 226, p 228 - 229, p 311,p 313 – 314.

_____, D. W. **A Criança e o Seu Mundo**. 6ª Ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p 186.

_____, D. W. **Explorações Psicanalíticas**. 1ª Ed. Org: Clare Winnicott et.all. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Supervisão: José Ottoni Outeiral. Et. All. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p 71, p 74 – 75 – 76, p 160 -161- 162, p 185, p 190.

_____, D. W. **O Gesto Espontâneo**. 1ª Ed. Tradução: Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p 4, p 47, p 58, p 70, p 72, p 130 – 131 -132, p 136 -137, p 166 – 167 – 168 – 169.

_____, D. W. **Privação e Delinquência**. 5ª Ed. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p 30, p 45, p 101, p 104, p 131, p 141, p 166, p 171 -172 -173 e p 210.

ZIMERMAN, D. E. **Vocabulário contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008. p 333.